



LITERATURA NA ESCOLA

II CICLO DE DEBATES DO GPEALE

25 a 27 de março 2018

Programação e Resumos

Promoção



Apoio financeiro



SUMÁRIO

Apresentação.....	2
Coordenação do GPEALE.....	3
Coordenação geral do evento.....	3
Comitê organizador.....	3
Comitê científico.....	3
Programação geral.....	4
Minicursos e oficinas.....	7
Sessões de comunicação.....	9
Resumos.....	18

APRESENTAÇÃO

O II Ciclo de debates do GPEALE tem como tema central a Literatura na Escola. O papel da literatura na formação do leitor é inegável sendo considerada um direito de todos os cidadãos, conforme defende Antônio Cândido. Na escola, a literatura ainda ocupa um lugar marginal. Embora o acervo das bibliotecas escolares tenha crescido e se diversificado, sabemos que boa parte dos livros literários não são lidos ou tratados de forma adequada. O evento em questão pretende discutir as diferentes facetas da literatura na escola, as possibilidades e os desafios do trabalho com o texto literário na formação de leitores. As discussões estão organizadas em 4 eixos, quais sejam: 1. Literatura e Infância. 2. Literatura e formação docente; 3. Formação de leitores e mediação de leitura; 4. Literatura, outras artes e outras áreas.

Sejam bem-vindos a São João del-rei e à UFSJ. Desejamos a todos um ótimo evento e que os debates sejam muito proveitosos.

Comitê organizador

COORDENAÇÃO DO GPEALE (Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Letramento)

Dr^a Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo – Coordenadora (UFSJ/UFPE)

Dr. Clécio Bunzen – Vice-coordenador (UFPE)

COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

Dr^a Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ)

Coordenadora do GPEALE (Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Letramento).

COMITÊ ORGANIZADOR

Amanda Valiengo (UFSJ)

Ana Caroline de Almeida (GPEALE / UFPE)

Bianca Damas (GPEALE /UFSJ)

Daniele Trindade (GPEALE /UFSJ)

Daniela Quintana (GPEALE /UFSJ)

Janaína Telma (GPEALE)

Krishna Kelly Bastos Ferreira (GPEALE/UFSJ)

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (GPEALE/UFSJ)

Mônica de Ávila Todaro (UFSJ)

Paula Aparecida Diniz Gomides Castro Santos (GPEALE/UFSJ)

COMITÊ CIENTÍFICO

Amanda Valiengo (UFSJ)

Camila Valiengo (UNESP)

Ana Caroline de Almeida (GPEALE/UFPE)

Clecio Bunzen (GPEALE/UFPE)

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto (UNESP-Marília)

Débora Amorim Gomes Da Costa-Maciel (GPEALE/UPE)

Elieuz Aparecida de Lima (UNESP)

Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo Barbosa (GPEALE/UFPE)

Paula Cristina Silva (UFVJM)

Silvana Paulina de Souza (UFAL)

Thamar Kalil de Campos Alves (UFVJM)

Vânia A Costa (UFRN)

PROGRAMAÇÃO GERAL

II CICLO DE DEBATES DO GPEALE

LITERATURA NA ESCOLA

25 a 27 de março de 2018

DIA 25/03/18

16h às 18h – credenciamento e inscrição em minicursos e oficinas (Campus Dom Bosco)

18h30 - Recital poético *Desabaios* - Pedro Américo de Farias e Mesa de abertura

19h30 - Conferência de abertura: Literatura e resistência

Conferencista: Dr^a Maria das Graças Paulino (UFMG)

Coordenação: Dr^a Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo

Local: Teatro do Campus Dom Bosco - UFSJ

21h - Lançamento de livros e coquetel de abertura com a participação do Coral de Tunas e Trombones da UFSJ.

DIA 26/03/18

10h às 12h - Credenciamento/Inscrições em oficinas e minicursos

13h30 às 15h30 – Minicursos e oficinas

15h30 – Intervalo

16h às 18h – Sessões de comunicação

18h – Intervalo

18h30 às 20h – Mesa 1 – Literatura e infância

Dr^a Patrícia Corsino (UFRJ)

Dr^a Amanda Valiengo (UFSJ)

Coordenação: Dr^a Maria Emanuela Esteves dos Santos (UFSJ)

20h às 21h30 – Mesa 2 – Escolarização da literatura e formação docente: questões para o debate

Dr^a Ana Elisa Ribeiro (CEFET/MG)

Dr^a Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (GPEALE/UFSJ)

Coordenação: Dr^a Maria Ângela de Araújo Resende (UFSJ)

DIA 27/03/18

13h30 às 15h30 – Minicursos e oficinas

15h30 – Intervalo

16h às 18h – Sessões de comunicação

18h – Intervalo

18h30 às 20h – **Mesa 3 – A biblioteca como uma instância de formação de leitores**

Dr^a Maria Amélia Dalvi (UFES)

Dr^a Ester Calland de Sousa Rosa (UFPE)

Coordenação: Dr. Clécio Bunzen (UFPE)

20h às 21h30 – **Mesa 4 – Literatura, outras artes e outras áreas do conhecimento**

Dr^a Mônica de Ávila Todaro (UFSJ)

Dr. Wendel Cássio Christal (UNINOVE)

Coordenação: Dr^a Giovana Scarelli (UFSJ)

21h30 às 22h – Encerramento do evento

Coordenação Dr^a Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ)

MINICURSOS E OFICINAS

13h30 às 15h30

1. O PAPEL DOS TEXTOS LITERÁRIOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS, ANOS INICIAIS E FINAIS (minicurso)

Professor: Dr Clécio Bunzen (UFPE)

Data: 26 e 27

Local: sala 1.97

Ementa: O presente minicurso objetiva discutir o espaço e o papel dos textos literários nos livros didáticos de Português dos Anos Iniciais (4º e 5º anos) e dos Anos Finais (6º a 9º anos), com a finalidade de refletir sobre como os textos/discursos produzidos na/para esfera literária são apropriados pelas coleções didáticas e transformados em objeto de ensino de língua.

2. A HETEROGENEIDADE DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL (oficina)

Professora: Dra. Mônica de Ávila Todaro (UFSJ)

Data: 26/03

Local: sala 1.98

Ementa: A importância da literatura infantil na escola é reconhecida. Porém, ainda há pouca oferta de livros para crianças que tratam da temática velhice. A oficina estará baseada numa "Ação educativa gerontológica". Isto é, um fazer pedagógico progressista planejado de maneira intencional por uma educadora com formação na área de gerontologia, a fim de causar impacto nas atitudes de pessoas mais jovens em relação aos idosos, por meio de uma prática dialógica e problematizadora. Para isso, os participantes entrarão em contato com 30 obras que apresentam diferentes modos de viver a velhice.

3. CONTAÇÃO E "CANTAÇÃO" DE HISTÓRIAS (oficina)

Professoras: Drª Amanda Valiengo (UFSJ) e Drª Camila Valiengo (Unesp)

Data: 26/03

Local: sala 1.104

A oficina tem como objetivo apresentar e vivenciar a literatura infantil na música, utilizando a sonorização na contação de histórias e a canção como possibilidade de encantamento literário.

4. LITERATURA INFANTIL E RELAÇÕES RACIAIS (minicurso)

Professora: Paula Cristina Silva (UFVJM)

Data 26 e 27/03

Local: sala 1.105

Ementa: Literatura infantil e relações raciais na escola. Identidade racial, práticas educativas e infância.

5. DA PALAVRA À MÚSICA (Oficina)

Professora: Sofia Leandro Ferreira (UFSJ)

Data: 26 e 27/03

Ementa: Desenvolvimento de atividades de improvisação e criação musical individual e em conjunto a partir da palavra.

Local: sala 1.99

6. LIVRO, BIBLIOTECA E MEDIAÇÃO: A ESCOLA COMO *LOCUS* DO PROCESSO DE LEITURA LITERÁRIA (minicurso)

Professoras: Magda Dezotti (GPEALE/UFPE) e Nathaly Cristhine Ramos da Silva (GPEALE/UFPE)

Data: 26 E 27/03

Local: sala 2.39

Ementa: História do livro. A biblioteca como espaço de leitura. A mediação da leitura literária. A escolarização da literatura. Análise de eventos de letramento literário no contexto escolar.

7. INFÂNCIA E LETRAMENTO LITERÁRIO (Minicurso)

Professoras: Ana Caroline de Almeida (GPEALE/UFPE) e Érica Feijó (GPEALE/Secretaria Educação de Paulista)

Data: 26 e 27/03

Local: sala 2.41

Ementa: Infância como construção social e criança como sujeito histórico. A leitura literária na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O papel do professor na mediação desta leitura. A leitura literária na formação do pequeno leitor. O letramento literário.

8. INTERTEXTUALIDADE NAS AULAS DE LITERATURA: LETRAMENTO COMO FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA (oficina)

Professoras: Rayra Farias de Araújo (GPEALE/UFPE) e Rosana Meira Lima de Souza (GPEALE/UFPE)

Data: 26 e 27/03

Local: 2.40B

Ementa: Compreender o processo de intertextualidade como ferramenta metodológica que visa aproximar estudante e texto literário; Utilizar mecanismos que propiciem interações significativas entre estudante e texto literário a fim de ampliar as diversas possibilidades desta linguagem artística; Refletir sobre a literatura como um instrumento de construção da cidadania e de fomento ao olhar crítico a respeito de assuntos atuais e de interesse da sociedade.

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

26/03/2018 – 16h ÀS 18h

SESSÃO 1 – Sala 1.97

Coordenação: Valdinéia Alves (UFSJ)

EIXO 1 – LITERATURA E INFÂNCIA

1. O mundo encantado do Sítio Do Picapau Amarelo. Vivian Alves Souza Andrade (Prefeitura Municipal do Paulista)
2. Personagens no processo de alfabetização e letramento. Bárbara Marta Silva (Uninter)
3. Entre ler, imaginar e recontar: produção de narrativas a partir da releitura do livro “bárbaro” Juliana Paula De Oliveira Gomes (UFLA) Ilsa Do Carmo Vieira Goulart (UFLA)
4. Tia”, e a leitura deleite? A mediação leitora em sala de aula. Cristiana Vasconcelos do Amaral e Silva (UFPE)
5. Literatura da e para a criança: análise de uma produção literária infantil Valdinéia Alves E Daiane Resende (UFSJ) Amanda Valiengo (UFSJ)
6. Era uma vez...: o contar histórias com a turma do maternal ii . Rosilene Maria Da Silva Gaio (Centro solidário de educação infantil)

SESSÃO 2 - Sala 1.98

Coordenação: Maria Elisa De Araújo Grossi, (UFMG)

EIXO 1 – LITERATURA E INFÂNCIA

1. Construindo sentidos nas rodas de leitura: o papel da professora no momento da conversa sobre o texto literário. Barbhara Elyzabeth Souza Nascimento (IFPE)
2. As rodas de leitura na educação infantil: doutrinação x reflexão Barbhara Elyzabeth Souza Nascimento (IFPE) Ana Carolina Perrusi Brandão (UFPE)
3. A voz das crianças a partir da contação de história na educação infantil Âmali Pessôa (UFSJ) Guiomar Francisca Teixeira (UFSJ)

4. Leitor ouvinte: possibilidades da leitura como forma de interação Cláudia Roquini Nascimento (UFLA) Ilsa Do Carmo Vieira Goulart (UFLA)
5. A conversação literária com crianças do 1º ciclo de formação humana e o processo de compreensão criadora Maria Elisa De Araújo Grossi, (UFMG) Maria Zélia Versiani Machado (UFMG)
6. Mediações de leitura literária na educação infantil: reflexões sobre os tempos e espaços para a formação do leitor Maiara Ferreira De Souza (UFJF) Ana Maria Moraes Scheffer (UFJF)

SESSÃO 3 – Sala 1.104

Coordenação: Clécio Bunzen (GPEALE/UFPE)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. Formação de leitores literários: as atividades dos livros didáticos podem contribuir (?). Débora Ventura Klayn Nascimento (UFRJ)
2. Livro de leitura *meninos travessos*: um olhar. Ingrid Janini Ramos De Oliveira (UFJ/Catalão) Selma Martines Peres (UFJ/Catalão).
3. Reflexões sobre o caderno ‘práticas de literatura’ da coleção *singular & plural* Clécio Bunzen (UFPE)
4. Literatura infanto-juvenil, autoajuda, e youtubers: diálogos com o ensino de literatura. Diego Bautz
5. Nunca menos que a música Guilherme Trielli Ribeiro. (UFMG)
6. Literatura, leituras e limiares. Angeli Rose CEDERJ/UNIRIO-UFRJ

SESSÃO 4 – Sala 2.41

Coordenação: Cibele Aparecida De Moraes (UFSJ)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. Tudo o que não invento é falso: a fabulação da infância na poesia de Manoel De Barros Maria Ângela De Araújo Resende (UFSJ)
2. Literatura informativa ou informação literária? Os limites entre a comunicação da ciência e a literatura no *diário de pilar* Thaís Cabral Leocádio (UFMG)
3. *A tecelã das noites contadas*. Cibele Aparecida De Moraes (UFSJ) e Sonia Moraes Haddad (UFSJ)
4. Disfarce do poeta/eu lírico como pretexto poético Ana Paula Alves Generoso (ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR MORAIS – MG)
5. Conversas de um poeta colecionador: a transposição da literatura benjaminiana em dramaturgia para o monólogo “haveres da infância; um poeta colecionador Erika Santos (UFSJ). Cláudio Guillarduci (UFSJ)
6. Memorial literário: as histórias que formaram leitores. Cristina Varandas Rubim.

SESSÃO 5 – Sala 1.105

Coordenação: Bianca Damas (UFSJ)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

- 1.A poesia na escola. Keber Mazione Lima Ferreira (IFMG)
- 2.A arca de Noé da literatura infantil: um estudo comparativo dos animais nas poesias de Vinícius De Moraes E Sidônio Muralha Barros, Sandra Elizabeth Silva (CESJF/PUC MINAS/UFSJ).
- 3.*Poiesis* na sala de aula. Diogo Ballestero Fernandes de Oliveira
- 4.Compreendendo o ato de ler como produção de sentidos e de saberes na educação infantil. Ludmila Magalhães Naves (UFLA) Ilsa Do Carmo Vieira Goulart (UFLA)
- 5.O simbolismo animal em narrativas infantis, Sandra Elizabeth Silva Barros. (CESJF/PUC Minas)
- 6.Literatura na escola: a arte da palavra na poética da aula. Angela Maria Da Costa E Silva Coutinho (IFRJ)

SESSÃO 6 – Sala 2.39

Coordenação: Magda Dezzoti (GPEALE/UFPE)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. Formação do leitor literário: usos de bibliotecas escolares Cleide de Araújo Campos (UFOP)
2. A importância da biblioteca escolar e da sala de aula como espaços de leitura e de formação literária para jovens leitores de periferia. Eliana Guimarães Almeida (UFMG) Maria Zélia Versiani Machado (UFMG)
3. A sala de leitura: analisando um evento mediado pela professora de biblioteca. Magda Dezotti (UFPE) Maria Do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ/UFPE)
4. Mala de leitura da UFMG: o processo de formação do leitor literário. Cecília Vieira do Nascimento (UFMG)
5. A leitura literária na escola: discutindo a literatura nos anos iniciais do ensino fundamental. Carla da Cruz Santos (UFRB) Dalila Lima da Silva (UFRB) Erica Bastos da Silva (UFRB)
- 6.. Relato de experiência do projeto “Meu primeiro diário”: uma reflexão com uma turma do Programa Novo Mais Educação sobre leitura e escrita. Rosana Ramos Bunzen (FAFIRE)

SESSÃO 7 – Sala 2.40B

Coordenação: Krishna Kelly Bastos Ferreira (UFSJ/GPEALE)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. Projeto Leitor de Sorte: leitura e encantamento em turmas do ciclo, em uma escola da baixada. Deise Maria dos Santos (Professora Municipal Nova Iguacu/ GRUPENAD/UFRRJ)
2. Projetos literários: potencial para garantir o efetivo trabalho com letramento literário Rita Cássia de Oliveira (UFLA) Ilsa do Carmo Vieira Goulart (UFLA)

3. Projeto escrever cartas: estratégia para desenvolver comportamentos escritores e leitores - escrevendo cartas para autores de livros infantis. Inêz Angelina da Fonseca (EMEI Profª Maria Luiza Moretti Gentile)
4. O gênero carta pessoal no processo de interação com o texto literário. Hécio Carlos de Oliveira Silva (UFOP)
5. A leitura literária em sala de aula e a formação do leitor proficiente. Vildete Gomes Pereira (UFMG)
6. Reflexões sobre a leitura e o processo de formação de leitores Thaís de Castro Casagrande (UFLA) Ilsa do Carmo Vieira Goulart (UFLA)

SESSÃO 8 – Sala 2.41

Coordenação: Ana Caroline de Almeida (UFPE)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. O ato de ler refletido sobre os espaços de leitura: o que se discute sobre isso? Ariana Alves Da Silva (UFLA) Ilsa Do Carmo Vieira Goulart (UFLA)
2. A literatura em turmas de alfabetização: o que nos revela a pesquisa etnográfica? Ana Caroline de Almeida (UFPE) Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFPE/UFSJ)
3. O prazer da leitura: uma problemática? Estela Conceição de Albuquerque (UFRJ /SME-Duque De Caxias)
4. Mediação de leitura e formação de leitores: relato de experiência sobre o duplo processo de formação de uma bolsista de extensão Bruna Lugatti de Souza (UFF)
5. A mediação de eventos de leitura de livros literários na escola: uma análise etnográfica. Nathaly Cristhine Ramos da Silva (UFPE)
6. Épicos pós-modernos: um trabalho de letramento literário no Ensino Fundamental II. Juliana Lannes (CPII/UFRJ)

SESSÃO 9 - Sala 1.99

Coordenação: Érica Feijó de Souza Lima (Secretaria de Educação de Paulista/GPEALE)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. Formação do leitor literário em contextos de educação infantil: linguagem em diálogo. Silvia Regina Pincerato Petrilli (FAC/FEA)
2. Título: leitura? No cônego tem! Érica Feijó de Souza Lima (Secretaria de Educação de Paulista)
3. A mediação de leitura no contexto escolar: o olhar de professores da rede municipal de belo horizonte acerca da formação de leitores e da importância dos clássicos da poesia infantil. Raquel Cristina Baêta Barbosa Isabel Cristina Alves da Silva Frade (UFMG)

4. A falta de paternidade na releitura de João e Maria em “na floresta mágica de Lúcia Miguel Pereira” Maria Fernanda Soares Silva Senna. Edwirgens Aparecida Lopes Ribeiro De Almeida (Unimontes)
5. O trabalho com a literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental e a construção da identidade docente. Anna Carolyna Franco Américo. (UFMG) Poliane Cristina Garcia Silva (UFMG) Thaís de Souza Belo (UFMG) Cláudia Staring (UFMG)
6. A representação da personagem Bruxa em livros de literatura infantil contemporâneos. Anna Carolyna Franco Américo (UFMG). Celia Abicalil Belimro (UFMG)

27/03/2018 – 16H ÀS 18H

SESSÃO 10 – Sala 1.97

Coordenação: Magda Aparecida Lombardi Ferreira (UFSJ)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. Estágio Curricular Supervisionado IV: Compartilhando Experiências. Sandreia de Santana Barreto (UNEB) Fernando Da Silva Monteiro.
1. Formação do leitor: o que dizem as pesquisas do GT 10 da ANPED. Naiane Angélica Alves Borges (UFG) Andrea Del Larovere (UFG)
2. Da leitura a práticas de (Multi)letramentos literários Marcel Alvaro De Amorim (IFRJ/PIPGLA-UFRJ)
3. Leitura na creche: possibilidades de um trabalho com os bebês. Bianca R. Lauro (Secretaria de Educação de Juiz de Fora) Núbia de M. A. Schubert (Creche Comunitária Leila de Mello Fávero) Zuleica Beatriz G. Nocelli (UFSJ)
4. A mediação leitora na biblioteca escolar e sua relação com as atividades desenvolvidas em sala de aula. Cristiana Vasconcelos do Amaral e Silva Andréa Tereza Brito Ferreira (UFPE)
5. Vulnerabilidade social e leitura: caminhos para formação do leitor crítico Lucas Rocha De Brito Rodrigues (UFSJ) Magda Aparecida Lombardi Ferreira (UFSJ)

SESSÃO 11 – Sala 1.98

Coordenação: Guilherme Trielli Ribeiro (UFMG)

EIXO 4 – LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. Prática de letramento literário: refletindo felicidade clandestina de Clarice Lispector Geovâneo Dos Santos Souza. Herlanne Nayara Do Nascimento Santana (UFAL)
2. Diário de leitura em sala de aula e produção de subjetividade. Luiz Felipe Andrade (UERJ/Colégio Pedro II) Raquel Souza (Colégio Pedro II)
3. Nas veredas de Guimarães Rosa: uma experiência interdisciplinar com foco no letramento literário. Vildete Gomes Pereira (UFMG)

4. Poéticas interterritoriais na sala de aula. Guilherme Trielli Ribeiro (UFMG). Poliana Moreira Da Silva (UFMG)
5. A imagem nacional e internacional de autores brasileiros: a (re)construção de cânones Lucas de Paula Medeiros Carolina Alves Magaldi.
6. Música e Literatura em duas experiências de criação musical coletiva em sala de aula. Sofia Leandro (UFSJ)
7. Novas tecnologias e letramento literário na escola. Marília Scaff Rocha Ribeiro.

SESSÃO 12 – Sala 1.99

Coordenação: Fernanda Omelczuk Walter (UFSJ)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. A literatura e a música no IFMS campus jardim. Sirley da silva rojas oliveira (IF Mato Grosso do Sul)
2. Percepções inteligíveis sobre a canção e a literatura para o ensino médio. Vitor Ferreira (UFRJ)
3. Cinema e formação de professores: poesia, invenção e delírios imagéticos no encontro intergeracional Jacqueline de Castro M. F. Silveira (UFSJ) Fernanda Omelczuk Walter (UFSJ)
4. Literatura e cinema na formação estética do estudante do ensino fundamental Juçara Moreira Teixeira (UFMG) Celia Abicalil Belmiro UFMG)
5. Literatura e cinema de animação: um estudo do poema “Morte e Vida Severina” em animação Luciano De Barros Carneiro (PPEDU/UFSJ)
6. Literatura brasileira e música: um relato de experiência sobre a criação de uma banda escolar no interior de minas gerais através do método da capo. Idalmo Jonatan Castro Santos (Conservatório Estadual de Música de São João del Rei MG)

SESSÃO 13 - Sala 1.103

Coordenação: Paula Aparecida Diniz Gomides Castro Santos (GPEALE/UFSJ)

EIXO 2- LITERATURA E FORMAÇÃO DOCENTE

1. A literatura na formação inicial dos pedagogos: entre o conforto do recurso didático e o desafio da experiência estética Mônica Pinheiro Fernandes (IM/UFRRJ)
2. Testemunhos de alunos de um curso de pedagogia em uma aula sobre letramento literário: entre o texto e o livro, um relato de experiência Paula Aparecida Diniz Gomides Castro Santos (UFSJ) Maria Do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ)
3. A formação docente, a literatura e o diálogo como um princípio constitutivo do processo de ensino e de aprendizagem Caroline Reis De Lima (UFRRJ)

4. Curso de letras: nas entrelinhas da leitura. Kelen Benfenatti Paiva. Ozana Aparecida Do Sacramento (IF Sudeste)
5. Leitura literária e formação docente: um estudo de caso dos professores de literatura da região Xingu. Sérgio Wellington Freire Chaves (UFPA)
6. Formação Continuada: Formando Educadores para Formar Leitores. Altina Abadia da Silva. Avelina Oliveira de Sousa Martins. Priscilla de Andrade Silva Ximenes

SESSÃO 14 – Sala 1.103

Coordenação: Selma Martines Peres Regional Catalão (UFG/Regional Catalão)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. Mitologia e ensino religioso: um relato de experiência a partir da obra de Rick Riordan Mauro Rocha Baptista (UEMG) Damodara Krishna Devi Dasivargas (PAPQ/UEMG) Breno De Oliveira Dutra Baêta (UEMG) Talita Ariane Da Silva Ferreira (UEMG) Antônio Victor Bissulle Maciel (BIC Júnior/FAPEMIG-CNPQ) Luna Damázio Bernardo De Assis (BIC Júnior/Fapemig-CNPQ)
2. A literatura como recurso didático-pedagógico para o ensino de filosofia Leonardo Júnior Sobrinho Rosa (CAPES/UFSJ/PIBID Filosofia) Maria José Netto Andrade (DFIME/UFSJ)
3. A potência da literatura na metodologia de “filosofia com crianças”. Cristiane Fatima Silveira (UFSJ)
4. Interdisciplinaridade em foco: olhares da literatura e da matemática sobre a formação continuada de professores dos anos iniciais do ensino fundamental Eliandra Moraes Pires. Everaldo Silveira. Marivane Pereira Klippel (UFSC) Nadir Peixer da Silva (UFSC)
5. “Histórias De Escola” – processo de formação de uma comunidade aprendente Idê Moraes Dos Santos (PUC/SP) Marcos Rodrigues Ferreira (Unicamp/SP)
6. Questões-problema sobre a leitura Gislene De Sousa Oliveira Silva (UFG/Regional Catalão) Selma Martines Peres Regional Catalão (UFG/Regional Catalão)

SESSÃO 15 – Sala 1.104

Coordenação: Valdinéia Alves (UFSJ)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

2. Teatro bilíngue libras/português: possibilidades educacionais. Luisa Bergo (bolsista IC - UFJF) Vânia Miranda (TAE - UFJF) Carolina Alves Magaldi (UFJF)
3. Literatura infantil e o ensino de ciências Priscila Nádia Santos De Oliveira (UFMG) Eliane Ferreira De Sá
E
4. Projeto literatura infantil/artes visuais confecção artesanal de um livro de história. Eliette Aparecida Aleixo.
5. Materialidade: fotografia e literatura infantil Ludmila Magalhães Naves (UFLA) Ilsa Do Carmo Vieira Goulart (UFLA)

6. Leitura apreciativa das formas visuais nos peritextos dos livros de potencial destinação infantil e a formação do leitor iniciante. Margareth Silva De Mattos (UFF)

SESSÃO 16 – Sala 1.105

Coordenação: Daniela Quintana(GPEALE/UFSJ)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. Sagas juvenis distópicas da América Latina: espaço latino-americano, protagonismo feminino e escritoras mulheres. Laís Dias de Farias (UNILA)
2. A representação da mulher no conto *acontecimento da noite*, de Lúcio Cardoso Joice Pilar De Carvalho Souza (IF Sudeste)
3. *Ser e parecer* feminina: subsídios para a mediação de leitura na construção do imaginário sócio-discursivo. Beatriz Dos Santos Feres (UFF)
4. A representação do idoso no poema “velhice”, de Gilka Machado. Deivide Almeida Ávila (IF Sudeste)
5. Uma comparação da representatividade do negro nas obras *A Fada Menina*, de Lúcia Miguel Pereira e *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato. Yanne Maira Silva. Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida.

SESSÃO 17 - Sala 2.39

Coordenação: Krishna Kelly Bastos Ferreira (UFSJ/GPEALE)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. Tecendo Africanidades No Ceará a partir da obra literária Adjokè e as palavras que atravessaram o mar. Patrícia Pereira Matos (IF Sudeste)
2. Entre quatro paredes: literatura e identidade quilombola em sala de aula Diogo Pereira Matos (IF Sudeste)
3. O acesso ao texto literário através das memórias da cultura afro-brasileira. Sarah Satsuki Oliveira Nakano (PROFLETRAS UFMG)
4. A construção da autoestima da criança negra através da literatura infantil “o mundo no Black Power De Tayó”. Paula Carpanez Corrêa (UFSJ)
5. Literatura infantil e a temática étnico-racial Cristiane Veloso De Araujo Pestana (UFJF)
6. Literatura indígena e a formação do leitor multicultural. Leila Silvia Sampaio (UEMT)

SESSÃO 18 – Sala 2.40B

Coordenação: Kely Cristina Nogueira Souto (Centro Pedagógico – UFMG)

EIXO 4 - LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. As construções identitárias de raça e gênero nas classes de alfabetização a partir da experiência literária Maria Cecília Castro. Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF)
2. A cor na literatura: dos processos e assunção de uma identidade negada e vilipendiada em viva o povo brasileiro Adilton Da Cruz Santana (UNEB)
3. O cordel na sala de aula e as interfaces com os outros campos de conhecimento. Kely Cristina Nogueira Souto (Centro Pedagógico – UFMG)
4. Heteronormatividade na publicação de narrativas indígenas para o público infanto-juvenil. Joaquim (UFJF), Vera Fernandes (UFJF), Carolina Alves Magaldi (UFJF)

SESSÃO 19 – Sala 3.33

Coordenação: Rayra Farias de Araújo (Professora Da Educação Básica/GPEALE)

EIXO 3 - FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

1. Formação de leitores e mediação de leitura Ana Carla Araújo Assunção Juçara Gomes de Moura Wanessa Geicielle da Silva Nunes Júlio Cesar Socorro Duarte Rosa Aparecida do Nascimento Maria Aparecida Lopes Rossi Sheila Santos Santana Aline Marques da Silva (UFG/Catalão)
2. Bruxas, teias, monstros e aranhas: espaço e mediação de leitura no CELLIJ Renata Junqueira de Souza (FCT/CELLIJ/UNESP) Cássia Carolina Piva (FCT/CELLIJ/UNESP) Ana Carolina Furini (FCT/CELLIJ/UNESP)
3. O Papel Do Professor Na Ampliação Das Competências Leitoras Gabrielle Lima Pereira Maísa Viani Trevizan Juçara Gomes de Moura Maria Aparecida Lopes Rossi (UFG/Catalão)
4. Circuito da poesia: a literatura integrando áreas do Conhecimento . Rayra Farias de Araújo (Professora Da Educação Básica/GPEALE)

RESUMOS

EIXO 1 – LITERATURA E INFÂNCIA

MEDIAÇÕES DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre os tempos e espaços para a formação do leitor

Maiara Ferreira de Souza - UFJF
Ana Maria Moraes Scheffer - UFJF

O minicurso proposto tem por objetivo refletir sobre a mediação de leitura literária mobilizadas em turmas de Educação Infantil. Pretende-se apresentar o trabalho de extensão que foi desenvolvido pelo grupo de pesquisa LINFE – Linguagem, Infância e Educação – da Faculdade de Educação/UFJF ao longo do ano de 2017. Com base nesse trabalho, refletimos sobre a necessidade da realização de mediações de leitura literária como condição para formar leitores capazes de atribuir sentido aos diferentes gêneros literários, os quais demandam modos específicos para a sua leitura. Nesse sentido, a literatura se torna um dos eixos estruturantes da prática educativa e a Educação Infantil se apresenta como espaço de formação de leitores literários. A teoria histórico-cultural é a base teórica que subsidiou o desenvolvimento das mediações de leitura literária e que orientou a reflexão das análises do trabalho realizado. Nessa perspectiva, a leitura é concebida como prática cultural e, portanto, como parte do processo de humanização dos sujeitos. Nessa direção, a literatura possibilita que a criança, ao imbricar realidade e imaginação através da leitura, transforme em parte do seu ser aquilo que foi objetivado por outros homens ao longo da sua história, revelando, dessa forma, a sua força humanizadora. Partindo da constatação, advinda da pesquisa realizada, percebe-se que a mediação da leitura literária nos diferentes tempos e espaços escolares é um pilar da relação criança-adulto-formação do leitor, pois permite aos sujeitos envolvidos produzir e compartilhar sentidos e significados ao texto. Diante disso, pretende-se propor reflexões que permitam vislumbrar possibilidades de trabalho com a literatura nas turmas de Educação Infantil.

Palavras-chave: Literatura. Leitura literária. Mediação. Educação infantil.

AS RODAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCTRINAÇÃO X REFLEXÃO

Bárbhara Elyzabeth Souza Nascimento (IFPE)
Ana Carolina Perrusi Brandão (UFPE)

O presente estudo discute a mediação de uma professora em rodas de leitura, especificamente, nos momentos em que eram explorados valores morais na conversa com as crianças, a partir dos livros de literatura lidos para elas. Os dados analisados foram extraídos de uma pesquisa maior que investigou o potencial das rodas de história para o desenvolvimento de habilidades argumentativas na Educação Infantil. Foram videogravadas seis sessões de leitura e conversa sobre histórias, conduzidas pela professora com seu grupo de quinze crianças, entre 5 a 6 anos, de uma escola da rede pública do Recife. O material produzido foi analisado qualitativamente com base em autores como Lipman (1995), Kohan (2008), Devries (1998), Teberosky; Colomer (2003) e Zilberman (2003). Constatamos que, embora a professora selecionasse livros de literatura de boa qualidade (em termos gráficos, estéticos e textuais) e com temáticas interessantes para mobilizar a discussão com as crianças, a leitura de histórias parecia ser vista como uma oportunidade para ensinamentos morais de forma doutrinária. Esse tipo de preocupação ficou evidente em cinco, das seis sessões de leitura observadas. Vale frisar, que não defendemos a isenção da escola de sua responsabilidade quanto à formação ética das crianças. Assim, consideramos que o contato com a literatura pode também representar uma oportunidade para refletir sobre valores morais. Entretanto, neste estudo, discutimos sobre as possibilidades de que a conversa sobre o texto literário assuma um caráter doutrinário e coercitivo, solicitando dos pequenos a submissão e a incorporação de um falso *self* constituído por comportamentos julgados aceitáveis pela professora.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Roda de Leitura; Mediação docente; Literatura infantil; Doutrinação.

CONSTRUINDO SENTIDOS NAS RODAS DE LEITURA: O PAPEL DA PROFESSORA NO MOMENTO DA CONVERSA SOBRE O TEXTO LITERÁRIO

Bárbhara Elyzabeth Souza Nascimento (IFPE)

A presente pesquisa discute a mediação docente em rodas de leitura da Educação Infantil, especificamente, nos momentos em que conversava com as crianças antes, durante e depois da leitura, com a finalidade de ajudá-las a construir sentidos sobre os textos literários. Os dados apresentados foram extraídos de uma pesquisa maior de natureza colaborativa (NASCIMENTO, 2010; 2013), cujo objetivo residia no desenvolvimento de habilidades argumentativas das crianças em rodas de história. Participaram da pesquisa uma professora, da rede pública do Recife, e seu grupo de trinta crianças (5 – 6 anos). Além da mediação das cinco sessões de rodas de leitura, a docente participou, nos intervalos dessas sessões, de encontros de estudo e planejamento para conversar sobre a sua mediação, bem como organizar os procedimentos didáticos/estratégias a serem adotados nas sessões subsequentes. Nesses encontros, eram entregues e debatidas com a professora, as transcrições das sessões de rodas de leituras, previamente audiogravadas e transcritas pela pesquisadora. Com base nos estudos de Snow(2002), Sanchéz(2012), Chartier e Hebrard(1996), Brandão(2006), constatamos, em nossas análises, que a participação mais efetiva e significativa das crianças, mobilizada por questões de elaboração pessoal, ou seja, com emissão de opiniões, justificativas e contra-argumentos, ocorreu nas sessões de leitura em que a docente havia dedicado maior tempo à construção de sentidos, ao explorar diferentes tipos de perguntas que ajudassem as crianças a ativarem diferentes estratégias de leitura. O estudo confirmou nossas hipóteses, ou seja, a conversa genuína e crítica sobre o texto de literatura, pressupõe uma compreensão leitora ativa, reflexiva e significativa, afinal, como conversar sobre um texto que não compreendeu.

Palavras-chave: Educação Infantil; Roda de leitura; Mediação docente; Literatura infantil; Compreensão leitora

LITERATURA DA E PARA A CRIANÇA: ANÁLISE DE UMA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL

Valdinéia Alves e Daiane Resende (graduandas de pedagogia - UFSJ)

Este trabalho surge a partir de inquietações produzidas pelas leituras de Corsaro (2011) e Sarmiento (2002) sobre Sociologia da Infância, realizadas no grupo de Estudos e Pesquisa em Especificidades da Docência na Educação Infantil (GEPEDEI). Os autores defendem a existência de uma cultura produzida e reproduzida interpretativamente pelas crianças, a partir do contato com a cultura dos adultos e seus pares. E entendem que a literatura infantil, produzida por adultos para crianças ou pelas próprias crianças, faz parte da cultura da infância (SARMENTO) ou cultura de pares (CORSARO, 2011). Mais especificamente, somente a partir da década de 1980, a concepção de criança começa a mudar de um lugar de “apagamento” para um lugar que a considera como produtora de arte e cultura. Concebendo a literatura infantil como uma forma de arte, e a criança como produtora de arte, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção de literatura infantil para e pela criança. Que espaços as produções das crianças ocupam? Como estas produções acontecem? Como a escola propicia e participa destas produções? Para tais reflexões baseamo-nos em autores como Leonardo Arroyo (2011), Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Josette Jolibert (1994). Como opção metodológica, analisamos qualitativamente um material intitulado “A caixa que conta histórias: trabalhando com contos”, desenvolvido com uma turma de terceira série, em uma escola pública de São Paulo. Consideramos que o trabalho com a literatura infantil é necessário tanto no contato da criança com a produção literária existente, como também por meio da sua própria produção.

Palavras-chave: Culturas Infantis; Literatura da criança; Literatura para a infância

“TIA”, E A LEITURA DELEITE? A MEDIAÇÃO LEITORA EM SALA DE AULA

Cristiana Vasconcelos do Amaral e Silva – UFPE

Este estudo apresenta um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido a partir de um roteiro de leitura, previamente elaborado com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública de Ensino de Recife - PE, objetivando analisar a mediação docente no processo de formação leitora desses alunos, utilizando como recurso um livro que compõe o acervo da biblioteca escolar. Participaram desta experiência vinte e seis alunos de ambos os sexos e idades entre 9 e 11 anos. O roteiro desenvolvido baseou-se nas estratégias de compreensão leitora, tendo como referência Solé (1998), Miguel, Pérez e Pardo (2010). O gênero escolhido para o desenvolvimento do roteiro foi contos de assombração. No contexto da mediação leitora, os alunos foram levados a ouvir a leitura do conto “O homem que enxergava a morte”, do livro “Contos de enganar a morte”, de Ricardo Azevedo. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a gravação de áudio do momento da contação de história, realizada no tempo destinado à leitura deleite (com base em um roteiro), posteriormente transcrita. De acordo com os dados obtidos, foi possível constatar que os alunos podem vencer dificuldades pessoais em relação à leitura e, conseqüentemente, ao aprendizado, quando são levados a utilizarem, de forma adequada, estratégias de leitura que lhes permitam desenvolver a compreensão leitora e de incorporar as aprendizagens em outros momentos, cujo uso da leitura se faz presente. Diante disso, a necessidade de ensiná-los a utilizar as estratégias de leitura desde as séries iniciais é inquestionável. E é preciso que essa ideia circule nas escolas, o quanto antes e o tempo todo.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Leitura; Mediação de Leitura; Formação de Leitores.

A VOZ DAS CRIANÇAS A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autoras: Âmali Pessôa - UFSJ
Guiomar Francisca - UFSJ
Amanda Valiengo - UFSJ

Neste trabalho temos o objetivo de refletir acerca da tentativa de dar voz às crianças a partir da contação de histórias. As bases teóricas estão calcadas: 1) na sociologia da infância – discussões realizadas pelas leituras de textos de Corsaro (2011) e Sarmiento (2004), realizadas no grupo de Estudos e Pesquisa em Especificidades da Docência na Educação Infantil (GPEDEI); 2) na filosofia para crianças de Walter Omar Kohan (1998) – estudos realizados e vivenciados na Disciplina de Estágio na Educação Infantil; e 3) na literatura infantil Betty Coelho (1991), Ana Rita de Cássia Santos Barbosa (2008), Linete Oliveira de Souza e Andreza Dalla Bernardino (2011). Segundo Corsaro (2011), a criança é um sujeito ativo, capaz, construtor e com voz para dizer sobre seus processos. A reprodução interpretativa é um dos conceitos do autor que afirma esse lugar de protagonismo e ação dessa geração que é constantemente silenciada. A partir dessas discussões, relatamos e analisamos uma série de atividades realizadas durante o estágio. Segundo Walter Omar Kohan (1998), a filosofia deve ser realizada em 5 etapas: Atividade prévia ao trabalho textual, Apresentação do texto, Problematização, Discussão filosófica e Atividade posterior à discussão. Realizamos as cinco etapas utilizando cinco histórias diferentes: Qual o sabor da lua?; A verdadeira história dos três porquinhos; João e Maria; Chapeuzinho Amarelo e Linéia no jardim de Monet. Para Barbosa e Bernardino (1991), a contação de história é uma estratégia pedagógica que favorece de maneira significativa a práxis docente. A escuta de histórias educa, desenvolve habilidades cognitivas, estimula a criatividade e o gosto pela leitura. Após a realização dessas etapas, destacamos aspectos que consideramos relevantes do trabalho com a filosofia para crianças e com a literatura para que a criança seja respeitada como protagonista nos distintos processos da vida: o fato dela aprender a escutar e estar em contato com diferentes modos de contar histórias, dela poder discutir o assunto que quiser, a partir da problematização e o registro, por meio de desenhos e pinturas como produções pessoais.

Palavras-chave: Criança protagonista; literatura infantil; Filosofia para crianças.

ENTRE LER, IMAGINAR E RECONTAR: PRODUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DA RELEITURA DO LIVRO “BÁRBARO”

Juliana Paula de Oliveira Gomes, UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart, UFLA

Este texto parte da necessidade de estudar a produção de narrativas de crianças de 4 a 8 anos baseada na releitura de imagens do livro “Barbaro”, de Renato Moriconi, em que a história é recontada a partir do texto visual. Consideram-se as linguagens como ferramenta para o processo de formação e integração dos sujeitos, de modo que a expressão oral da criança é valorizada como prática social. A leitura é considerada de forma ampla, para além da decodificação do código verbal escrito, compreende a interpretação de textos visuais, como a leitura de imagens, fotografias, sinais, etc. O leitor é compreendido como um sujeito que interage com o texto, recriando a partir de seus sentidos produzidos. Para isso, apresentaremos os resultados de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, a partir das gravações em campo, realizada com crianças de 4 a 8 anos, em que observamos como a produção de texto ocorre na oralidade com a releitura do texto visual. Para subsidiar a reflexão teórica nos apoiaremos nos estudos de Vygotsky (2001, 2007, 2008), sobre o processo de formação e relação entre a linguagem e o pensamento, bem como na concepção e linguagem de Bakhtin (2006), como processo enunciativo e interativo, na concepção de leitura de imagens de Ramos e Santaella. As observações indicam que as crianças apresentam variações na produção oral a cada etapa do desenvolvimento infantil, agregando novas palavras e expressões ao vocabulário e também se percebe como de uma simples imagem a criança é capaz de criar argumentos para justificar sua fala. Agrega-se a este estudo a importância de considerar o professor (contador de histórias) como formador do comportamento leitor das crianças. Destaca-se o professor como mediador da leitura e também auxiliador na construção de uma experiência leitora, favorecendo a formação de um leitor crítico, autônomo, argumentativo e investigativo.

Palavras-chave: Produção de narrativas. Linguagem Infantil. Contação de histórias. Mediação leitora.

PERSONAGENS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Bárbara Marta da Silva - Uninter

O artigo tem por objetivo apresentar uma análise do tema Personagens no processo de Alfabetização e Letramento, em uma perspectiva dialógica com a Literatura e a sua influência no ensino e aprendizagem. Pretende-se verificar quais as relações educacionais, como práticas sociais de leitura e de escrita, que se estabelecem a partir do contato de crianças com os personagens que lhes são favoritos, bem como compreender como a Literatura reflete sobre o letramento, o ato de alfabetizar e de ressignificar as experiências dos educandos, além de identificar as representações socioculturais e identitárias de narrativas que possuem o personagem como um herói ou um ídolo, no que tange à atribuição de significados ao universo infantil. Para tal, a análise foi embasada nos pressupostos teóricos da educação libertadora (Freire, 2011) e nos princípios da conscientização (Freire, 2005), sendo assim utilizou-se também conceitos, de outros autores relevantes, que valorizem a criança e as suas singularidades, e que respeitem a sua liberdade e as suas paixões, reconhecendo-a como atuante de sua aprendizagem; além de estudos sobre a Alfabetização, o Letramento, a Literatura, a criança e o papel da personagem no contexto escolar. O corpus da pesquisa é constituído por quatro personagens (“Minecraft”, “As Meninas Superpoderosas”, o “Homem-Aranha” e o “Goku”) que alguns educandos escolheram e que são seus motivadores. Cabe salientar que, através do contato com tais personagens de seus interesses, por meio de conteúdos e de práticas pedagógicas, as crianças adquiriram experiências sociais significantes que modificaram as suas percepções, resultando em saberes harmônicos com as suas vivências.

Palavras-chave: Personagens. Literatura. Alfabetização. Letramento. Interesse da criança.

LEITOR OUVINTE: POSSIBILIDADES DA LEITURA COMO FORMA DE INTERAÇÃO

Cláudia Roquini Nascimento - UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart - UFLA

Ao considerar a leitura como um processo de construção de significados, neste trabalho discutimos sobre a concepção de leitura. Reconhecemos, neste estudo, que um leitor habilitado ou competente é aquele que consegue interagir com o texto, imaginando, idealizando e identificando, não apenas elementos explícitos no código linguístico, ou fazendo relações com vivências e experiências ou mesmo com outras leituras, ou seja, produzindo significados articulando a elementos que, muitas vezes, não estão escritos concretamente no texto. A partir desse pressuposto, o objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de um estudo de caso, que se propôs a compreender a importância da mediação dos professores durante a atividade de leitura, com o propósito de descrever como a ação leitora para crianças na primeira infância é compreendida e definida por diferentes autores, com a finalidade de aproximar ideias e concepções sobre a complexidade que envolve o ato de ler. Para isso, apresentamos os resultados de pesquisa qualitativa, tendo como procedimento metodológico um estudo de caso, priorizando como ação investigativa a observação, o acompanhamento e a análise de atividades de leitura em salas de educação infantil com crianças de 3 a 5 anos em escolas da rede municipal de ensino de uma cidade do Sul de Minas Gerais. Como referencial teórico nos apoiamos nos estudos de Vygotsky (1998, 2008) sobre a mediação pedagógica, nos estudos de Freire (2001) sobre leitura de mundo, Goulemot (1996) sobre leitura como produção de sentidos, Martins (2006) a leitura sensorial e Cosson (2006) sobre letramento literário, em diálogo com outros autores que discutem a temática. Este estudo viabilizou entender o quanto a atividade de leitura pode ser compreendida em perspectivas diferentes, trazendo a realidade das escolas tem-se uma aproximação com a cultura, com o mundo, as experiências dos alunos, por meio delas, os textos lidos são apreendidos e levados para a sua vida.

Palavras-chave: Atividades de Leitura. Ação leitora. Educação Infantil. Concepção de leitura.

AS ILUSTRAÇÕES DE MAURICE SENDAK E ROGER MELLO NA REALIDADE FIGURATIVA DO FLANEUR: EM BUSCA DO SELVAGEM NO OBSERVADOR.

Flaviana L. dos Santos - UEMG

A compreensão de ilustração está, de modo geral, ligada ao fato de ver uma imagem sob o papel sem se aprofundar em seu significado. No teor dos dias atuais, em que imagens são reproduzidas de forma a serem banalizadas, entra-se aqui na reflexão da força de uma ilustração no âmbito literário deixando a utilização de palavras em segundo plano para dar lugar à observação e essa se tornar a literatura. Um terreno arriscado, mas que merece atenção e exploração por ser determinante no decorrer dos tempos. Construiu-se um encontro da *literatura ilustrada* do livro “Onde vivem as coisas selvagens” de Maurice Sendak com a *literatura escrita* do livro “Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo” de Walter Benjamin, para melhor sustentar essa ideia. Mesmo sendo publicações remotas, vê-se sua atemporalidade e diagnóstico sobre aquilo que pouco muda no homem: seus medos, anseios e instintos; essas questões estão enterradas pela civilização e seus critérios, mas existem e quando menos se espera vêm à tona. Nos tempos atuais chegou através de Roger Mello e seu livro “Selvagem”. O encontro permite verificar como ambos representam o *flâneur* em épocas diferentes, com diferentes abordagens e, o mais interessante, com linguagens distintas numa primeira análise, mas que se tornam iguais em seu teor crítico sobre o desenvolvimento de uma sociedade e a batalha de um ser em busca de si mesmo.

Palavras-chave: Ilustração; literatura; Walter Benjamin; Maurice Sendak; flâneur

A FALTA DE PATERNIDADE NA RELEITURA DE JOÃO E MARIA EM “NA FLORESTA MÁGICA DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA”

Autores: Maria Fernanda Soares Silva Senna (UNIMONTES)
Edwirgens Aparecida Lopes Ribeiro de Almeida (UNIMONTES)

Esta pesquisa integra o projeto “A literatura infantil de Lúcia Miguel Pereira: uma escrita da tradição” projeto pretende realizar uma reflexão sobre a literatura infantil, focando sua análise na releitura de *João e Maria* perceptível na obra “*Na Floresta Mágica*” de Lúcia Miguel Pereira. Nessa perspectiva, atentaremos para as aproximações e semelhanças adotadas pela escritora Lúcia Miguel Pereira em relação ao clássico conto supracitado, uma vez que é comum na tradição da escrita literária infantil, os autores terem como referências para seus escritos os aspectos predominantes nos contos populares. Em geral o objetivo é analisar a releitura de *João e Maria* na obra “*Na Floresta Mágica*” de Lúcia Miguel. Como resultado parcial tem o ponto em comum em obras tão distantes, a falta de paternidade influenciando o comportamento das crianças. Para a concretização da presente proposta será feita a releitura do conto “*Na Floresta Mágica*” de Lúcia Miguel Pereira e *João e Maria* dos irmãos Grimm e a leitura de alguns teóricos como Philippe Ariès, [Bruno Bettelheim](#), dentre outros.

A CONVERSAÇÃO LITERÁRIA COM CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA E O PROCESSO DE COMPREENSÃO CRIADORA

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Doutorado desenvolvida no Centro Pedagógico da UFMG. A investigação teve como foco analisar elementos destacados por crianças do 1º Ciclo nos livros produzidos em 2015 e considerados Altamente Recomendáveis (AR) para crianças pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Para coletar os dados, desenvolvemos uma conversa literária, com grupos formados por 4 ou 5 crianças, tendo como referência a dinâmica do *Círculo de Leitura* (COSSON, 2014) e o enfoque *Dime* (CHAMBERS, 2007), que estimulam o leitor a falar de suas leituras e a compartilhar suas ideias com o outro. O objetivo era observar o que as crianças diziam sobre os livros, que elementos e quais obras destacavam no momento da leitura conjunta. As interações realizadas foram filmadas e gravadas em áudio. A concepção de leitura da pesquisa é aquela que a toma como um processo de interação autor- texto-leitor/es (KOCH, 2006). Nesse enfoque, as crianças são sujeitos ativos e buscam produzir sentidos na interação que estabelecem com o texto e com os seus pares. Esse trabalho reflete sobre episódios em que as crianças compartilharam ideias a partir da leitura conjunta do livro “Coisa de gente grande”, obra que apresenta um predomínio do texto visual sobre o verbal. O texto imagético possui grande importância no conjunto dessa obra e, durante o estudo, despertou a atenção e a criatividade das crianças na construção de hipóteses sobre as imagens. Observou-se um jogo de leitura, no qual as crianças, no processo de compreensão, recriaram o texto, ampliando suas possibilidades significativas. A investigação mostrou que as crianças, quando têm a oportunidade de conversar sobre livros literários, recriam essas obras. O processo de leitura compartilhada vivenciado na pesquisa revelou a importância da conversa literária para a ampliação das possibilidades que o texto literário apresenta.

Palavras-chave: Leitura compartilhada. Conversação literária. Compreensão criadora.

ERA UMA VEZ...: O CONTAR HISTÓRIAS COM A TURMA DO MATERNAL II

Rosilene Maria da Silva Gaio
Centro Solidário de Educação Infantil

Ouvir histórias que sejam contadas, que sejam lidas é oferecer à criança a oportunidade de iniciar a sua aprendizagem de maneira fascinante, lhe permitindo desenvolver o imaginário, um mundo de grandes e diferentes descobertas que influenciam sua aprendizagem, lhe estimulam o gosto pela leitura e a despertam para ser um bom leitor que sinta prazer com a leitura, de maneira que, por meio desta, este leitor em formação descubra infinitas possibilidades para a compreensão do mundo. Ao ouvir uma história, a criança mergulha no mundo imaginário, conseguindo se imaginar dentro da história. E se for uma história muito significativa, marcante, ela provavelmente vai querer contar também e, quando ela se prepara para contar uma história, ela se prepara para inventar, para complementar aquela ouvida anteriormente, de maneira que o seu potencial criador é despertado. Nessa perspectiva é que foi realizado o trabalho de pesquisa participante em sala de aula do maternal II do Centro Solidário de Educação Infantil com o objetivo geral de possibilitar às crianças o contato com a literatura infantil, mais especificamente o livro de Ruth Rocha *A primavera da lagarta*. Os objetivos específicos foram favorecer às crianças pequenas o manuseio do livro e possibilitar o reconto da história com o uso de materiais diversificados. As reflexões e discussões se basearam, a princípio, na sustentação teórica e nas pesquisas realizadas por Abramovich (2005); Ferreira (2008); Pereira (2005, 2010); Sisto (2012). Mediante o trabalho com o contar histórias com as crianças do maternal II, foi possível considerar que os resultados foram satisfatórios uma vez que as crianças puderam contá-las e recontá-las, o que lhes proporcionou o desenvolvimento da oralidade, bem como o manuseio do livro e de materiais diversificados que favoreceram o desenvolvimento dos sentidos, da sensibilidade, da imaginação e da criatividade.

O MUNDO ENCANTADO DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Vivian Alves Souza Andrade – Prefeitura Municipal do Paulista

Este resumo relata um projeto didático vivenciado em uma escola municipal situada na região metropolitana de Recife-PE, no município do Paulista, no período de Setembro a Dezembro de 2017 com crianças de faixa etária de quatro à sete anos de idade, sendo suas respectivas turmas (Educação Infantil: grupos IV e V e 1º ano do Ensino Fundamental). As principais intenções da equipe de docentes envolvidos nas ações pedagógicas, partiu da necessidade de oportunizar momentos de leitura literária as crianças, como orienta os documentos norteadores de educação. Uma vez que, desde muito pequenos, faz-se necessário estímulo a leitura literária, cabendo a escola oportunizá-la. Devido à faixa etária do público alvo atendido, o Sítio do Picapau Amarelo, baseado na obra de Monteiro Lobato, importante autor da literatura infantil no Brasil, foi escolhido como temática a ser explorada. As crianças vivenciaram experiências pedagógicas voltadas ao tema que instigaram a busca por informações através das rodas de contação de história. Para Além, o tema ofereceu amplas oportunidades para o aprendizado de conceitos, procedimentos e valores, resultantes dos momentos de discussão das histórias lidas. No decorrer do projeto foi observado que as crianças puderam: Conhecer a biografia do escritor Monteiro Lobato, refletir sobre sentimentos e valores, desenvolver a imaginação e o faz de conta, conhecer obras literárias ligadas ao universo infantil, e desenvolver a expressão de opiniões acerca dos assuntos relacionados ao tema. O encerramento do projeto aconteceu através de uma exposição do trabalhos produzidos pelos estudantes ao longo do projeto contando também com a apresentação das turmas com músicas e dramatizações, para a comunidade local e pais dos estudantes.

EIXO 2– LITERATURA E FORMAÇÃO DOCENTE

FORMAÇÃO CONTINUADA: FORMANDO EDUCADORES PARA FORMAR LEITORES

Altina Abadia da Silva – Regional Catalão UFG
Avelina Oliveira de Sousa Martins
Priscilla de Andrade Silva Ximenes

A literatura não deve ser trabalhada somente como dever e tarefa a ser cumprida, neste aspecto a escola necessita avançar. “Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores” é uma proposta de ações de incentivo à leitura, com o intuito de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil e Ensino Fundamental I da rede municipal de educação de Ouvidor-GO, disposta em três principais linhas: ampliação e adequação do acervo e atendimento da biblioteca escolar; qualificação de profissionais da educação como agentes promotores da leitura e criação de ambiente agradável, de liberdade e encantamento, para promoção do interesse pelos livros/leitura. A Instituição sede do projeto atende 435 alunos da Pré-escola ao Ensino Fundamental, além de 148 crianças na creche. Conta com 36 professores, e 08 profissionais na equipe gestora. Perante a realidade escolar de Ouvidor, observa-se alto índice de desinteresse pela leitura do público infantil, juvenil e adulto. Percebe-se que os alunos quando instigados a lerem demonstram apatia à leitura. Partindo desta realidade o projeto almejou movimentar a comunidade escolar, de modo que educadores, pais e demais familiares que estão em contato direto ou indireto com a criança pudessem influenciar em seu hábito e prazer pela leitura. Para a formação continuada de professores

organizou-se um projeto de extensão em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas Infância e Educação - NEPIE, da Universidade Federal de Goiás promovendo encontros com a equipe de professores. Acreditamos que ações pontuais do projeto, principalmente as rodas de leitura, são de extrema relevância para a formação leitora de estudantes e professoras, mas temos a convicção que o eixo principal do trabalho é a formação continuada destas profissionais, pois as mesmas é que atuam diretamente com os estudantes e junto aos mesmos constroem solidamente a habilidade e o gosto pela leitura.

Palavras-chave: formação continuada; literatura; incentivo à leitura.

FORMAÇÃO DOCENTE, A LITERATURA E O DIÁLOGO COMO UM PRINCÍPIO CONSTITUTIVO DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

Caroline Reis de Lima(UFRRJ)

Durante a graduação me deparei com situações complexas a respeito da formação docente, das teorias e das práticas, da linguagem e das escritas docentes. Essas questões, associadas à minha experiência docente na rede privada de ensino da educação básica, provocaram na então estudante do curso de pedagogia de uma universidade pública da Baixada Fluminense, muitas indagações, que levei a cabo em meu trabalho monográfico. Um dos caminhos trilhados para compreender toda essa complexidade foi a literatura, em especial a infantil. O objetivo deste trabalho é discutir a influência da literatura infantil nas aulas universitárias e sua reverberação na rotina de trabalho de estudantes de pedagogia que já dão aula, em especial em suas práticas alfabetizadoras. O trabalho apresentará os resultados de minha pesquisa intitulada **“Possuía o conhecimento teórico mas não tinha atribuído sentido a ele”: o que dizem as discentes alfabetizadoras sobre os conhecimentos pedagógicos**, realizada no ano de 2016, dando ênfase às reflexões sobre o uso da literatura infantil nas aulas. O itinerário metodológico deste trabalho será a análise discursiva das discentes alfabetizadoras entrevistadas a partir dos pressupostos teóricos dos conceitos de análise do discurso na perspectiva de FIORIN (1988) e polifonia em BAKHTIN (1981). Os resultados apontaram para a importância da literatura na busca de uma formação docente mais dialógica, tendo em vista a necessidade expressa pelas discentes alfabetizadoras. Enfatizando a distinta relação entre uma didática instrumentalizada, colocando em vista o desejo por aprenderem a alfabetizar de maneira que essa prática, emergida dos conhecimentos pedagógicos como prática social e relacionadas às experiências inerentes do seu grupo de atuação, e com a literatura, superem as tendências mecanizadas do que seja ensinar leitura e escrita.

Palavras-Chave: Formação docente. Leitura e escrita. Literatura. Alfabetização e letramento.

A LITERATURA NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PEDAGOGOS: ENTRE O CONFORTO DO RECURSO DIDÁTICO E O DESAFIO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Mônica Pinheiro Fernandes (UFRRJ)

Se por um lado, há uma concordância quase geral a respeito da necessidade e da importância do uso da literatura nos processos de ensino da leitura, da escrita e da mediação na formação do aluno leitor nos anos iniciais do ensino Fundamental, muitas são as formas de compreendê-la e utilizá-la. Especialmente em práticas didáticas tradicionais, existe um entendimento usual da literatura como um suporte para o ensino gramatical e para o treino de leitura. Em contrapartida, há práticas de ensino que apoiam-se em pressupostos enunciativos na concepção de linguagem e, com isto, reconhecem a necessidade da literatura na construção, pelas crianças, de experiências estéticas. Nas duas possibilidades, há o espaço acadêmico de formação inicial do professor que pode (e deve) enfrentar essa discussão. Este trabalho tem por objetivo discutir e apresentar propostas de ensino, na formação inicial, a partir da experiência do PIBID, a fim de viabilizar a ampliação do letramento literário de alunas de Pedagogia. O trabalho de pesquisa apoia-se numa perspectiva enunciativa de linguagem (Bakhtin, 2008), no entendimento da experiência estética a partir da soma de muitas apreensões da criação literária (Eagleton, 2014; Cunha, 2011) e do letramento literário como um processo de apropriação a linguagem literária (Cosson, 2006). Como metodologia, foi utilizado um conjunto de oficinas e rodas de conversas para imersão, reflexão e apropriação literária. Os resultados apontaram para uma melhor

relação das bolsistas para com a literatura, tanto na sua vida pessoal, como na ampliação de seus conhecimentos teóricos acerca da mediação, da formação leitora de seus alunos e das formas de ensino da escrita.

CURSO DE LETRAS: NAS ENTRELINHAS DA LEITURA

Kelen Benfenatti Paiva – IF Sudeste MG/Campus São João del Rei
Ozana Aparecida do Sacramento – IF Sudeste MG/Campus São João del Rei

A formação de professores, além das exigências habituais, deve agregar constantes exercícios de indagação sobre os papéis exercidos pelo profissional de Letras e a importância da Literatura na formação docente e de leitores. Entretanto, a Literatura é comumente vista pelos discentes como periférica, pois, em suas trajetórias escolares, foi comum o uso do texto literário para realizar análises gramaticais ou textuais isoladas em si mesmas. Mudar esse paradigma constitui-se tarefa hercúlea, porém necessária. Na experiência da Licenciatura em Letras do IF Sudeste MG, tem-se buscado a construção de um processo de formação docente voltado para a inserção da Literatura como um sistema que dialoga com inúmeros outros. Assim, os estudos comparatistas e os culturais guiam as construções das disciplinas de Literatura. Ambos propiciam discussões sobre as conflituosas relações entre cultura, questões de identidade e de poder. As disciplinas de Literatura e de Metodologia do ensino da Literatura trazem à baila questões como: em que medida Literatura e sociedade se aproximam? Quais concepções de Literatura e de leitura podem nortear o trabalho docente? Qual a importância do professor enquanto leitor e que papel desempenha para a formação do leitor? Essas e outras questões integram o processo de formação docente, enfatizando que, além do necessário arsenal teórico, o graduando precisa ser leitor hábil e compreender o seu papel e o da Literatura na formação de futuros leitores. As problematizações sobre o desenvolvimento das habilidades de leitura, em especial a literária, são facilitadas pela interação das teorizações promovidas no curso e a vivência de projetos, com a inserção do graduando na realidade da Escola Carlos Damiano Fuzzato. Isso possibilita a vivência das dificuldades e soluções que contribuem para formação docente. Assim, o curso quer formar professores conscientes de que a Literatura envolve questões que vão muito além da comunicação oral e escrita.

TESTEMUNHOS DE ALUNOS DE UM CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA AULA SOBRE LETRAMENTO LITERÁRIO: ENTRE O TEXTO E O LIVRO, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Paula Aparecida Diniz Gomides Castro Santos – UFSJ
Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo – UFSJ

O relato de experiência apresentado deriva das percepções produzidas na observação das aulas de um curso Superior em Pedagogia, durante duas aulas destinadas à apresentação da temática Letramento Literário aos alunos. Com base na bibliografia apresentada previamente pela professora e posterior discussão dos textos, os alunos se identificaram com as discussões apontadas pela perspectiva, com relação à forma como a Pedagogização dos textos literários se dá comumente e iniciaram uma série de relatos, evidenciando, em suas próprias experiências, as dissonâncias percebidas. Relatos como a falta de acesso à livros literários no processo de escolarização, a predominância do trabalho com textos “soltos” e descontextualizados, em detrimento do acesso à livros e a presença de atividades que objetivam puramente a leitura destes textos para a percepção de aspectos gramaticais ou linguísticos, apresentaram-se como recorrentes. Em face destes relatos, a consideração de autores como Macedo (2017), Zilberman (2008), Soares (2007), Evangelista (2016) e Paulino (2001; 2005) visa a demonstração da importância da apresentação de teorias relacionadas ao Letramento Literário em cursos de licenciatura do ensino superior, atuando como uma espécie de suporte às determinações dos PCN (1998) destinados ao assunto. Neste sentido, a partir da evidência dos preceitos

trazidos pelo Letramento Literário, inicia-se um processo de desvelamento de relações de poder existentes em nossa sociedade. Se por um lado nega-se ao aluno o pleno acesso para que suas próprias impressões sejam produzidas a partir das leituras mediadas, por outro, entrega-se o “poder” do acesso, leitura e entendimento dos respectivos textos à determinados grupos sociais. Desta forma, promove-se uma espécie de “elitização” do gênero e distanciamento social, ao se desconsiderar os múltiplos sujeitos e seus interesses e necessidades quando do processo de escolarização.

Palavras-chave: Letramento Literário. Literatura. Ensino Superior. Relações de Poder. Literatura.

LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO DOS PROFESSORES DE LITERATURA DA REGIÃO XINGU

Sérgio Wellington Freire Chaves (UFPA)

O Ensino de Literatura, como está pautado na educação básica brasileira – no biografismo, historicismo e superficialismo crítico – parece-nos, diante de tantos relatos de experiências e pesquisas várias, pouco satisfatório. A leitura literária no espaço escolar, embora academicamente cada vez mais defendida, encontra fortes barreiras para chegar à sala de aula do ensino médio, dentre eles, o próprio livro didático, que parece caminhar à revelia de quaisquer pesquisas, orientações ou métodos defendidos por estudiosos e pesquisadores da área. Diante desta caótica realidade, cabe ao docente de literatura buscar romper as amarras culturais, editoriais e governamentais que os aprisionam e propor a leitura literária no espaço escolar; contudo, para isso, faz-se necessário que este profissional tenha efetivo conhecimento acerca dos monumentos literários; sendo a leitura das obras, prática imperativa na sua formação docente. A pesquisa que ora propomos expor, versa exatamente sobre um estudo acerca da formação dos professores de literatura da cidade de Altamira - PA, especificamente das suas leituras literárias, para assim averiguarmos se este profissional possui, minimamente, as condicionantes que o sistema educacional deveria oferecer para manter-se em formação leitora e se este assim o faz, apresentando, ante os dados, que o professor não leitor, por vezes, atua não satisfatoriamente como fomentador do conhecimento literário. Amparar-nos-emos em Candido (1995), Cosson (2006), Rezende (2013) dentre outros. cremos, ainda, que um estudo nessa envergadura, fomenta no leitor reflexões sobre o que é o ensino de literatura na cultura escolar brasileira e colabora na compreensão que, ao retirarmos a leitura literária da centralidade das aulas de literatura, retiramos, na verdade, o próprio *corpus* da disciplina e recorreremos a conteúdos que pouco contribuem para a formação e transformação do sujeito.

EIXO 3– FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIÇÃO DE LEITURA

LEITURA NA CRECHE: POSSIBILIDADES DE UM TRABALHO COM OS BEBÊS

Bianca R. Lauro – Secretária de Educação de Juiz de Fora
Núbia de M. A. Schubert – Creche Comunitária Leila de Mello Fávero
Zuleica Beatriz G. Nocelli – UFSJ

Ler e contar histórias para os bebês é proporcionar aos mesmos a inserção em um mundo de magia, descobertas e curiosidades. Para proporcionar esse encantamento uma creche de Juiz de Fora realiza práticas de leituras com os bebês em uma instituição que atende crianças de 0 a 3 anos.

Os espaços da creche são organizados desde o hall de entrada, possibilitando assim que os responsáveis e as crianças tenham contato com os livros e acesso ao acervo da instituição. As estratégias utilizadas pela instituição são diversas: propõem organizações diversificadas do espaço, da escolha e confecção de livros de literatura infantil e práticas de leitura do professor para e com a criança e da criança. No que diz respeito ao espaço físico, a creche organiza prateleiras acessíveis ao tamanho das crianças e tapete emborrachados com almofadas que possibilitam um cantinho aconchegante para a leitura. Na sala de berçário I (atende bebês de 4 meses a 1 ano), a equipe da creche criou uma caixa de livros de diferentes texturas com tecidos e emborrachados proporcionando às crianças o manuseio e o contato com o livro. A literatura acontece também nos momentos da contação de histórias realizados pelas educadoras da turma. Nas outras salas de crianças de 1 a 3 anos de idade, os artefatos de leitura chegam por um carrinho confeccionado com caixotes e este circula por entre as salas durante o dia. Essas experiências de literatura com/para os bebês no cotidiano da creche enfatizam a importância das narrativas e do ato de ler como principal fonte de entrada para a linguagem. Assim, ressalta-se a importância das práticas educativas na creche que valorizaram a literatura desde a mais tenra idade.

A FALTA DE PATERNIDADE NA RELEITURA DE JOÃO E MARIA EM “NA FLORESTA MÁGICA DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA”

Autores: Maria Fernanda Soares Silva Senna (UNIMONTES)
Edwirgens Aparecida Lopes Ribeiro de Almeida (UNIMONTES)

Esta pesquisa integra o projeto “A literatura infantil de Lúcia Miguel Pereira: uma escrita da tradição” projeto pretende realizar uma reflexão sobre a literatura infantil, focando sua análise na releitura de *João e Maria* perceptível na obra “*Na Floresta Mágica*” de Lúcia Miguel Pereira. Nessa perspectiva, atentaremos para as aproximações e semelhanças adotadas pela escritora Lúcia Miguel Pereira em relação ao clássico conto supracitado, uma vez que é comum na tradição da escrita literária infantil, os autores terem como referências para seus escritos os aspectos predominantes nos contos populares. Em geral o objetivo é analisar a releitura de *João e Maria* na obra “*Na Floresta Mágica*” de Lúcia Miguel. Como resultado parcial tem o ponto em comum em obras tão distantes, a falta de paternidade influenciando o comportamento das crianças. Para a concretização da presente proposta será feita a releitura do conto “*Na Floresta Mágica*” de Lúcia Miguel Pereira e *João e Maria* dos irmãos Grimm e a leitura de alguns teóricos como Philippe Ariès, [Bruno Bettelheim](#), dentre outros.

A LITERATURA EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO: O QUE NOS REVELA A PESQUISA ETNOGRÁFICA?

Ana Caroline de Almeida (GPEALE/UFPE)
Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ/UFPE)

Há pelo menos 10 anos temos realizado pesquisas cujo foco tem sido a alfabetização. Nosso olhar tem se voltado para os eventos de letramento construídos em turmas do ciclo inicial. (MACEDO e ALMEIDA, 2007; ALMEIDA, 2012). Atualmente, em pesquisa de doutorado em andamento, continuamos tomando a alfabetização como objeto de investigação e agora orientamo-nos a partir do seguinte questionamento: Como as práticas e os eventos de letramento estão sendo construídos em turmas de alfabetização, após a implementação das ações do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC? Nossa hipótese é a de que a disponibilização de livros literários para estas turmas e a formação continuada presencial para as

professoras alfabetizadoras, tenham contribuído para a construção de “novos” eventos letrados na escola. O construto teórico-metodológico sob o qual a pesquisa em andamento se assenta vem sendo consolidado no âmbito do GPEALE – Grupo de pesquisa em Alfabetização e letramento, onde partimos de uma concepção de língua e linguagem desenvolvida por Bakhtin e seu Círculo, na Teoria da Enunciação e buscamos uma convergência entre “uma certa compreensão ético-crítico-política da educação” elaborada por Paulo Freire e a antropologia da linguagem, com base nos Novos Estudos do Letramento. Adotando a perspectiva etnográfica como uma lógica de investigação (GREEN, DIXON e ZAHARLICK, 2001; ROCKWELL, 1985) temos buscado, desde as primeiras pesquisas, uma compreensão mais apurada das práticas sociais mediadas pela leitura e escrita na escola. Neste resumo, destacamos as práticas mediadas pelo livro literário, afim de problematizar de que modo a literatura aparece nas turmas de alfabetização. Apresentamos um panorama dos dados e resultados das pesquisas anteriores e dialogamos com os dados produzidos a partir da observação etnográfica de duas outras turmas em processo de alfabetização: uma da Rede Municipal de Recife/PE e uma da Rede Municipal de São João del Rei/MG, ambas turmas do 2º ano.

O ATO DE LER REFLETIDO SOBRE OS ESPAÇOS DE LEITURA: O QUE SE DISCUTE SOBRE ISSO?

Ariana Alves da Silva - UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – UFLA

Com base no referencial teórico apresentado no Núcleo de Estudos em Linguagem Leitura e Escrita, da Universidade Federal de Lavras – UFLA, este estudo tem por objetivo refletir sobre o conceito de leitura representado nos espaços de leitura, a partir de um levantamento das produções científicas sobre o espaço da leitura e sala de leitura defendidos nos últimos anos, disponíveis no portal de Dissertações e Teses da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Este estudo se orienta pelo conceito de leitura a partir Alberto Manguel, Paulo Freire, Roger Chartier, Koch e Elias, no processo de construção do leitor e da leitura de espaços, e pelo conceito de estação do conhecimento de Edmitir Perrotti. A partir dos conceitos apresentados pelos autores citados, tomamos como objeto de estudo o ato de ler como um processo de produção de sentidos que se torna indispensável para a compreensão dos textos verbais e não verbais que se põem à leitura. Entendemos que a atividade de leitura não é apenas um ato de decodificação, mas sim trata-se de uma ação ampla que envolve diferentes modos de percepção e de interação do sujeito-leitor e dos materiais de leitura disponíveis, o que pode começar com a leitura do ambiente ou do objeto concreto que compõem espaços de leitura. O levantamento dos estudos que tematizam os espaços e ambientes de leitura se mostra essencial para compreender qual a problemática e os objetivos que fundamentam tais discussões o que ajuda a entender as bibliotecas escolares como estação do conhecimento.

Palavras-chave: Espaço de Leitura. Concepção de leitura. Estação do conhecimento. Construção do leitor. Leitura de Espaços.

O SIMBOLISMO ANIMAL EM NARRATIVAS INFANTIS

Sandra Elizabeth Silva Barros (CESJF/PUC MINAS/UFSJ)

Quem nunca em sua infância apreciou histórias em que animais escapavam das páginas dos livros de literatura infantil? São textos que mesmo no mundo atual, repleto de computadores, *tablets*, vídeo-games de alta complexidade e diversos dispositivos eletrônicos, ainda despertam a curiosidade das crianças. Dentro desses textos, a figura do animal é predominante e é nela que se pode perceber, ainda que de forma bem simples, a relação que o homem constrói, desde sua infância, com esses seres. José António Gomes em seu livro *A Poesia*

na *Literatura para a Infância* (1993, p. 46) explica que o relacionamento entre o homem e os animais foi sempre projetado pelo homem, pois ele utiliza o animal para se conhecer e se fantasia de animal para encarar a própria imagem. Em muitas áreas de estudo, o homem ainda utiliza o animal como um espelho para em alguns momentos se amar e em outros momentos se odiar. Com essa afirmação o autor entende que a relação entre o homem e o animal existe há muito tempo e é por meio dela que as crianças também estabelecem um vínculo imediato com esses seres. Eles já se fazem presentes em suas vidas desde suas infâncias, pois atualmente estão na maioria dos domicílios. Quando não existe essa convivência, o homem e o animal são apresentados em visitas familiares em que algum parente já possui algum bicho de estimação, em passeios a lugares rurais onde os animais são predominantes, ou, simplesmente, no convívio social, em que esses seres estão em diversos locais, convivendo com os seres humanos. Reconhecendo assim o animal, como ser significativo e próximo da criança, serão vislumbradas em minha apresentação oral, algumas narrativas e autores que fizeram dele o personagem principal de suas temáticas.

A ARCA DE NOÉ DA LITERATURA INFANTIL: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS ANIMAIS NAS POESIAS DE VINÍCIUS DE MORAES E SIDÓNIO MURALHA

Sandra Elizabeth Silva Barros (CESJF/PUC MINAS/UFSJ)

A maior motivação para esse trabalho relaciona-se ao fato de animais serem sempre retratados em obras infantis de forma realista ou imaginária. Foi a partir dessa percepção que surgiu o interesse em estudar esses seres em livros para crianças. O livro *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes e as obras *A televisão da Bicharada*, *A dança dos Pica-Paus* e *Bichos, Bichinhos e Bicharocos*, de Sidónio Muralha, serão comparados tendo como fio condutor a literatura comparada. Serão utilizados os conceitos de Benedetto Croce estudioso que considera importante a investigação dos vestígios deixados na história da escrita de textos para compreendermos suas semelhanças ou divergências. O objetivo geral desta pesquisa é apresentar uma comparação sobre a escrita dos animais, encontrados nas poesias inseridas nos livros já citados. Exploraremos oralmente o tempo histórico vivido pelos autores na época em que foram escritas as obras, a forma literária que tais animais apresentam, o grau de influência do animal nas obras dos autores e a maneira pela qual esses animais são representados, se de forma fiel ou fantasiados. Os estudos escritos pela autora Maria Esther Maciel, pesquisadora do assunto pela UFMG, serão amplamente explorados ao longo da explanação. O livro *O animal que logo sou* de Jacques Derrida e o texto *Por que olhar os animais?* contido no livro *Sobre o olhar* de John Berger serão utilizados como guias para trabalharmos a zooliteratura. Essa pesquisa se faz necessária por contemplar um estudo teórico sobre os animais tão presentes em livros de literatura infantil.

A POESIA NA ESCOLA

Kleber Mazione Lima Ferreira (IFMG – Campus Itabirito)

No terreno da poesia, em que a palavra é fundamental, e não apenas o que ela significa, mas a palavra em ação, em plena vivência de suas potencialidades, é somente na experiência linguística e estética que os alunos poderão criar abertura e disponibilidade para o texto literário. Daí que surgem os desafios, pois não se ensina ler literatura, pelo menos, não de modo pragmático e de busca pelas destrezas da proficiência. É preciso refazer o caminho das práticas leitoras, de modo que ler seja menos programado, objetivo, libertando o leitor das armadilhas da interpretação pura, da compreensão inelutável. Ler literatura é também compreender, mas permanecendo aberto o questionamento. Nem tudo está compreendido, mas tudo ainda há de se questionar. Esta comunicação procura discutir a importância dos haicais como estratégia de formação de novos leitores de literatura. Para tanto, pretende-se apresentar as bases que fundamentam um trabalho de leitura de poesia na escola, partindo do princípio que devido ao pouco ou nenhum contato sistematizado com textos literários, alunos do ensino fundamental apresentam dificuldades em deslocar do plano de sentido denotativo para o

plano conotativo. Quando elegemos o haicai como estratégia de acesso ao texto literário, pautamos tal escolha no reconhecimento da importância de se garantir com que o aluno tenha uma consolidada experiência de leitura do texto literário e também que se promova a percepção dos alunos em relação à força da descoberta e ao jogo estético possibilitados pela singularidade da escrita literária.

NUNCA MENOS QUE A MÚSICA

Guilherme Trielli Ribeiro (UFMG)

Conceber poemas como uma partitura é, talvez, uma das principais bandeiras contraculturais da poesia de Chacal. Desde seu primeiro livro, *Muito prazer, Ricardo*, publicado artesanalmente em 1971, o poeta carioca sustenta que a voz é o suporte mais contundente da poesia. É em cena, eletrizada pelo grão da voz, portanto, que, para ele, a poesia pode se realizar da maneira mais plena. Porém, ao cumprir essa espécie de duplo destino, como palavra impressa e como obra vocal, o poema apresenta ao leitor-ouvinte uma das tarefas mais complexas da experiência estética contemporânea: compreender como se processa a recepção de uma obra feita a partir da síntese de diferentes sistemas semióticos – no caso, a escrita e a performance. Este trabalho faz um levantamento e uma análise das imagens em que se enuncia a relação entre letra e voz na poesia de Chacal, procurando compreender como o poeta realiza a síntese interartes que encarnou desde o seu período de formação como poeta. Além disso, esta pesquisa também reflete sobre possíveis desdobramentos da poesia-performance em contexto escolar, considerando-a um dos gêneros poéticos que pode contribuir de modo decisivo para a criação de novas práticas de leitura, uma vez que costuma exercer grande impacto sobre jovens leitores. A análise dos textos relacionados ao Centro de Experimentação Poética, mais conhecido como CEP 20.000 – contidos em *A vida é curta para ser pequena* (2002) e *Uma história à margem* (2010) – procura potencializar a discussão a respeito das práticas de leitura literária na escola, indicando algumas possíveis trilhas para o ensino de literatura.

Palavras-chave: Chacal; Poesia; Performance; Contracultura; Ensino de literatura

LITERATURA NA ESCOLA: A ARTE DA PALAVRA NA POÉTICA DA AULA

Angela Maria da Costa e Silva Coutinho – IFRJ

O ensino da arte literária é notável ao encantar e surpreender. Na sala de aula, opera-se um encontro de expectativas diversificadas. Os sujeitos se expõem ao impacto de um texto literário, que, por sua natureza sógnica e artística, põe em suspensão sentidos usuais da realidade factual e fissa essa realidade. Observar e ler construções poéticas, fazer exercícios de associação de ideias e tentativas para atingir significados possíveis de um texto aciona um diálogo situado na fronteira entre o previsível e o imprevisto, visto que, por parte do professor, há um planejamento elaborado a partir de certezas, teorias e métodos, mas por parte do aprendiz ocorre um profícuo tateio, em virtude do que emerge dessas ocasiões. São observações pueris; óbvias e desgastadas comparações com textualizações da indústria cultural; relações com situações individuais, percepções reveladoras da memória afetiva e da experimentação de mundo. A grande mestra Magda Soares alerta: esperar o tempo de apreensão da leitura por parte do aluno é tarefa docente. Comparo as primeiras impressões sobre um texto literário à formosura do “menino guenzo” da poética de João Cabral: – “é um menino magro, de muito peso não é, mas tem o peso de homem, de obra de ventre de mulher. [...]marca da humana oficina”. Portanto, os aspectos dialógicos inerentes à matéria literária, conforme proposto por Bakhtin, têm ressonância, repercutem, na performance da aula de literatura, propicia à experiência de elaboração de sentidos e à livre apropriação de outras artes em favor de tal elaboração.

MEDIAÇÃO DE LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O DUPLO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA BOLSISTA DE EXTENSÃO

Bruna Lugatti de Souza (UFF)

O presente relato de experiência visa a apresentar uma reflexão sobre o início do meu processo de formação como mediadora de leitura literária enquanto bolsista de extensão do Projeto 'Literatura como Patrimônio, Leitura e Formação do Leitor', desenvolvido durante o ano de 2017. Tal participação ocorreu em oficinas realizadas no espaço Sala de Leitura do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF), com alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, nas aulas do componente curricular 'Leitura e Literatura', proporcionando minha atuação nas etapas de planejamento, acompanhamento, dinamização e avaliação em atividades propostas pela coordenadora do Projeto e em algumas atividades planejadas em conjunto. Este processo me permitiu ampliar, de forma extremamente significativa, meu repertório de autores, temas e gêneros, possibilitando, portanto, um duplo processo de formação: o de formação como mediadora de leitura literária e o da própria formação como leitora de literatura de potencial destinação infantil, preenchendo, dessa maneira, uma lacuna muito substancial existente na formação dos professores durante a licenciatura, o aprofundamento em estudos teóricos relevantes para a percepção dos processos de leitura da literatura e de formação do leitor literário. O Projeto, votante do Prêmio FNLIJ da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, me garantiu o acesso a um vasto acervo de livros, possibilitando o aperfeiçoamento de minha visão crítica das obras, além da conscientização acerca da importância do texto literário na constituição do leitor. Assim, serão apontados neste relato os caminhos por mim percorridos até que eu pudesse contribuir de forma mais efetiva no Projeto, auxiliando de maneira não mais intuitiva, mas com o embasamento teórico adquirido durante o processo (CANDIDO, 2011; COLOMER, 2007; LAJOLE e ZILBERMAN, 2017, entre outros). Nesse sentido, apresentarei uma oficina planejada e executada por mim, sob orientação da coordenadora do Projeto.

Palavras-chave: formação do mediador de leitura; formação do leitor; literatura; leitura literária

MALA DE LEITURA DA UFMG: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Cecília Vieira do Nascimento (Centro Pedagógico da UFMG)

O Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Mala de Leitura completa em 2017, 20 anos de atuação. Sediado no Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Fundamental da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o projeto se estende atualmente nas seguintes ações: Projeto Histórias para se ouvir (atuando em escolas públicas e comunidades), Projeto Veredas de Histórias (atuando na Rádio UFMG Educativa), realização anual de Colóquios para formação de mediadores, gravação de CDS com leituras de histórias contadas por crianças atendidas pelo Projeto e no ano de 2016 iniciou a pesquisa "Mala de Leitura da UFMG: a leitura literária e o processo de formação do leitor". No cotidiano do Projeto foi percebido que o trabalho com a literatura em sala de aula, no dia a dia, é escasso em grande parte das escolas. Alguns professores alegam que isso ocorre por não haver tempo para desenvolver esse tipo de trabalho. Porém, estudos diversos têm demonstrado a importância de a criança ouvir muitas histórias, desde cedo e que o contato com o livro é estratégia significativa para desenvolver o hábito de ler. O manuseio da obra possibilita uma maior interação entre o leitor e o livro. Nestes 20 anos do Projeto, o grupo de professoras atuantes tem difundido a leitura em várias frentes e em função de certo acúmulo da experiência, temos pesquisado sobre o processo de formação do leitor, com o intuito de levantar dados que levem a compreender melhor a singularidade da produção literária endereçada às crianças e sua influência no processo de formação do leitor. Buscamos, ainda de modo inicial, compreender como a literatura é trabalhada pelos mediadores e quais estratégias são utilizadas para despertar o gosto pela literatura.

Palavras-chave: Formação do leitor; Leitura literária; Literatura infantil

REFLEXÕES SOBRE O CADERNO ‘PRÁTICAS DE LITERATURA’ DA COLEÇÃO *SINGULAR & PLURAL*

Clecio Bunzen (UFPE-CE)

Os textos literários compõem grande parte da coletânea textual dos livros didáticos de português (LDPs) dos Anos Finais do Ensino Fundamental aprovados no PNLD- 2017. Entre as seis obras aprovadas pelo Ministério da Educação, chamou-nos atenção a estratégia editorial do projeto didático autoral da coleção *Singular e Plural* por se organizar em torno de três Cadernos em um único volume; rompendo com certa tradição dos LDPs de apresentar seus objetos de ensino em unidades, lições ou capítulos. Com base em uma análise tri-dimensional que envolve simultaneamente aspectos *curriculares, didáticos e textuais-discursivos*, essa apresentação discute como se organiza o Caderno intitulado de ‘Práticas de Literatura’, procurando compreender a perspectiva de trabalho com textos literários, as escolhas textuais e dos gêneros, bem como a cadeia de atividades didáticas (vol. 6º, 7º, 8º e 9º). No intuito de aprofundar a concepção de trabalho com a literatura, procura-se analisar como, do ponto de vista discursivo, a proposta de escolarização da literatura é apresentada no Caderno para o(a) aluno e para o(a) professor(a). Por tal razão, uma atenção especial será dada aos *aspectos composicionais, temáticos e estilísticos* da coleção e desse Caderno em particular. A análise utiliza três fontes principais, buscando uma triangulação dos dados produzidos: o Livro do Aluno, o Manual do Professor e os vídeos e materiais institucionais sobre o respectivo Caderno, divulgados no site da editora Moderna; e revela, inicialmente, uma coleção ancorada no conceito de “gêneros literários” e trechos de obras consideradas ‘clássicas’ ou ‘canônicas’ pela crítica literária, com espaço para textos líricos, dramáticos e épicos. Em alguns volumes, percebe-se o trabalho didático de comparação dos textos literários com outras obras artísticas (especialmente a pintura, a canção e o cinema).

Palavras-chave: Livro Didático, Literatura, Escolarização.

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: USOS DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

Cleide de Araújo Campos (UFOP)

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado realizada na Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, intitulada “Letramento literário e bibliotecas escolares: uma pesquisa exploratória no município de Ouro Preto - MG”. Este estudo tem por objetivo identificar, por meio de entrevistas com a comunidade escolar (professor (a) bibliotecário(a), usos das bibliotecas escolares em promoção do letramento literário dos alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ouro Preto. Delineamos os objetivos a serem alcançados para o êxito da pesquisa, como: a) Compreender como as professoras têm cumprido seus papéis de mediadoras de leitura literária na promoção do letramento literário; b) Conhecer o uso da biblioteca escolar no que tange à formação do leitor literário, por meio de depoimentos dos sujeitos entrevistados; c) Analisar as práticas culturais que envolvem leituras acontecidas no ambiente da biblioteca escolar. No âmbito desta pesquisa, questionamos: Em que medida as bibliotecas têm contribuído para o processo de letramento literário dos alunos? Quais práticas pedagógicas têm sido adotadas pelas bibliotecas no que tange à competência leitora dos alunos? Quais estratégias de leitura e incentivos à leitura literária têm sido propostos? As bibliotecas escolares têm sido organizadas como espaços prazerosos de leitura? Os bibliotecários e auxiliares de bibliotecas têm cumprido seus papéis de mediadores de leitura? O embasamento teórico-metodológico da pesquisa está alicerçado em trabalhos como os de Soares (1998), Paulino (2001), Cosson (2016), Souza (2009) e Corrêa (2017), dentre outros. Elegemos como instrumentos de coleta de dados para o desenvolvimento deste estudo entrevistas semiestruturadas, documentos como o regimento escolar e o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas selecionadas, com o intuito de fazer uma análise e interpretação das concepções e práticas de leituras e o uso da biblioteca escolar em prol da formação do leitor literário.

Palavras-chave: Letramento. Letramento literário. Biblioteca escolar.

MEMORIAL LITERÁRIO: AS HISTÓRIAS QUE FORMARAM LEITORES

Cristina Varandas Rubim (Universidade Veiga de Almeida)

Este trabalho tem como objetivo apresentar o gênero memorial literário produzido por estudantes do curso de Letras de uma instituição privada do Rio de Janeiro. Estendemos o gênero memorial literário como uma prática escrita sobre si mesmo que visa compreender de que forma iniciamos nossos processos como leitores, a partir das seguintes questões: que livros contribuíram para minha história de vida? Quais foram os principais mediadores de leitura ao longo da minha formação? Os dados da pesquisa compõem-se de 60 textos escritos em 2017 para a disciplina de prática de ensino de língua portuguesa e literatura. Observamos nessas narrativas que embora o ensino da literatura no Brasil enfrente dificuldades, a escola é um espaço fundamental para a formação de leitores. Neste caso, leitores e futuros professores. Como referencial teórico temos Braúna & Ferenc (2009), Campos (2015) e Rajagopalan (2002) que apresentam uma discussão sobre memorial. Galvão e Silva (2017) e Borberg & Stopa (2014), abordam os desafios de ensinar literatura; Telles (1999) e Freitas & Ghedin (2015) nos orienta sobre a pesquisa narrativa e Yunes (1995) nos contempla com uma reflexão sobre o prazer da leitura. A realização dos memoriais literários como atividade de escrita é também uma sugestão de atividade que pode se adequar aos ensinamentos fundamental e médio, pois o ato de escrever sobre as experiências com a leitura supera uma atividade tradicional sobre uma única obra e proporciona um resgate de uma memória como leitor crítico de suas próprias leituras.

A MEDIAÇÃO LEITORA NA BIBLIOTECA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Cristiana Vasconcelos do Amaral e Silva - UFPE

Andréa Tereza Brito Ferreira – UFPE

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as mediações realizadas em uma biblioteca escolar, no processo de desenvolvimento da leitura de alunos que se encontram no ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental) e sua relação com as atividades realizadas em sala de aula, no tocante à formação leitora dos alunos. A pesquisa foi realizada, em uma biblioteca de uma escola da rede pública de ensino da Região Metropolitana do Recife, a qual possui uma professora responsável pelo seu funcionamento e que desenvolve ações de incentivo à leitura por meio de projetos. Na metodologia, nos apoiamos na abordagem da pesquisa qualitativa, dentro de uma perspectiva etnográfica. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas observações das mediações leitoras realizadas pela docente responsável pela biblioteca da escola e entrevistas semiestruturadas com a mesma. De acordo com a análise dos dados coletados, foi possível constatar que, a partir dos projetos propostos pela Secretaria de Educação e pela própria escola, a professora cria uma estreita relação entre as atividades realizadas na biblioteca da escola com as atividades realizadas em sala de aula, indicando que o “dueto” biblioteca escolar – sala de aula é possível e bastante promissor, no que tange ao desenvolvimento da leitura por parte dos alunos. No entanto, também identificamos que poderia existir uma diversificação maior das atividades de leitura realizadas pela professora responsável pela biblioteca, tendo em vista a existência de um acervo de qualidade e de uma estrutura física e tecnológica que poderiam contribuir mais satisfatoriamente no processo de formação de leitores.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar; Mediação de Leitura; Formação de Leitores.

FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS: AS ATIVIDADES DOS LIVROS DIDÁTICOS PODEM CONTRIBUIR (?)

Débora Ventura Klayn Nascimento – UFRJ

O trabalho aborda a elaboração de atividades destinadas ao estudo do texto literário em livro didático. Tem como base concepções da filosofia da linguagem co-construída por intelectuais russos do século passado, integrantes do grupo que hoje denominamos Círculo de Bakhtin, sobretudo os conceitos de *dialogismo* (BAKHTIN, 2016) e de *responsividade* (VOLÓCHINOV, 2017). A crítica à teoria linguística de Saussure, presente

em textos do Círculo, é convocada para apontar possíveis caminhos para a compreensão das origens do modelo de atividades de leitura vigente, isto é, um modelo centrado na reprodução de informações textualmente escritas e na passividade do aluno com relação à leitura, inclusive a literária. Ademais, os conceitos presentes na filosofia da linguagem bakhtiniana são evocados para contribuir com a percepção da infecundidade do uso de tal modelo de atividades para a formação de leitores (literários), pois as concepções do Círculo salientam que toda compreensão é ativa e dialógica. Além disso, os conceitos são utilizados para apontar possibilidades na elaboração de atividades abertas ao diálogo das vivências dos alunos/leitores com os textos literários, bem como convidativas à expressão das atitudes responsivas ativas dos alunos frente à leitura literária. Uma atividade, baseada em soneto camoniano, presente em livro didático do Ensino Médio aprovado pelo PNLD 2018, serve de base para análise e tentativa de contribuir com a “desaprendizagem” de velhas práticas referentes à abordagem da leitura literária na escola. Por fim, o mesmo soneto camoniano presente na atividade do livro é abordado para elaboração de nova proposta de atividades pautada no dialogismo e na responsividade.

Palavras-Chave: Formação de leitores; Dialogismo; Responsividade; Atividades didáticas.

PROJETO LEITOR DE SORTE- LEITURA E ENCANTAMENTO EM TURMAS DO CICLO, EM UMA ESCOLA DA BAIXADA.

Deise Maria dos Santos (Professora educação básica Nova Iguaçu/GRUPENAD/UFRRJ)

Este trabalho parte das observações sobre as experiências de professores do ciclo, turmas de primeiro ao terceiro ano, numa escola da baixada fluminense, na qual a realização de um simples projeto literário modificou de forma significativa o olhar dos profissionais sobre sua prática e sua ligação com a literatura, assim como a participação dos alunos. Tem por objetivo, além de mostrar os resultados positivos deste projeto literário e o impacto na prática dos profissionais e suas turmas, fazer uma reflexão acerca da importância de criar possibilidades que visem o desenvolvimento do aluno, acreditando que a partir do simples, é possível modificar realidades. Foram realizadas reuniões com os professores para tratar das práticas de leitura. As discussões ocorriam nas horas finais das Reuniões Pedagógicas, não oferecendo nenhum prejuízo para a rotina escolar. Nas reuniões, cada profissional discorria acerca de suas práticas de leitura, suas dificuldades e estratégias para revertê-las. Na sequência, nós, professores, tínhamos uma semana para elaborar atividades a partir de um determinado livro, escolhido a cada reunião, de forma diferenciada: por sorteio; tendo o título de cada livro colado embaixo da cadeira de cada professor; por uma listagem feita com a preferência de cada profissional e realizando um novo sorteio, criando-se assim, expectativa acerca do livro a ser trabalhado. Segundo Borba e Goulart (2005), “é preciso apostar nas crianças e nos adolescentes, em suas capacidades de aprender e conhecer.” Limitar a criança às formas tradicionais de leitura sem dar-lhes a possibilidade do novo, não lhes dá possibilidade de ampliação do conhecimento. As experiências tratadas no presente trabalho, apresentam produções interessantes de crianças, até então, alheias às práticas de leitura, assim como de profissionais criativos, em busca de renovação da prática e proporcionar algo a mais que uma aula, quem sabe, encantamento.

POIESIS NA SALA DE AULA

Diogo Ballestero Fernandes de Oliveira - UFRJ

A Poesia (texto lírico) pode ser um eficaz instrumento para a percepção do aluno quanto às possibilidades de significação de um único vocábulo na construção de um verso. Quando dizemos Poesia, estamos a nos referir às suas duas acepções: a técnica que a ensina, e a obra feita com a linguagem humana, isto é, a arte em si. A poesia compreende aspectos metafísicos e, ao mesmo tempo, a possibilidade desses aspectos metafísicos transcenderem ao mundo fático. A nossa proposta é a de uma atividade, um “jogo” lúdico, por meio de trocas de palavras, em locais previamente determinados de um poema específico, e o debate com os alunos de como a escolha da palavra (entre as opções dadas) não altera a estrutura do verso, nem seu ritmo ou melodia, porém

muda completamente o seu significado (semântica), logo, seu modo de ligação com o mundo fático. Nossa proposta é a de pensar a leitura como construção de sentidos, e deste modo capacitar o aluno de habilidades necessárias para perceber e decodificar o código linguístico e os elementos gramaticais importantes à constituição do texto em questão, porque isto permitirá ao leitor construir sentidos durante o processo de leitura. O estudo da gramática não deve ser o objetivo único das aulas, mas o instrumento que permitirá ao aluno ter acesso à linguagem. A nossa comunicação é direcionada aos professores dos Ensinos Básico e Médio. É uma proposta de exercício para a sala de aula. O *corpus* abordado em nossa apresentação será aquele da Literatura Brasileira em Língua Portuguesa.

A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DA SALA DE AULA COMO ESPAÇOS DE LEITURA E DE FORMAÇÃO LITERÁRIA PARA JOVENS LEITORES DE PERIFERIA

Eliana Guimarães Almeida
Maria Zélia Versiani Machado
(FaE/UFMG)

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento cujo objetivo principal é oferecer voz a leitores adolescentes que estudam em escolas públicas de periferia, com vistas a conhecer como se processam as escolhas, quais são as suas preferências literárias, quais são as principais influências na construção de seus repertórios culturais, quais são os discursos proferidos e como ocorrem as interações em torno das leituras, qual é o grau de consciência desses adolescentes em relação ao seu lugar de leitor em meios populares, qual é o papel atribuído por eles à leitura em sua formação como indivíduo e o que se pode denominar como “literatura juvenil” no conjunto do que se produz e do que se lê. A abordagem metodológica é qualitativa e os instrumentos de coleta de dados são questionário, entrevista e grupos de discussões. Para essa apresentação, buscaremos trazer algumas reflexões acerca da importância do profissional da biblioteca escolar na formação dos repertórios individuais, assim como a importância dos espaços de interação em torno da leitura. Entre as referências teóricas que embasam o trabalho, destacamos as discussões de Rildo Cosson, Graça Paulino, Anne-Marie Chartier, Michèle Petit, Teresa Colomer e Louise de Rosenblatt, autores que trazem importantes reflexões sobre formação de leitores, ensino de leitura literária, relação individual estabelecida entre o leitor e as obras, círculos de compartilhamento de leituras e as experiências singulares do leitor com a obra literária.

Palavras-chave: leitura literária, formação de leitores, mediação de leitura, jovens leitores.

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: DISCUTINDO A LITERATURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Carla da Cruz Santos UFRB
Dalila Lima da Silva; UFRB
Erica Bastos da Silva UFRB

Este trabalho tem por objetivo apresentar e partilhar alguns conhecimentos obtidos e experiências vivenciadas no âmbito do projeto de pesquisa intitulado ***A leitura literária na escola: reflexões sobre a formação do leitor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental***, vinculado ao Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Neste projeto são feitas discussões referentes a relevância do trabalho com a literatura nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse sentido serão apresentadas as discussões desenvolvidas no grupo de pesquisa, especialmente no trabalho com os textos literários contemporâneos que traga novos olhares sobre as concepções de gênero, etnia, entre outras. Assim, este artigo traz reflexões feitas a partir das leituras de autores como Cândido (2011) que apresenta a literatura como um direito humano, uma necessidade universal, uma manifestação de todos os homens, em todos os tempos, em todos os níveis da sociedade; Zilberman (2003) apresentando um histórico da literatura infantil no espaço escolar e Lajolo, (2000) que discute práticas de leituras literárias em

ambiente escolar. A pesquisa está em fase inicial, mas já foi realizado um mapeamento bibliográfico e literário sobre o tema bem como um levantamento do acervo de leituras presentes das escolas no município de Amargosa-BA. A pesquisa visa também trazer novas perspectivas de aprendizagem do trabalho com a literatura através de leituras prazerosas, que estimulem o raciocínio e atraia a curiosidade, despertando nas crianças a vontade de ler e criar histórias, relacionadas ou não a sua realidade. Espera-se que a pesquisa traga a contribuições para os educadores bem como para pesquisadores da área da literatura.

Palavras-chave: Literatura, Direito Humano, Formação de Leitor.

TÍTULO: LEITURA? NO CÔNEGO TEM!

Érica Feijó de Souza Lima (GPEALE/ Secretaria de Educação de Paulista)

Tematizamos a experiência realizada por intermédio de um projeto de leitura na Escola Municipal Cônego Costa Carvalho, situada no Município do Paulista, área metropolitana de Recife-PE. Nossa atuação perpassou pela coordenação escolar, função que executamos há 7 anos na instituição. Planejar, acompanhar e avaliar as situações propostas compuseram nossa atuação. Participaram do projeto as turmas do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, orientados por professores de Língua Portuguesa. O objetivo principal da equipe, ao planejar as ações que compuseram o projeto, partiu da necessidade de ampliar práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, no primeiro semestre de 2014, como forma de oposição ao distanciamento de nossos estudantes do hábito de ler. As situações propostas foram norteadas didaticamente a partir dos gêneros discursivos assim elencados: sexto ano poemas, sétimo ano memórias, oitavo e nono anos crônicas. A escolha partiu das proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Base Curricular do Município, sofrendo influência dos gêneros preconizados nas Olimpíadas de Língua Portuguesa. Pontuamos como relevante na experiência a participação de escritores da Academia de Letras do Paulista, tanto em momentos de planejamento docente, como com os estudantes nas salas de aula. Essa experiência permitiu ao corpo discente conhecer autores que compunham parte do acervo da biblioteca da escola e participação de saraus, A culminância do projeto se deu no pátio. Todas as turmas expuseram oralmente de diversas formas expressivas o que aprenderam ao longo do semestre. Acreditamos que a experiência aqui relatada reflete sobre como a escola pode organizar práticas de leitura mediante seu contexto, utilizando-se de sua autonomia.

QUESTÕES-PROBLEMA SOBRE A LEITURA

Gislene de Sousa Oliveira Silva (UFG – Regional Catalão)
Selma Martines Peres (PPGEDUC/UAAE/UFG/Regional Catalão).

Este artigo discute resultados obtidos e apresentados, em uma dissertação de mestrado, concluída no ano de 2017, por meio de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, do tipo “Estado da Arte”. Esta dissertação de mestrado vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Unidade Acadêmica Especial de Educação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, na linha de pesquisa “Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza”. É foco deste, apresentar algumas considerações acerca de questões-problema que incitaram investigações sobre leitura, em dissertações e teses, no período de 2010 a 2015, em programas de pós-graduação, no Brasil. As reflexões se dão em torno das proposições e questionamentos apresentados nestes estudos, bem como, acerca dos níveis ou modalidades de ensino em que se destacam as principais questões-problema. Essas considerações envolvem ainda breves comentários sobre as principais abordagens teóricas adotadas nesses trabalhos, relacionadas à leitura, concepções de leitura, ao ensino da leitura, formação de leitores, mediação de leitura, formação do professor e práticas em sala de aula. Este artigo embasa-se em alguns dos autores que refletem sobre a leitura,

dentre eles: Abreu (2001), Britto (1999, 2002), Chartier (1999, 2011), Geraldi (2012), Manguel (2002), Kleiman (2002), Silva (1995, 1998, 2005, 2009), Soares (1995, 1998, 2000, 2004, 2008), Zilbermarn (1998, 2000, 2004, 2008), Street (2014), Certeau (2014), Solé (2008), Koch e Elias (2009), Petit (2009, 2013), Girotto e Souza (2010) e outros. Os resultados apontaram que as reflexões e discussões sobre leitura, compreenderam principalmente, práticas de professores; formação de professores; livro didático e leitura; formação de leitores; mediação de leitura; literatura infantil e leitura; ensino da leitura; leitura e letramento, com ênfase no trabalho docente; práticas de leitura e escrita; e outros. O principal nível ou modalidade de ensino das investigações foi a educação básica.

Palavras-chave: questões-problema; leitura.

O GÊNERO CARTA PESSOAL NO PROCESSO DE INTERAÇÃO COM O TEXTO LITERÁRIO

Hécio Carlos De Oliveira Silva(UFOP)

Esta comunicação pretende expor o trabalho com o gênero carta pessoal no processo de interação com o texto literário. Tal atividade foi realizada com estudantes do ensino médio, em uma escola da rede estadual de ensino. Inicialmente, os estudantes eram incitados a lerem uma determinada obra literária. A partir do tempo disponível estabelecido de antemão, secundariamente, os próprios estudantes se organizavam para que pudessem produzir suas cartas e ainda responderem a carta de seu par de leitura. As duplas eram escolhidas por mim, para que novas relações afetivas fossem criadas dentro de sala de aula, além dos círculos de amizade mais habituais. O gênero carta pessoal era estudando inicialmente e, após o conhecimento de suas particularidades, os estudantes poderiam produzi-la com mais eficiência. Levando em consideração toda atitude responsiva perante os textos que circulam socialmente (BAKHTIN, 1997), o processo dialógico com o texto literário foi concretizado por meio dessas cartas, que eram trocadas entre os dois interagentes, logo após o processo de interlocução individual com a obra em questão. Com isso, os interlocutores puderam desdobrar uma construção conjunta do referido texto literário e, principalmente, consolidar solidariamente o processo do letramento literário de cada um. Pautado em COSSON (2009), toda atividade com o texto literário deve gerar um produto – que não sejam as famigeradas avaliações escritas de perguntas e respostas ou resumo do enredo- para que o leitor possa materializar sua atitude responsiva frente àquela produção artística.

Palavras-chave: Formação do leitor. Letramento Literário. Carta pessoal.

PROJETO ESCREVER CARTAS: ESTRATÉGIA PARA DESENVOLVER COMPORTAMENTOS ESCRITORES E LEITORES - ESCREVENDO CARTAS PARA AUTORES DE LIVROS INFANTIS.

Inêz Angelina da Fonseca (EMEI Profª Maria Luiza Moretti Gentile)

Este projeto tem como principal objetivo criar diversas possibilidades para despertar nas crianças o prazer e o interesse pela escrita. Uma das estratégias de desenvolvimento é a leitura de histórias e o incentivo em comunicar-se com o escritor. Segundo Delia Lerner 2002, p. 77, “[...] quando o trabalho é feito com poucos livros, [...] se dificulta ainda mais a possibilidade de que apareçam diferentes maneira de ler.” A leitura e o manuseio de livros pelas crianças, fazem parte da rotina nas salas das escolas de educação infantil. E para ampliar o conhecimento sobre os autores/ilustradores a professora incentiva as crianças a comunicação por meio de cartas, assim os pequenos leitores podem fazer perguntas e comentários sobre as histórias lidas em sala de aula, além de sanar as curiosidades sobre a vida pessoal do escritor(a), como por exemplo: para qual time torce?, Quantos filhos(as) possui? É casado com homem ou mulher? Utilizei a escrita de cartas, porque a carta é uma escrita com função social, que necessita uma organização na sua elaboração, tem propósito comunicativo, trabalha com o tempo de forma diferente do que vivemos atualmente, onde as informações são muito rápidas o que, muitas vezes, não permite o desfrute e o encantamento, requer o envolvimento por

parte dos correspondentes para além das simples troca de informação, criando vínculos de amizade e respeito. Ao término do ano letivo as crianças demonstram mais autonomia, melhoram a autoestima, apresentam melhor elaboração do pensamento resultando uma fala mais clara e coesa, se apropriam de um vocabulário diferenciado e desenvolvem uma relação positiva com a leitura e a escrita, que levarão para toda a vida.

Palavras chaves: escrita – cartas - literatura

LIVRO DE LEITURA MENINOS TRAVÊSOS: UM OLHAR

Ingrid Janini Ramos de Oliveira (UFG - Regional Catalão)

Selma Martines Peres (UFG – Regional Catalão)

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa monográfica que teve como objetivo analisar o livro didático de leitura Meninos Travessos, especificamente o Terceiro Livro de Leitura e o Manual para o Terceiro Livro de Leitura da autora Maria Yvone Atalécio de Araújo, publicado em 1970. Meninos Travessos é uma coletânea de livros didáticos. Compostos por: Pré-livro Meninos Travessos, Leituras Intermediárias, Primeiro Livro de Leitura, Segundo Livro de Leitura e Terceiro Livro de Leitura. Soma-se a coleção de ciências naturais, didática moderna e matemática. A investigação pautou-se na seguinte questão de pesquisa: como são apresentados os conteúdos e quais orientações didáticas constituem o manual para se ensinar leitura. Dessa forma, a perspectiva metodológica adotada foi a análise documental e estudo bibliográfico. Recorreu-se a autores como Bittencourt (2008), Batista e Galvão (2009), Zilberman (1991), Kleiman (2000) para fundamentar teoricamente este estudo. Esta pesquisa envolve dois campos, quais sejam: história e leitura, isto é adentra-se no complexo campo da história da leitura, ensino de leitura e no contexto histórico de 1970. Por fim, pode-se concluir que o Terceiro Livro de Leitura e o Manual para o Terceiro Livro de Leitura, tem uma forte presença da tendência tecnicista, própria do governo daquele período. No que compete a proposta de ensino de leitura a partir do livro e do manual, pode-se perceber que por um lado, as orientações abordadas, contribuem para a apropriação da leitura, ao explorar as práticas de leitura silenciosa e oral, ainda que de maneira mecânica. Contudo, por outro lado, estas mesmas atividades podem não repercutir num ensino que coopere de forma significativa na aprendizagem crítica e reflexiva. Assim, o que se observou nos documentos foi a ênfase em práticas voltadas para a decodificação, numa perspectiva restrita de leitura.

Palavra-chave: Livro didático de leitura; Ensino de leitura; Meninos Travessos.

ÉPICOS PÓS-MODERNOS: UM TRABALHO DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Juliana Lannes (UFRJ)

A leitura literária, muitas vezes, é feita no Ensino Fundamental II sem a pretensão de um letramento literário propriamente dito, já que esse é uma apropriação crítica da leitura por parte do leitor e – em muitas situações a leitura em sala de aula é apenas um subterfúgio para o trabalho com conceitos gramaticais ou com gêneros literários estanques. Buscamos aqui uma concepção de leitura que possa ser mais analítica, tentando promover a reflexão e o debruçamento do aluno sobre os textos trabalhados e as questões por eles suscitadas. Dentro dessa proposta, tenho o objetivo - através de sagas épicas pós-modernas, como: *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *Os Kane* – de discutir e de fomentar debates de temas presentes nas obras que circundam não apenas questões juvenis, mas tópicos que sejam referentes a toda sociedade. Para tanto, criei um projeto escolar com esse objetivo no ano de 2017, esse trabalho reuniu mais de 15 alunos de 8º e de 9º ano. Durante reuniões semanais discutimos o gênero literário épico e suas implicações, as obras selecionadas e outras sugeridas pelos alunos, os temas latentes nas obras, os diálogos constantes com outros textos/ culturas/

símbolos e as questões sociais dos mesmos. E, nossa culminância ocorreu na parte final do período letivo, quando os alunos começaram a construir seus *crossovers* e *fanfics* baseados nas discussões das reuniões que ocorreram durante o ano. A base teórica desse trabalho concentra-se na noção de letramento literário de Rildo Cosson, na ideia de literatura como direito de Antônio Candido e nos conceitos de dialogismo e de gêneros do discurso presentes em Mikhail Bakhtin.

Palavras-chave: Épicos pós-modernos; Letramento literário; Dialogismo; Ensino Fundamental II.

AVALIAR DIÁRIOS DE LEITURA

Lucas Dantas (UFPE)

A partir de uma experiência de estágio regência em Língua Portuguesa para ensino médio, pude trabalhar com diários de leitura de uma seleta de poemas. Na medida também em que me apropriava do instrumento de ensino, defrontei-me com a tarefa de avaliar os alunos. Essa apresentação trata de um relato de experiência com o intuito de evidenciar as potencialidades do instrumento “diário de leitura”, e a delicadeza em avaliá-lo. Sobre o diário, tomo como aporte teórico os trabalhos de Machado (1995, 2005), que o consideram como uma conversa que abre espaço para as subjetividades e afetividades do leitor. Como instrumento de ensino, é capaz de reinventar os papéis de professor e aluno. Sobre a avaliação, o trabalho pretende descrever a experiência (a construção de critérios e as respostas aos diários) e considerar o papel de teorias da leitura, de ensino de leitura e da própria maneira de se conceber os instrumentos de ensino (no nosso caso, o diário de leitura) na postura de avaliador. A discussão que vai do ensino à avaliação, interessam conceitos importantes como o de *conversa literária* como coração do ensino de literatura, de Bajour (2012); de *leitura subjetiva* como antípoda da análise, me apoiando em Langlade (2004); de *compreensão*, de acordo com Silva (1988), como modo de ser do homem e projeto de existência; da *arte de ler*, de Petit (2010), como o momento especial em que se ergue os olhos do livro; de *intimidade de leitura*, de Paulino *et al* (2001), que não se opõe ao “público”, mas ao indiscreto; por último, de uma ideia de *compreensão* de Volochinov (2017), mediada por signos ideológicos, por isso, necessariamente social. A partir disso, discutir como chegar aos textos dos alunos, que olhares formadores estão disponíveis ao professor.

Palavras-chave : formação de leitores, diário de leitura, avaliação

VULNERABILIDADE SOCIAL E LEITURA: CAMINHOS PARA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Lucas Rocha de Brito Rodrigues (UFSJ)
Magda Aparecida Lombardi Ferreira (UFSJ)

O presente trabalho visa compartilhar experiências tecidas no Projeto de “Extensão” da Universidade Federal de São João del-Rei intitulado “A formação do leitor crítico no enfrentamento da vulnerabilidade social de crianças e jovens do Projeto Vida Nova”. Neste, atividades objetos de nossas reflexões desenvolveram-se no ano de 2017 por meio de Círculos de Leitura Crítica, inspirados na teoria freireana, com educandos residentes na periferia da cidade de São João del-Rei, atendidos pela Associação Civil “Projeto Vida Nova”. O objetivo aqui apresentado reside em retomar discussões referentes à formação leitora em contexto de vulnerabilidade social, já ensaiadas em estudos iniciais apresentados no IV Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire, em Natal-RN (RODRIGUES, 2017). No decorrer deste texto são analisadas cenas registradas em diários de campo, cujo estudo demonstra que a teoria *antropológica-ética-ideológica-política-educacional* de Paulo Freire pode contribuir de forma significativa para mediação dialógica e democrática da leitura crítica da *palavramundo*, assim como também para a formação docente. De que forma a leitura pode contribuir para a criação de estratégias de resistência à vulnerabilidade social, como os Círculos de Leitura Crítica e os temas geradores se constituem como relevante metodologia de mediação de leituras, como as leituras realizadas no

contexto estudado perpassam pelo *corpo consciente* e por suas afecções demonstradas através da *palavracorpo* são questões que também serão objetos de nossa análise. A leitura crítica com leitores em situação vulnerabilidade social é abordada aqui como relevante instrumento político e possível caminho para a formação de sujeitos emancipados e empoderados, conscientes e transformadores das realidades em que estão inseridos e condicionados.

COMPREENDENDO O ATO DE LER COMO PRODUÇÃO DE SENTIDOS E DE SABERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ludmila Magalhães Naves - UFLA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart – UFLA

Partindo do pressuposto de que ler é um processo de produção de sentidos, esta pesquisa parte da concepção da linguagem como processo de interação verbal, considerando a leitura como uma forma de expressão, interação e integração social. Assim, compreende-se que o ato de ler vai além da prática de decifrar códigos linguísticos, corresponde a mobilizar um vasto conjunto de saberes sobre o conteúdo encontrado na superfície textual. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é compreender o ato de ler como um recurso de produção sentidos e de conhecimentos para ampliar possibilidades e incentivar novas práticas de leitura na Educação Infantil, compreendendo que ler é um processo que implica uma interação dinâmica de troca que inclui o professor como personagem fundamental. Para tanto, realiza-se uma pesquisa qualitativa na metodologia de um estudo de caso, de caráter descritivo e exploratório, a partir de entrevistas semi-estruturadas com supervisoras da educação infantil de escolas privadas sobre projetos de leitura desenvolvidos no ano de 2017. Toma-se como base teórica nas proposições de Manguel, Freire e Goulemot tecendo uma concepção de leitura e nas discussões de Girotto e Souza sobre leitura e primeira infância, assim como outros autores que contemplam a leitura como ato intenso de produção de sentidos e a literatura na educação infantil. Como resultado, observa-se que a pesquisa indica um esforço das escolas privadas em gerenciar ações que viabilizem e incentivem a formação dos pequenos leitores, com amplo investimento do professor como mediador do processo para a compreensão da leitura. Conclui-se que a leitura é sempre produção de sentidos e que a escola atua como um importante agente social incentivador do prazer pelo ato de ler a partir de práticas coletivas.

Palavras-chave: Formação de leitores. Mediação da leitura. Leitura na Educação Infantil. Produção de sentidos.

A SALA DE LEITURA: ANALISANDO UM EVENTO MEDIADO PELA PROFESSORA DE BIBLIOTECA

Magda Dezotti (UFPE)

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFPE/UFJS)

Esta comunicação apresenta, panoramicamente, os eventos mediados pela Professora de Biblioteca em uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental, atuante em uma Escola da Rede Municipal do Recife – PE. Apresenta ainda a análise de um dos eventos mediados pela professora que tipificam a sua prática. A análise é parte de uma pesquisa de doutorado que está voltada para a compreensão das práticas de letramento a partir da leitura de textos literários na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. O estudo está inserido no campo dos Novos Estudos do Letramento e metodologicamente adota a perspectiva etnográfica, descrita por Green, Dixon, Zaharlick e desenvolvida por pesquisadores como Brian Street, Shirley Heath, David Barton, Mary Hamilton, entre outros. Os dados foram construídos ao longo do ano letivo de 2016, por meio de observações, de gravações em áudio e de entrevistas. No campo teórico, além dos pesquisadores dos Novos Estudos do Letramento, a pesquisa traz a concepção de linguagem bakhtiniana, o

conceito de literatura e formação humana, de Antonio Candido e a discussão sobre as instâncias de escolarização da literatura, fomentada por Magda Soares. Durante o período de imersão no campo, foram identificados: eventos de letramentos que ocorreram a partir de mídias e de livros impressos, predominando os direcionados à leitura literária com ênfase no levantamento do conhecimento prévio dos alunos e no estabelecimento de relações intertextuais; obras selecionadas e lidas na íntegra, no suporte livro; perspectiva dialógica antes, durante e depois da leitura oral realizada pela professora em interação com os alunos; leituras que valorizam a formação cultural, dentre outros aspectos relevantes observados nos eventos que indicam a presença de uma comunidade de leitores em formação e de práticas voltadas para o letramento literário presentes no processo de escolarização da turma acompanhada.

DA LEITURA A PRÁTICAS DE (MULTI)LETRAMENTOS LITERÁRIOS

Marcel Alvaro de Amorim (IFRJ/PIPGLA-UFRJ)

A comunicação aqui delineada propõe-se a refletir sobre as diferentes abordagens das teorias dos letramentos que embasam discursos teóricos e oficiais sobre o ensino de literatura e leitura literária em diversas instâncias do território brasileiro. Nesse sentido, procurarei, inicialmente, compreender o percurso de estabelecimento do conceito de (práticas de)letramento(s) no pensar acadêmico nacional (KATO, 1986; TFOUNI, 1988; KLEIMAN, 1998; SOARES, 1998 e 2002) e a apropriação desse conceito por documentos oficiais orientadores do ensino de literaturas e leitura literária no Brasil, sobretudo, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (PCNEMs) e da seção de Conhecimentos de Literatura das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN) Em seguida, buscarei compreender os novos rumos dos estudos do(s) letramento(s), a partir da análise das duas vertentes desses estudos em destaque nas primeiras últimas décadas do século XXI: os chamados Novos Letramentos (STREET, 2003; LANKSHEAR, KNOBEL e CURRAN, 2013) e os estudos dos Multiletramentos (NEW LONDON GROUP, 1996; COPE e KALANTIZIS, 2000, 2009 e 2011; ROJO, 2009 e 2012). Por fim, tendo em vista os caminhos trilhados pelos estudos do(s) letramento(s) sinalizados e considerando a necessidade de construção de práticas de ensino de literatura e leitura literária responsivas e responsáveis (BAKHTIN, 2003) a contemporaneidade, revisitarei o conceito de Letramento Literário (COSSON, 2006; COSSON e PAULINO, 2009; COSSON, 2015), buscando perscrutar possibilidades de se pensar na constituição de práticas de (multi)letramentos literários na sala de aula de literaturas e leitura literária das escolas brasileiras.

A LEITURA APRECIATIVA DAS FORMAS VISUAIS NOS PERITEXTOS DOS LIVROS DE POTENCIAL DESTINAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DO LEITOR INICIANTE

Margareth Silva de Mattos (UFF)

Esta comunicação tem como propósito salientar a relevância dos peritextos editoriais (GENETTE, 2009) situados, especialmente, nas partes pré-textuais das publicações de potencial destinação infantil que apresentam narrativas híbridas (verbo-visuais), para a leitura das crianças, especialmente aquelas que se encontram em fase inicial de aquisição do sistema alfabético, as quais se mostram muito mais dedicadas e afeitas à leitura das formas visuais que à das formas verbais. Ainda assim, há muito a ser explorado quanto às relações e aos nexos que essas crianças podem estabelecer entre as formas visuais contidas na capa, nas guardas e páginas iniciais do livro, associadas a outros peritextos verbais, como o título, o nome do autor, entre outros, e o próprio texto. Tomando como objeto de análise a interpretação dos peritextos editoriais do livro *Silvester e a pedrinha mágica* (2017), de William Steig, Companhia das Letrinhas, realizada pelas crianças do primeiro ano de escolaridade do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF) em uma atividade de leitura compartilhada, buscamos investigar como as várias interpretações das formas visuais figurativas e codificadas (SANTAELLA, 2012; 2009) dos peritextos mencionados levaram as crianças a interagir tanto com o livro quanto entre si, criando expectativas, realizando antecipações e projeções, confirmadas ou não com a leitura do texto feita *a posteriori*. Ao explorar tais elementos peritextuais antes da leitura do texto híbrido, retomando-os em seu curso, o mediador permite que as crianças ampliem seus olhares apreciativos, suas

hipóteses, sua imaginação e, conseqüentemente, sua capacidade de compreensão e interpretação de narrativas híbridas.

FORMAÇÃO DO LEITOR: O QUE DIZEM AS PESQUISAS DO GT 10 DA ANPED

Naiane Angélica Alves Borges (UFG)

Andrea Del Larovere (UFG)

Esta pesquisa é o resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido durante a graduação em Pedagogia, quando verificou-se no decorrer do curso, a importância de se pensar na formação de leitores, de modo a refletir sobre o papel da leitura no cotidiano, como cidadãos, profissionais, professores e leitores. Sendo assim, a pesquisa partiu do seguinte questionamento: o que as pesquisas têm abordado sobre a formação do leitor do Ensino Fundamental? Desse modo, este trabalho teve como objetivo geral: analisar, conforme os trabalhos publicados nas 35ª, 36ª e 37ª reuniões da ANPEd, como as pesquisas têm tratado a formação do leitor do Ensino Fundamental I; e de modo específico: reunir dados das pesquisas apresentadas nas reuniões da ANPEd que pensam a formação do leitor, estudante do Ensino Fundamental I; apontar, segundo as pesquisas selecionadas, quais estratégias têm sido adotadas pela escola e pelos professores do Ensino Fundamental I para a formação do leitor; e, por fim, analisar os temas abordados e como podem contribuir para a formação do leitor. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, por meio de revisão bibliográfica. Os dados foram coletados nos trabalhos publicados nas 35ª, 36ª e 37ª reuniões da ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. A fundamentação teórica teve respaldo nos estudos de Chartier (1999), Cagliari (1989), Freire (1989), Manguel (1997), Soares (2008) entre outros. As análises dos dados evidenciaram a importância da mediação, da apropriação e do sentido da leitura na formação do leitor. Constatou-se que os mediadores de leitura são essenciais na formação do leitor e que, para que o leitor se aproprie da leitura, esta precisa, inicialmente ser mediada e contextualizada para que o leitor possa atribuir sentido e então se apropriar da leitura, ampliando assim, sua compreensão de mundo.

Palavras-Chaves: Leitura. Formação do Leitor. Ensino Fundamental. ANPEd.

A MEDIAÇÃO DE EVENTOS DE LEITURA DE LIVROS LITERÁRIOS NA ESCOLA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA

Nathaly Cristhine Ramos da Silva (UFPE)

Este trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise no que se refere à mediação de eventos de leitura de livros literários impressos na escola. Os dados apresentados neste trabalho são um recorte da dissertação em desenvolvimento, na linha de Educação e Linguagem do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, em fase de conclusão e cujo título provisório é: *A mediação de práticas de leitura de livros literários na escola: uma perspectiva etnográfica*, sob orientação da Profª Drª Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. Para elucidar nossas análises, o aporte teórico adotado aborda a discussão acerca do Letramento, a partir dos Novos Estudos do Letramento (BARTON E HAMILTON, 2000; HEATH, 2004; STREET, 2010); o Letramento Literário (PAULINO, 1998); as instâncias da escolarização da literatura (SOARES, 2011); a mediação de leitura de livros literários (PETIT, 2008) e o livro impresso de literatura (CHARTIER, 2011). O percurso teórico-metodológico deste trabalho tem como base a perspectiva etnográfica. Justificamos esta opção para analisar os dados a partir de nossa busca por uma visãoêmica (GREEN, DIXON, ZAHARLICK, 2005) em relação aos eventos observados na escola, isto é, haverá uma preocupação constante

em fundamentar nossas descrições e interpretações da prática educativa da professora observada e por compreender os significados das ações dos sujeitos e eventos diários. Os eventos analisados foram selecionados a partir de observações e registros em diário de campo durante o primeiro semestre de 2017 e o *locus* foi uma escola estadual de Pernambuco, localizada no Recife. Acompanhamos os eventos com ênfase na mediação de leitura de livros literários que a professora desenvolveu na escola numa turma de sétimo ano e também num Clube de Leitura que a mesma coordena, sendo este ofertado a todos os alunos da escola. Neste trabalho, nos deteremos a discutir alguns eventos ocorridos no sétimo ano.

Palavras-chave: mediação da leitura literária; leitura de livro literário na escola; ensino fundamental anos finais

A MEDIAÇÃO DE LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR: O OLHAR DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE ACERCA DA FORMAÇÃO DE LEITORES E DA IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS DA POESIA INFANTIL

Raquel Cristina Baêta Barbosa - UFMG
Isabel Cristina Alves da Silva Frade - UFMG

O presente trabalho traz análises parciais de parte da pesquisa da tese de doutorado, em andamento, “*O processo de construção de cânones, um estudo do percurso editorial de cinco obras de poesia infantil brasileira publicadas nas décadas de 1940 a 1980*”. O objetivo é apresentar os resultados parciais das análises e categorizações de questionários que foram aplicados a professores de 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental da Rede de Belo Horizonte que tinha como intenção fazer um levantamento da formação inicial da Literatura Infantil, da relação do professor com a leitura literária, a importância dada ao trabalho com a literatura infantil em sala de aula, a concepção de clássico/cânone e, também o reconhecimento de cinco obras de poesia infantil, que circulam em diferentes versões, dos escritores *Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Mário Quintana, Vinicius de Moraes e José Paulo Paes*. A partir da organização das análises e, também categorização dos questionários propõe-se construir uma discussão acerca de temáticas referentes ao processo de formação de professores e mediadores de leitura, a formação do leitor literário no contexto escolar, a concepção de cânone/clássico e a importância das obras da poesia infantil *O menino poeta, Ou isto ou aquilo, Pé de Pilão, A Arca de Noé e É isso ali*, que circulam em diferentes versões, no contexto editorial, literário e escolar para o campo do letramento literário. Reconhece-se a importância do acesso à leitura literária, bem como a necessidade de se pensar em formações de professores com o intuito de favorecer a mediação de leitura e, também as escolhas literárias no contexto escolar.

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: LINGUAGEM EM DIÁLOGO

Silvia Regina Pincerato Petrilli (FAC-FEA)

O presente estudo discute a formação do leitor literário desde a Educação Infantil, mais especificamente dos 3 aos 5 anos, período em que a criança começa a frequentar espaços formais de educação pré-escolar. Objetiva trazer alguns apontamentos sobre o ensino e a aprendizagem da leitura, analisando a importância da mediação e da interação na formação do leitor literário na Educação Infantil. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa qualitativa participante que propõe discutir o papel da mediação no processo de formação literária e da escola de Educação Infantil como um espaço em que essa mediação deve ocorrer. Neste caminho alguns princípios foram considerados: 1) o princípio dialógico da linguagem e da leitura ao estabelecer elos de interação entre leitor, texto, a estética e autor na produção de novos significados; 2) a qualidade das vivências leitoras experienciadas por cada sujeito nas relações estabelecidas diante das concretudes que são agregadas à sua própria história de leitor literário. Utiliza instrumentos da pesquisa bibliográfica para aprofundamento dos conceitos e, em campo acompanha crianças de uma sala de Educação Infantil desde o ano de 2014 em uma escola municipal da Rede Pública da cidade de Birigui, SP. Ao longo da pesquisa constatou-se que a formação do leitor literário na escola de Educação Infantil, quando

em contextos reais de mediação de leitura nas quais o leitor tenha que lidar com enunciados literários, perpassa pela necessidade de espaços planejados e com intervenções criadas pelo professor para que as crianças tenham que por em jogo seus conhecimentos por meio do diálogo com os textos valorizados enquanto obra literária, capaz de ativar outros textos e contextos na criação de novos e reais sentidos.

Palavras-chave: Leitor literário. Ensino e Aprendizagem da Leitura.

PROJETOS LITERÁRIOS: POTENCIAL PARA GARANTIR O EFETIVO TRABALHO COM LETRAMENTO LITERÁRIO

Rita Cássia de Oliveira, UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart, UFLA

A escolarização brasileira tem mostrado resultados nas avaliações nacionais, como a Avaliação Nacional de Alfabetização, sua precariedade na formação de leitores e produtores de texto proficientes. Frente isso, a escola precisa (re)pensar sua prática, uma vez que o domínio competente da leitura e da escrita é determinante para o exercício da cidadania plena numa sociedade grafocêntrica. Isso tem gerado discussões e ações enfatizando a aprendizagem inicial de leitura e escrita envolvendo o processo de alfabetização em articulação com o letramento literário. Neste contexto, quais metodologias e estratégias pedagógicas seriam indicadas para o trabalho no ensino inicial da leitura e da escrita enfatizando a experiência literária? Neste ensaio, temos como objetivo apresentar o que as pesquisas acadêmicas e os documentos oficiais de formação docente discutem sobre os projetos literários como uma das estratégias ou formas de proporcionar um efetivo trabalho de Letramento literário em sala de aula. Para isso, realizamos uma pesquisa documental a partir da análise dos cadernos de Formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), buscando definir o que é letramento literário e entendê-lo no seu contexto escolar, dialogando com Souza e Cosson (2011), Cosson (2014), Soares (2002; 2004; 2011), Pandini (2004), Koch (2006) e Almeida e Corrêa (2017); posteriormente, esclarecer o que é projeto didático e projeto literário, em interlocução com diferentes autores que aproximam da temática.

Palavras-chave: letramento literário, projeto didático, escolarização da literatura

LITERATURA, LEITURAS E LIMIARES

Angeli Rose CEDERJ/UNIRIO-UFRJ

A comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa-ação em curso, em estágio pós-doutoral, tomando como foco a formação inicial de professores em curso de Pedagogia na modalidade EAD. Para tanto, foi realizada breve revisão bibliográfica sobre concepções de literatura digital (Kock,2013 e Spalding,2012), enquanto objeto de aprendizagem, e sobre o conceito de experiência(Benjamin,1987),além de análise dos dados obtidos a partir de aplicação de questionário a professores-tutores e coordenador da disciplina “Literatura na formação do leitor”, integrante do currículo da referida graduação. A motivação inicial partiu da experiência de tutoria nesta disciplina(2016) em que apenas a literatura digitalizada estava presente nas práticas pedagógicas propostas nos planos de curso da modalidade EAD.A questão das fronteiras borradas em que a noção de “limiar” (Benjamin,1987) torna-se relevante para compreender as relações entre a literatura e as outras artes, principalmente, visuais, parece ser ainda um desafio para os professores-formadores. Os resultados até agora obtidos e ainda em análise sugerem a necessidade de se efetivar ações formativas para professores-formadores, pois algumas contradições surgem das respostas dos participantes que atuam na formação inicial, tais como: a predominância do uso de material digitalizado(60%);apenas 20% dos

especialistas indicaram conhecer literatura digital, porém, ao solicitar-se destes a nomeação de algum título, 10% “não lembravam” e outros 10% indicaram autor clássico da literatura brasileira, portanto, texto digitalizado. Entretanto, 60% reconhecem a relevância da presença da literatura digital na formação inicial de professores; e 100% desejam participar de formação específica sobre literatura digital e sua possível inclusão no currículo de Pedagogia, visando a formação de futuros leitores, em meio aos nativos digitais que se apresentam na educação básica. Posto isso, entendemos ser relevante discutir ações efetivas de curto e médio prazos para que a literatura digital se torne um objeto de aprendizagem presente nos currículos dos cursos de graduação, inclusive de Pedagogia, considerando o contexto contemporâneo que não pode nem deve prescindir de mais esta frente de formação leitora como direito às manifestações culturais (Cândido, 1989).
Palavras-chave: literatura digital; limiar; linguagens; intermedialidade; professor-formador

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “MEU PRIMEIRO DIÁRIO”: UMA REFLEXÃO COM UMA TURMA DO PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO SOBRE LEITURA E ESCRITA

Rosana Ramos Bunzen (FAFIRE-PE)

Com base na ideia de que o desenvolvimento da alfabetização ocorre num ambiente social, e que é fundamental compreender a natureza da escrita e da leitura, de suas funções e usos para dar início ao processo de alfabetização (CAGLIARI, 2005), desenvolvi um trabalho pedagógico de leitura e de escrita numa turma do Programa *Novo Mais Educação*, numa escola no município do Cabo de Santo Agostinho-PE, no ano letivo de 2017. Para alfabetizar essas crianças, envolvi as turmas do 2º ao 5º ano em um projeto de escrita intitulado de “Meu Primeiro Diário”, o qual tinha como objetivo principal despertar nos alunos o gosto pelo ato da escrita. Ao longo do projeto, utilizei, por diversas vezes, a prática da leitura literária para desenvolvimento do projeto, dando ênfase para o processo de leitura através da produção dos diários, e por fim, consolidando um trabalho com a escrita. Com base em Antunes (2003), desenvolvi uma prática com “diferentes processos e estratégias” de leitura de textos literários e não literários, inserindo diferentes gêneros. Assumi ainda que é por meio da leitura literária que a criança-leitora em formação consegue se transportar para o desconhecido, descobrir, decifrar os sentimentos e emoções. Priorizei a leitura de obras literárias em língua portuguesa e em espanhol. Após a leitura literária de “Diario de una Bruja” (Dávila e López, 2016), as crianças se interessam pela leitura de outras obras literárias, tais como “Diário de um Banana” (Kinney, 2008) e “Operação Risoto” (Funari, 2012). Elas se envolveram em debates, discussões e conflitos, tais como: “meninos, escrevem diários?”, “diário é coisa de menina!?”, levando-os a refletirem sobre diversas questões. No início da atividade, tínhamos apenas as meninas na produção da escrita e dois meninos, de uma turma de 40 alunos; depois das leituras literárias, toda turma se propôs a iniciar a escrita do diário.

Palavras-chave: Leitura literária, Produção Escrita, Alfabetização.

O PRAZER DA LEITURA: UMA PROBLEMÁTICA?

Estela Conceição de Albuquerque (UFRJ /SME-Duque de Caxias)

Este trabalho tem como objetivo analisar dialogicamente algumas orientações trabalhadas no âmbito da Secretaria de Educação de um município da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, relativas ao período em que atuei como Dinamizadora de Sala de Leitura numa escola do referido município (2009/2016). Em 1992, foi criada a Equipe de Leitura desse município, e, por volta de 1996, a função de Dinamizador de Leituras. Nesse contexto, as escolas municipais passaram a contar com um novo profissional, cuja função é trabalhar a leitura literária, uma vez por semana, com cada turma da escola. Desde então, a cada ano letivo e bimestre, a Equipe de Leitura convocava os Dinamizadores de todo município a comparecerem a uma

“Formação” na Secretaria de Educação. O objetivo era oferecer orientações gerais aos Dinamizadores e algum material que auxiliasse no planejamento. No contexto dessas Formações, o discurso era baseado principalmente na ideia de *prazer*: as mediações teriam o objetivo de *estimular o prazer da leitura*. Mas o que é o *prazer de ler*? De que instrumentos o mediador disporia para identificar e se certificar de que a sua atuação garantiria que o aluno saia daquela uma hora semanal estimulado a ler apenas por prazer? Qual é o objetivo de estimular o *prazer da leitura em si*? Esse estímulo se converte em aprendizado? A fim de contribuir para uma reflexão pedagogicamente encaminhada, teoricamente informada e metodologicamente possível do tema, a base geral da presente análise propõe um diálogo na perspectiva do círculo de Bakhtin (BAKHTIN; 2015; VOLÓCHINOV, 2017) entre o conceito de fruição presente em Barthes (2010) e o entendimento sobre a formação do leitor literário, principalmente, em Colomer (2003).

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Thaís de Castro Casagrande / Graduanda - Pedagogia UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart (UFLA)

Esta pesquisa é resultado dos estudos realizados no Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita – NELLE sobre o ato de ler. Acerca deste tema, procurou-se desenvolver alguns conceitos e significados sobre leitura como prática de compreensão e inserção no mundo letrado na formação de leitores. Apoiamos em autores da área de linguística e da sociolinguística, sendo alguns deles Freire (1981; 1987), Manguel (1997), Goulemot (2001), Queirós (2012), Koch e Elias (2007), Soares (2004), Chartier (1996), dentre outros autores que trazem grandes contribuições sobre a temática da leitura. Para isso, metodologicamente, buscamos identificar trabalhos que se utilizaram como foco de estudo a ação da leitura, e então, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, na qual foram reunidas produções científicas encontradas que tratavam de discussões a respeito da leitura e da formação do leitor. Nosso objetivo situa-se em mapear como discussão principal sobre a ação leitora que está descrita nas concepções de leitura, tendo em vista quatro perspectivas a decodificação, o processo educacional, a interação e o digital. Diante disso, problematizamos a leitura a partir de quatro eixos: o primeiro eixo que discute a leitura como processo de codificador, o segundo, como um instrumento indispensável na formação educacional, pois possibilita ao indivíduo várias habilidades e/ou competências, dentre elas, destacamos o desenvolvimento da autonomia e potencial crítico deles. O terceiro como processo de interação e produção de sentidos na relação entre leitor e texto e o quarto, como configuração dinâmica, ativa e interativa na leitura digital.

Palavras chave: Concepção de leitura. Processo decodificador. Formação educacional. Processo interativo. Leitura digital.

A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR PROFICIENTE

Vildete Gomes Pereira – UFMG

A presente pesquisa discute a leitura literária e a formação do leitor proficiente em sala de aula, tendo em vista que no mundo contemporâneo há uma multiplicidade de gêneros e de suportes em que circulam os mais variados tipos de texto e, ao inverso do que se espera, a prática de leitura através de eventos constantes na escola ainda não representa do ponto de vista social o domínio da leitura, a democratização e acesso à cultura letrada, tampouco a formação de leitores proficientes. Uma possível explicação para essa dissociação no processo de ensino/aprendizado da leitura é que nem sempre as atividades desenvolvidas em sala de aula se conectam com as práticas sociais que são os usos dos textos como mediadores das interações dos sujeitos no dia a dia. No ambiente escolar, os eventos de leitura literária são poucos, enquanto a formação de leitores proficientes implica a realização de atividades regulares e constantes. Ensejando uma contribuição na formação do leitor literário, busca-se através de contos das obras de Guimarães Rosa proporcionar um percurso de leitura que favoreça aos alunos uma interação do leitor com texto, com o autor e com outros

leitores. Uma diretriz relevante no estudo proposto é a abordagem de um dos maiores autores da literatura contemporânea, já no Ensino Fundamental para que, quando o estudante chegue ao Ensino Médio e tenha contato com a teoria das escolas literárias, já conheça a relevância do autor. Nesse sentido, julga-se importante uma proposta organizada com sequências didáticas básicas do Rildo Cosson (2009) com enfoque na obra de literatura de Guimarães Rosa, pois assim, cria-se um diálogo com o projeto interdisciplinar da Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira, onde o projeto será desenvolvido.

Palavras Chaves: leitura – letramento – Contos de Guimarães Rosa – Percurso – Leitor Proficiente.

FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DE LEITURA

Ana Carla Araújo Assunção
Juçara Gomes de Moura
Wanessa Geicielle da Silva Nunes
Júlio Cesar
Socorro Duarte
Rosa Aparecida do Nascimento
Maria Aparecida Lopes Rossi
Sheila Santos Santana
Aline Marques da Silva (UFG/Catalão)

A formação do leitor ainda é um desafio para a escola vez que, pesquisas em larga escala e também nossas atividades junto ao PIBID, com o subprojeto Práticas de Alfabetização e Letramento, evidenciam que alunos do Ensino Fundamental I e II, mesmo em séries adiantadas como o quinto e sexto ano, ainda não apresentam compreensão leitora eficaz que os façam ler e construir significados em textos que circulem socialmente. Visando problematizar tal questão, o presente artigo objetiva socializar as experiências adquiridas no contexto do PIBID no que se refere à mediação leitora e o papel do professor no desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos. Para Freitas (2015), a mediação pedagógica tem o objetivo de levar o aluno à compreender os textos, transformando-se em um leitor ativo. No ano de 2017 realizamos intervenções em uma turma mista composta por quinze alunos do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental. As atividades aconteceram semanalmente e foram planejadas tendo como aporte teórico autores como Kleiman (1999) e Giroto Souza (2010). Nesse artigo, as discussões se concentram em três atividades realizadas a partir da leitura dos textos: **O Amigo do Rei** de Ruth Rocha, **O Rei preto de Ouro Preto**, de Silvia Orthof e uma reportagem sobre o tema racismo. Tais atividades objetivaram ampliar as competências leitoras dos alunos a partir da mediação. No final, percebemos que os alunos participaram de forma ativa, demonstrando compreensão dos textos lidos, realizando previsões e inferências, relacionando as leituras com sua própria realidade a partir de seus conhecimentos prévios.

Palavras-chave: Leitura, Mediação, Leitor proficiente

BRUXAS, TEIAS, MONSTROS E ARANHAS: ESPAÇO E MEDIAÇÃO DE LEITURA NO CELLIJ

Renata Junqueira de Souza (FCT/CELLIJ/UNESP)
Cássia Carolina Piva (FCT/CELLIJ/UNESP)
Ana Carolina Furini (FCT/CELLIJ/UNESP)

A mediação de leitura, como afirma Oliveira (2002) é como uma ponte entre o leitor e o objeto de leitura, sendo esta capaz de proporcionar ou não, o gosto pela leitura. Como sabemos, o ato de ler pode contribuir para formar sujeitos críticos e conscientes do seu lugar no mundo. Sendo assim, é grande a importância dos mediadores de leitura, visto que, muitas vezes são aqueles que apresentam os livros às crianças pela primeira

vez. Os mediadores de leitura não ficam restritos somente aos professores, pais, bibliotecários, contadores de histórias, ao contrário, vão além desses sujeitos, pois os espaços também podem ser importantes mediadores e incentivadores na relação entre o sujeito com o livro. Para tanto, faz-se necessário que o espaço seja planejado conscientemente e intencionalmente para tal. Portanto, esse trabalho tem como objetivo, apresentar a partir de um relato de experiência, de momentos de contações de história no CELLIJ (Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da UNESP/Pres. Prudente), no segundo semestre de 2017 - cujo espaço foi todo organizado na temática do trimestre: terror e histórias de apavorar, proporcionando assim, um notável interesse das crianças em quererem ouvir textos, em contá-los e recontá-los, e procurar livros para leitura. Como resultado, houve um aumento significativo nas retiradas de livros de terror, e nós pesquisadores caminhamos para a compreensão de que os mediadores de leitura, da mesma forma, que o espaço, tem a função de estimular a leitura.

Palavras-chaves: Leitura. Mediação. Espaço. Contação de histórias. CELLIJ

O PAPEL DO PROFESSOR NA AMPLIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS LEITORAS

Gabrielle Lima Pereira
Maísa Viani Trevizan
Juçara Gomes de Moura
Maria Aparecida Lopes Rossi (UFG/Catalão)

Um dos maiores desafios no espaço escolar atualmente é o ensino da leitura e escrita. Esta é uma realidade que vem sendo demonstrada por estudos e avaliações diagnósticas e que também percebemos na experiência com o PIBID, quando ficou evidenciada a importância do professor mediador e o desenvolvimento de métodos de ensino voltados para desenvolver a fluência leitora dos alunos. Para que o ensino de leitura ocorra de forma eficaz, é importante que o aluno compreenda o conteúdo do texto lido, fazendo inferências a partir do seu conhecimento prévio no diálogo com o texto. Portanto, no presente artigo, problematizaremos estudos e experiências realizados em uma turma de 4º ano do ensino fundamental, realizados pelas bolsistas do PIBID, que consiste em um projeto que compreende atividades de estudos, planejamento de aulas e ações na escola parceira do projeto. As atividades que serão discutidas, são direcionadas à mediação e compreensão de leitura e escrita, tais como, leitura e produção de diversos gêneros textuais como textos literários, crônicas, notícias, resenhas, resumos, fábulas, poemas entre outros. Os autores que fundamentam essas ações são: Antunes (2003), Soares (2016) e Girotto e Souza (2010). O projeto, além de contribuir para a ampliação das competências de leitura e produção de textos dos alunos da escola parceira, contribuiu também para a formação das alunas bolsistas, no sentido de vivenciar a realidade da sala de aula, percebendo a importância do planejamento na prática de ensino e a reflexão sobre essa prática, proporcionada pelos estudos teóricos e assim possibilitando a formação eficaz para nossa atuação como futuras docentes.

Palavras chave: alfabetização, leitura, professor, escrita.

CIRCUITO DA POESIA: A LITERATURA INTEGRANDO ÁREAS DO CONHECIMENTO

Rayra Farias de Araújo (GPEALE/Professora da Educação Básica Recife)

O Circuito da Poesia foi um criado pela Prefeitura do Recife, a fim de representar poetas da literatura recifense. Ao poetizar uma cidade, a literatura garante que suas memórias virem obras e se eternizem. Tais memórias, por sua vez, nos constituem como sujeitos históricos e, assim, ajudam a construir nossa identidade. Este trabalho configura-se num relato de uma aula campo ocorrida a partir desse Circuito, que ocorreu com estudantes de uma escola particular da cidade do Recife. Inicialmente, o público alvo da atividade, que se

configurou como uma aula de campo, foi voltada para o segmento do Fundamental II, mas teve imediata inclusão, a pedido das/os professoras/, dos outros segmentos – Fundamental I e Médio. Os dados apresentados demonstram não só a larga participação da escola num projeto inicialmente voltado para duas turmas, mas, especialmente, o poder que a literatura tem de engajar, articular e promover um diálogo entre as áreas do conhecimento e os componentes curriculares, a partir do seu trabalho sob a perspectiva da sua função humanizadora (CANDIDO, 1972) e da ressignificação de textos literários (SILVA E SILVEIRA, 2011). Durante o percurso, as/os estudantes realizaram mini saraus voltados para cada poeta com a/o qual nos encontrávamos, visando à temática da cidade do Recife. O momento do circuito foi precedido, em sala de aula, pela contextualização da aula de campo a partir dos componentes curriculares: Literatura, Filosofia, História, Geografia, Artes, Matemática, Biologia (Ciências) e Línguas Estrangeiras, momento em que lemos e refletimos a cidade a partir da perspectiva literária e da/o pedestre, do modelo ideológico da cidade e da formação da identidade.

Palavras-chave: circuito da poesia; letramento literário; literatura e transdisciplinaridade.

O TEXTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR.

Juçara Gomes de Moura
Joice Calaça da Costa
Maria Aparecida Lopes Rossi
Tatiane Dias da Silva

A formação de um leitor proficiente nos dias atuais consiste em um desafio para as instituições escolares, vez que pesquisas e avaliações em larga escala têm mostrado a dificuldades dos alunos em entender os textos que leem. Diante dessa realidade, o sub-projeto do PIBID: Práticas de letramento nos anos iniciais do ensino fundamental vem desenvolvendo atividades junto à escola parceira com o objetivo de trabalhar textos de gêneros variados com os alunos propiciando nossa formação como professoras mediadoras de leitura. No âmbito deste artigo, vamos problematizar duas atividades desenvolvidas nesse projeto que foi desenvolvido em uma escola de tempo integral da rede estadual de ensino com alunos do 5º ano. A primeira foi realizada a partir de ditados populares, na qual os alunos precisavam se apropriar da estratégia: inferência, para compreenderem os mesmos. E outra, em que utilizamos o livro: “Centoleta, Borbopeia, Centopeia” da autora Ivacy F. Oliveira, realizando atividade de compreensão do texto e também desenvolvendo a capacidade de escrita dos alunos solicitando que escrevessem uma síntese demonstrando o que entenderam da história. Fundamentamos essas atividades em Rocha (2005), Giroto e Souza (2010) e Antunes (2003). Nossa metodologia consta de reuniões semanais para estudo e planejamento com as coordenadoras do projeto, professora supervisora e alunas bolsistas. No início do projeto percebemos as dificuldades dos alunos em construir significado para os textos lidos, mas, com a realização das atividades, conseguimos contribuir com o desenvolvimento das capacidades de compreensão e reescrita deles. O que foi demonstrado tanto na interação que tiveram com os textos quanto na análise das sínteses escritas pelos alunos. Além disso, vimos na realização desse projeto, a oportunidade de vivenciarmos situações cotidianas na escola-campo que contribuirão para nossa formação como futuras professoras que se preocupam com a inserção dos alunos nas práticas letradas de uso da língua.

Palavras chave: formação do leitor, mediação pedagógica, textos literários

EIXO 4 – LITERATURA, OUTRAS ARTES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE RAÇA E GÊNERO NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Maria Cecília Castro
Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF)

Este trabalho está inserido na perspectiva epistemológica das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, a partir de minha experiência como professora das classes de alfabetização. Minhas pesquisas acadêmicas têm como temáticas principais as produções identitárias de raça e gênero nos contextos escolares.

Compreendendo o conceito de professora pesquisadora a qual imbrica minhas práticas pedagógicas, procuro problematizar as construções identitárias das crianças tendo como desencadeadora a literatura infanto-juvenil que corrobora para estas discussões.

Neste sentido, dialogo como as teorias pós-coloniais e pós-modernas para dialogar com minhas pesquisas. Além destes, ressalto a importância das narrativas estabelecidas entre os sujeitos dessa pesquisa, possibilitando práticas dialógicas que produzem a reinvenção de si e do mundo.

LITERATURA INDÍGENA E A FORMAÇÃO DO LEITOR MULTICULTURAL

Leila Silva Sampaio – UFMT

A leitura não é somente um meio de aquisição da linguagem e alfabetização de sujeitos, mas sim auxiliadora na formação de identidades e apreensão do mundo, neste sentido a Literatura Indígena no ensino da perspectiva do multiculturalismo se apresenta como uma forte aliada no processo de reconhecimento e respeito às diferentes culturas existentes, pois esta arte que vem crescendo desde a década de 80, traz em sua produção, além do objetivo comum de entreter, a intenção de contar sobre uma cultura e aproximar o “desconhecido” para desafiar visões estereotipadas através de informações centradas no cotidiano da vida indígena. Muitos escritores indígenas vêm tendo destaque no meio literário e entre eles o escritor indígena Daniel Munduruku o qual se utiliza de suas memórias de infância e conhecimento sobre outras culturas para produzir suas obras e estas têm alcançado grande reconhecimento no meio e divulgações nas escolas. Entendendo que o tema literatura indígena ainda seja novo dentro do âmbito escolar e que muitos profissionais desconhecem esta arte como auxiliadora no processo de formação do leitor multicultural, este trabalho visa apresentar a literatura indígena e suas características auxiliadoras na formação leitora dentro da visão de multiletramentos apontados por Roxane Rojo e sob a luz das ideias de Janice Cristina Thiel na intenção de levar uma reflexão nos estudos para a formação de professores para que olhem a literatura indígena como uma ferramenta de conhecimento do outro e auxílio na sala de aula para a formação de leitores multiculturais para que este convivam com as diferenças com respeito. Uma das obras de Daniel Munduruku “Caçadores de aventura” será apresentada como exemplo de estudos em sala e ilustração da intenção aqui explanada.

LITERATURA INFANTIL E A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL

Cristiane Veloso de Araujo Pestana - UFJF

Por trabalhar diretamente com crianças pude perceber os equívocos que possuem alguns livros de literatura infantil, sobretudo naqueles que abordam a temática étnico-racial. Problemas não somente com a mensagem do texto literário, mas também com a ilustração. Elementos como cores, formas, cenário, características físicas dos personagens aumentam o grau de expressividade do texto. As imagens, assim como as palavras podem carregar conotações. Para Roland Barthes “a linguagem inclui todos aqueles sistemas dos quais se podem selecionar e combinar elementos para comunicar algo”. O objetivo da comunicação é propor uma análise criteriosa de algumas obras, desde o tema, o texto literário, as ilustrações, o local de fala dos autores até o impacto destas obras na construção social e identitária da criança negra. Tendo como justificativa o aumento considerável de livros infantis com temática étnico-racial, conforme apontam as pesquisas de Maria Anória de Jesus Oliveira sobre a Lei 10.639/03 e seu impacto na literatura infantil. Refletindo sobre a qualidade desses livros que foram lançados no mercado e sua utilização nas escolas, concluímos que muitos deles apresentam aspectos que podem interferir negativamente na representação das crianças negras e na forma como elas se veem representadas.

Conforme salienta Oliveira, o trabalho com a arte literária, seja no âmbito da produção, ou da seleção e difusão dos livros de literatura infantil de temática étnico-racial requer um olhar crítico para não endossar o que se deseja desconstruir.

A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: “O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ”

Paula Carpanez Corrêa - UFSJ

Se por um lado muitos estudos demonstram a importância da literatura para a formação da identidade das crianças, por outro, ainda hoje o contato de muitas crianças brasileiras está restrito ao ambiente escolar. A escola é espaço privilegiado para a formação das mentalidades e pode assumir um papel transgressor no que se refere à reprodução de estereótipos raciais. Porém inúmeras pesquisas denunciam o lugar ocupado por personagens negros nas histórias infantis, ou a falta dele. Negros exercendo papéis de figuras ingênuas, escravos, subalternos, abandonados, dentre outros, não são raros nas histórias infantis. Tais estereótipos contribuem para a formação das identidades. Andrade (2005) aponta que a ausência de referências positivas na vida de uma criança negra acaba por produzir uma total rejeição à sua origem racial. No entanto, o sujeito que acumula memória e experiência positiva em relação ao seu povo, constrói um sentimento de pertencimento à identidade racial. É neste sentido que pretendemos construir nossas práticas através de, entre outras estratégias, um trabalho expressivo com a literatura infantil. Assim sendo, analisamos o conteúdo do livro “O Mundo no Black Power de Tayó” com o objetivo de extrair práticas pedagógicas significativas. Verificamos que o livro apresenta os personagens negros, principalmente a protagonista Tayó, enquanto sujeitos fortes, fugindo ao estigma de sofrimento e escravidão. Desta forma, constrói uma afirmação positiva da negritude através não só da superação da situação racista retratada pela história, mas através da africanidade presente na estética das ilustrações, na cultura apresentada, na relação com a ancestralidade. Inúmeras são as curiosidades trazidas pelo livro, como o significado “Da alegria” do nome próprio africano da protagonista, a história do movimento Black Power, etc. Portanto, concluímos que o livro é um rico instrumento didático para a desconstrução dos estereótipos instituídos, a fim de auxiliar no empoderamento e emancipação de nossos alunos.

ENTRE QUATRO PAREDES: LITERATURA E IDENTIDADE QUILOMBOLA EM SALA DE AULA

Diogo Pereira Matos (IFSUDESTE/MG)

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de Mestrado em Educação, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), que teve como objetivo investigar qual a influência dos espaços educacionais, formais e não formais (comunidade e escola), no processo de construção da identidade quilombola de jovens de uma comunidade de remanescentes de quilombo, localizada na região rural do município de Resende Costa/MG. Uma das etapas do trabalho consistiu, por meio da etnografia, em acompanhar as práticas pedagógicas de professores de Literatura/Língua Portuguesa em sala de aula. O principal enfoque nesta etapa da pesquisa foi identificar como são trabalhadas, ou não, as temáticas preconizadas na Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todo o currículo escolar da Educação Básica. A escolha desse componente curricular se deu uma vez que a referida Lei traz em seu texto que, preferencialmente, o trabalho com a Literatura deverá abordar o tema da Lei. Como resultados da pesquisa, após a realização de observações, dentro e fora de sala, bem como entrevistas com os docentes acompanhados foi possível identificar que o trabalho com as temáticas que envolvem a história e cultura africana e afro-brasileira, além dos pressupostos da educação para as relações etnicorraciais, não contemplam a diversidade cultural e racial presente nas salas e na escola como um todo. Dessa forma, não contribuem para a construção de identidades quilombolas positivas dos jovens que estão presentes no contexto escolar investigado.

Palavras-chave: Educação Etnicorracial, Literatura, Prática Docente.

A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BRUXA EM LIVROS DE LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEOS

Anna Carolyna Franco Américo (UFMG)

Celia Abicalil Belimro(UFMG)

Os livros de literatura infantil contemporâneos têm apresentado, de forma geral, alterações importantes na caracterização de personagens tradicionais. Uma delas é a personagem bruxa, que vem ganhando destaque como protagonista. A importância da representação da figura da bruxa na tradição literária se dá uma vez que ela faz parte e contribui para a construção do imaginário infantil, além de auxiliar na reflexão sobre outros elementos narrativos, tais como: o significado do bem e mal para o desenvolvimento da trama; a construção do fio narrativo enredado por sua presença; a sua importância para o atingir do clímax da história; além da identificação das crianças com essa personagem, que atribuem significados, muitas vezes diferentes dos conferidos pelo público adulto. Todavia, o que se vê hoje é uma figura que foge aos estereótipos das bruxas tradicionais: muitas delas praticam o bem, são bem humoradas e vivem em bairros residenciais de grandes cidades – muito diferente da realidade ficcional vivenciada pelas vilãs dos contos de tradição oral. Deve-se perguntar, então, que mudanças estéticas e atitudinais as tornam novas figuras. Visando compreender essa tendência, o presente trabalho se propõe a analisar as transformações na caracterização dessa personagem, destacando as diferentes estratégias de sua elaboração. Os princípios teóricos que orientaram o presente trabalho baseiam-se no conceito de personagens híbridas (LAITANO, 2008), na contribuição em perspectiva histórica da construção da personagem bruxa (MACHADO, 2015), na descrição da bruxa na literatura do século XX, explorando suas múltiplas facetas (MENON, 2008). Além disso, articulamos essa discussão à lentes teóricas que auxiliam o entendimento do contexto histórico-social em que a literatura infantil se fundamentou e desenvolveu (NASCIMENTO, 2006), (COELHO, 1995) e (ZILBERMAN, 2004). No presente trabalho, foram selecionados três livros de literatura infantil. Como resultado, observa-se que o contexto histórico-social influencia e altera padrões, ainda que algumas características sejam mantidas.

Palavras chave: Literatura infantil – Bruxas – Estereótipos

O TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Anna Carolyna Franco Américo FaE/UFMG

Poliane Cristina Garcia Silva FaE/UFMG

Thaís de Souza Belo FaE/UFMG

Cláudia Staring- FaE/UFMG

A leitura literária cumpre, dentre outros, um papel fundamental para o desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças, além de aguçá-las para o hábito e o prazer pela leitura. Nesse contexto, o professor é desafiado a promover atividades que potencializem e contribuam para a formação de pequenos leitores, tornando-os capazes de perceber os próprios sentimentos despertados pela leitura literária. Autores como Zilberman (1987), Reyes (2010), Cosson (2014) e Colomer (1998) nos ajudam a pensar o que é esta arte e compreender os pressupostos teóricos que sustentam as práticas escolares. Este trabalho propõe articular esta discussão à reflexão sobre a construção da identidade docente (Nóvoa, 1995; Garcia, 1999). Tem como objetivo compreender os percursos vivenciados pelos futuros professores em atividades de docência. A pesquisa apoia-se metodologicamente na escrita de autobiografias (Souza, 2006, 2013, 2015; Bueno et al. 2006). Foram analisados planejamentos e aulas ministradas por estudantes de pedagogia, acerca do trabalho com a literatura infantil em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. A análise dos dados foi realizada considerando a reflexão do percurso vivido, evidenciado nas autobiografias dos estudantes em formação. Os resultados indicam que a literatura no espaço escolar motiva a curiosidade das crianças, transformando e influenciando o imaginário infantil, além de auxiliar nas discussões de situações sociais, como o respeito à diversidade. Nota-se que o trabalho com a literatura tem sido um eixo importante na construção da identidade docente dos futuros pedagogos, possibilitando repensar as práticas pedagógicas e desconstruir velhos paradigmas em relação ao trabalho com a literatura infantil na escola e na formação inicial.

Palavras-chave: Literatura infantil; Identidade docente; Formação de professor.

UMA COMPARAÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS OBRAS *A FADA MENINA*, DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA E *CAÇADAS DE PEDRINHO*, DE MONTEIRO LOBATO

Yanne Maira Silva

Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida (UNIMONTES)

A presente pesquisa integra o projeto “A Literatura Infantil de Lúcia Miguel Pereira: uma escrita da tradição?” que objetiva estudar os escritos de autoria da Lúcia Miguel Pereira destinados ao público infantil, visto que suas obras são desconhecidas. É possível perceber que os literatos infantis abordam, em seus escritos, questões morais e didáticas que podem ser trabalhadas com as crianças. Dessa forma, com base na análise histórica tratando-se da mestiçagem no Brasil, nota-se a diferença entre o negro e o branco tratadas como relações hierárquicas em que os negros são marcados de forma inferior e muitas vezes invisíveis. Alguns escritores de textos infantis colocam em evidência alguns conteúdos nas suas obras como exemplo *Caçadas de Pedrinho* (1933), de Monteiro Lobato e *A Fada Menina* (1939), de Lúcia Miguel Pereira que inscrevem o negro no embate com outras personagens, levando o leitor a refletir sobre a condição social deste no plano social. Nessa perspectiva, o objetivo deste texto é comparar a representação do negro nas duas obras narrativas acima citadas. Como resultados parciais, podemos observar que o negro, nessas obras, aparecem de forma marginalizada e inferiorizada em relação aos demais personagens. Para essa reflexão, teremos como

base de leituras, dentre outros, os estudos de Edwrigens A. Ribeiro Lopes, Nelly Novaes Coelho, Philippe Arriès, Luís Bueno, Olga Maria Lima Pereira, Tzvetan Todorov sobre os autores em questão e a temática da literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil; Negro; Monteiro Lobato; Lúcia Miguel Pereira.

SER E PARECER FEMININA: SUBSÍDIOS PARA A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SÓCIO-DISCURSIVO

Beatriz dos Santos Feres (UFF)

Bourdieu (2017, p. 118) afirma que “a história se obriga a tomar como objeto o trabalho (...) de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se”, a fim de problematizar a suposta naturalidade com que se condiciona a mulher à dominação masculina e à violência simbólica que sofre. Numa trama dialógica infinita, circulam representações que “acostumam” o homem e a mulher a comportamentos e papéis sociais pré-determinados, perpetuados por meio de bens simbólicos nos quais um modo de *ser* e *parecer* perpassa interdiscursivamente os textos, alimentando o imaginário sócio-discursivo com estereótipias. Nessa direção, observa-se que a construção da *feminilidade* tem no arquétipo da princesa seu mais contundente modelo, perpetuando a ordem social baseada no amor romântico, na família heterossexual e na dominação masculina em filmes animados e em livros ilustrados de ampla circulação. Em contrapartida, destacam-se, aqui, alguns livros ilustrados que problematizam a imagem da mulher, propondo a reconstrução do modelo cristalizado. Assim, sob a égide da Teoria Semiollingüística de Análise do Discurso, serão analisadas estratégias discursivas de construção do imaginário sócio-discursivo relativo à feminilidade nos livros ilustrados para crianças *Este não é um livro de princesas* (FRANCO; LOLLO, São Paulo: Peirópolis, 2014), *Super* (ALPHEN, São Paulo: Pulo do Gato, 2017) e *Coisa de menina* (FERRARI, São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016), a fim de verificar como esse bem cultural, de forte caráter formativo, apresenta às novas gerações a resistência à violência simbólica sofrida pela mulher. A reflexão aqui sugerida privilegiará a investigação da semiotização verbo-visual do mundo no contrato comunicativo estabelecido pelo livro ilustrado, cujo destinatário preferencial é a criança, mas cuja mediação do adulto, destinatário “filtrador” desse bem cultural, está também implícita e influencia a seleção do imaginário sócio-discursivo que permeia a obra.

“HISTÓRIAS DE ESCOLA” – PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE APRENDENTE

Idê Moraes dos Santos (PUC/SP)
Marcos Rodrigues Ferreira (UNICAMP)

“Histórias de escola” foi um projeto de livro digital realizado em 2017 pelo Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino Região de Mogi das Cruzes, em São Paulo. O projeto pautou-se na ideia de que com a expansão tecnológica o conhecimento individual deixou de ser absoluto, partindo para o trabalho colaborativo, ou seja, para a formação de uma “comunidade aprendente” facilitada pelo uso da tecnologia (Currículo do Estado de São Paulo, 2012, p. 12). Sob tal temática, a proposta do livro digital “Histórias de escola” foi a de incentivar os frequentadores da escola, como inspetor de aluno, merendeira, professor, faxineiro, diretor e vice-diretor de escola, caseiro, coordenador, a desenvolver olhar atento e sensível sobre uma situação inusitada oriunda da escola, para relatá-la em uma crônica, utilizando como suporte sua postagem em meio digital. No contexto escolar, os responsáveis pelo projeto aprofundaram seus conhecimentos sobre o conceito, a leitura e escrita do gênero crônica, a partir do estudo dos materiais pedagógicos existentes na escola, tais como da Olimpíada de Língua Portuguesa. Pontuamos como objetivos do projeto incentivar o uso das ferramentas digitais entre os participantes da escola; valorizar a produção textual dos frequentadores do universo escolar; surpreender o público para o qual escreve, com um olhar próprio e peculiar sobre a escola; criar, no contexto escolar, um

ambiente propício para a leitura e escrita do gênero crônica. O resultado foi a adesão ao projeto de 52 escolas (até 2 textos), com o envio de 96 crônicas que, por intermédio da parceria com 20 patrocinadores, foram editadas em 500 exemplares de livro em formato digital (CD) e entregues aos participantes, numa cerimônia de finalização do projeto.

Palavras-chave: Histórias de escola. Comunidade aprendente. Formação de leitores.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO IV: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Sandraia de Santana Barreto/UNEB
Fernando da Silva Monteiro/UNEB

O presente trabalho almeja discorrer sobre o projeto de leitura “Conhecendo e reconhecendo o meu lugar: minha origem, minhas raízes”, experiências compartilhadas durante as aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, ministradas aos alunos do 2º ano B matutino (Ensino Médio) no Colégio Estadual de Seabra, localizado na Rua Franklin de Queiroz, 595, Centro /Seabra-Ba. Este resumo refere-se ao trabalho desenvolvido na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV, coordenada pelo professor Fernando da Silva Monteiro e descreverá minha atuação enquanto estagiária na respectiva turma. Assim, a leitura do livro “Uma pequena lição de liberdade”, do escritor Júlio Emílio Braz, o qual aborda a questão da resistência negra a partir da formação dos quilombos partiu da necessidade de falar das relações étnico-raciais na sala de aula, principalmente nesta escola, a qual abrange alunos moradores de comunidades quilombolas. Buscou-se nesse projeto de leitura identificar o contexto no qual os alunos estão inseridos, evidenciando a falta de reconhecimento da importância dos quilombos, no qual sua trajetória de luta é negligenciada na escola. Na busca por uma educação na qual os estudantes quilombolas se vejam inseridos o marco referencial são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, que orientam a inserção da história e cultura quilombola na educação ofertada aos estudantes oriundos desses territórios.

TUDO O QUE NÃO INVENTO É FALSO: A FABULAÇÃO DA INFÂNCIA NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Maria Ângela de Araújo Resende (UFSJ)

Ao se referir aos “devaneios voltados para a infância”, Bachelard (1988) assinala que a memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações e que toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ele acrescenta ainda que os gestos de infância são decorrentes da construção de imagens feitas pelas crianças e pelos poetas, atuando estes como manifestações de uma infância permanente, que seria restabelecida pelo *tempo em que se conta*, ou, em outras palavras, pela possibilidade de ser fabulada. O *tempo em que se conta* negaria o vínculo temporal contínuo, porque o narrar ou poetizar o acontecido já prefiguram um mosaico de fatos e imagens descontínuas, trazidas do passado para o tempo presente e contaminadas de silêncios, esquecimentos e invenções. Inventar estaria, então, relacionado ao ato de apagar imagens e construir outras, no sentido que lhe confere Walter Benjamin, quando relaciona a caixa de brinquedos à possibilidade de o homem, ao abri-la, fazer surgir um novo mundo. Este trabalho pretende apresentar e discutir parte da poética de Manoel de Barros (1916-2014) a partir da relação entre memória e infância, que se articulam como elementos fundadores de uma linguagem adâmica, ou na possibilidade de se pensar uma pré-linguagem. Manoel de Barros, em sua poesia, ratifica que a criança é portadora de uma poesia sem linguagem, aquela construída pela des-nomeação, pela percepção do mundo com olhar não maculado pela cultura. A linguagem apreendida — diga-se através da “língua oficial”, com as imposições sociais — destrói em maior ou menor grau essa poesia primitiva. O poeta teria, então, a tarefa de reconduzir o homem a esse estado de pré-linguagem.

Palavras-chave: Manoel de Barros – poesia – memória - infância

O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA A PARTIR DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Marília Scaff Rocha Ribeiro (IFMG, Campus Itabirito)

Esta apresentação parte do princípio de que fazemos parte, hoje, de uma sociedade pós-literária (COSSON, 2015), na qual a tela e as imagens substituem o lugar central anteriormente ocupado pela literatura. Procura-se, nesse contexto, investigar como o surgimento de novas tecnologias influencia a formação de leitores no ensino médio hoje. Historicamente, o surgimento de diferentes inovações tecnológicas tem impactado não só os modos de circulação do texto, mas também sua produção e recepção. A escrita, por exemplo, possibilitou que a comunicação se separasse do corpo e que perdurasse para além da voz e do gesto (RISÉRIO, 1998). A partir de Gutemberg, o texto impresso possibilitou a comunicação de massa e conseqüentemente o consumo em massa de textos os mais variados. Já o texto digital contemporâneo permite a *produção* em massa: todos podem ser autores e fazer circular sua própria produção literária. Esta comunicação se propõe a refletir sobre esse novo perfil de leitores que são também autores. As novas tecnologias possibilitam a produção em massa -- todos podem ser autores na *world wide web* -- mas ter o domínio sobre nova técnica de escrita não garante a existência de leitores críticos. É preciso saber fazer uso consciente e significativo da leitura e escrita nesse novo contexto; é preciso ressignificar o uso das ferramentas digitais. Quatro conceitos-chave serão utilizados para promover uma reflexão sobre os novos horizontes tecnológicos no âmbito do ensino de literatura no ensino médio: letramento digital, multimodalidade, hipertextualidade e interatividade. Serão analisados exemplos literários que ilustram esses conceitos; além disso, serão propostas sequências didáticas que permitem abordar novas configurações de leitura na sala de aula.

Palavras-chave: letramento digital; formação de leitores; ensino médio.

A IMAGEM NACIONAL E INTERNACIONAL DE AUTORES BRASILEIROS: A (RE)CONSTRUÇÃO DE CÂNONES

Lucas de Paula Medeiros - UFJF
Carolina Alves Magaldi - UFJF

A presente pesquisa, desenvolvida com bolsa de iniciação científica BIC/UFJF e parte integrante do Grupo de Pesquisa Interculturalidade e Tradução, busca compreender como a imagem de escritores brasileiros é construída nacional e internacionalmente. Para tal, conduzimos um estudo de caso com Jorge Amado, buscando informações disponibilizadas em páginas de internet de editoras e veículos especializados, as quais foram problematizadas a partir do aparato teórico da Análise do Discurso (Foucault, 1986). No estudo de caso empreendido, levantamos dados, que foram agrupados nas categorias: biografia, bibliografia, construção do imaginário sobre o autor, sobre o país e sobre a literatura brasileira. No âmbito da obra de Jorge Amado, foi possível perceber a ênfase na bibliografia, principalmente no que tange à conexão do autor com o contexto baiano retratado nas obras. Outro ponto chave foi o destaque dado aos aspectos de desigualdade social, pobreza e violência na construção do imaginário acerca da sociedade brasileira. A partir dos resultados obtidos, é possível tecer uma discussão acerca da relevância do processo de construção de cânones na formação docente, principalmente em uma era em que as escolhas de leitura definidas para o ENEM são o principal referencial de corpus literário adotado em sala de aula. Buscamos, assim, ampliar o âmbito das discussões, procurando respostas para as seguintes perguntas: De que forma a imagem internacional dos autores brasileiros dialoga com a formulação nacional do cânone? Como tais imagens influenciam as leituras feitas de suas obras? Como a perspectiva crítica de futuros professores pode alterar os rumos dessa discussão? Quais são os possíveis benefícios dessa discussão para alunos da educação básica?

NAS VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA: uma experiência interdisciplinar com foco no letramento literário.

Vildete Gomes Pereira - UFMG

Este artigo é um recorte de uma investigação realizada a partir do projeto “*O Letramento através da Literatura de Guimarães Rosa - Nas Veredas de Minas: da Sala de Aula a Cordisburgo*” desenvolvido na Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira no município de Ibirité, Minas Gerais em 2017. O projeto desenvolvido sob o viés interdisciplinar teve o objetivo de estreitar os laços entre as disciplinas para promover o letramento literário mediado pelas obras de Guimarães Rosa. Para tanto, houve vários encontros entre os docentes a fim de possibilitar o “Letramento” dos professores, tendo em vista as particularidades da escrita do autor. Na sala de aula, as atividades foram realizadas em quatro momentos distintos: a confecção de suportes de leitura para o lançamento do projeto; a construção de um portfólio a partir dos diversos gêneros textuais, a leitura das obras e a visita à cidade de Cordisburgo. Relata-se o caminho utilizado pelos professores e alunos, numa postura colaborativa, em que foram planejadas sequências básicas visando contribuir na formação do leitor literário e na promoção do letramento literário na rede básica de ensino. As etapas foram realizadas por toda a escola (Ensino Fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos), mas o presente artigo relata apenas as atividades desenvolvidas nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. A participação dos alunos nas práticas sociais letradas exige que o texto seja objeto central na sala de aula, e o compromisso do professor com a leitura, especialmente de textos literários, potencializando as situações de recepção e produção visando a formação de um leitor proficiente.

Palavras Chave: Leitura – Letramento – interdisciplinaridade – Letramento Literário

DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Luiz Felipe Andrade (Colégio Pedro II/UERJ)
Raquel Souza (Colégio Pedro II)

A partir da análise de trechos extraídos de diários de leitura escritos por alunos do 6º ano do ensino fundamental acerca do romance cabo-verdiano *Comandante Hussi*, de Jorge Araújo, o presente trabalho visa observar a projeção e a expressão subjetiva dos alunos. O roteiro elaborado para a escrita dos diários pelos alunos dividia-se em etapas (pré-leitura, leitura, pós-leitura) com perguntas norteadoras que possibilitariam uma série de agenciamentos que se transversalizam com o leitor. O diário evidenciaria, no movimento de leitura e escritura, o fato de o “consumidor” do livro escolar se tornar co-criador do enunciado literário, ao mesmo tempo que este servia como co-criador de um agenciamento coletivo de enunciação ou como um elemento fundamental na produção processual e heterogênicamente da subjetividade (GUATTARI, 2012). Partimos, portanto, da premissa de que, mais do que as habilidades metacognitivas envolvidas no processamento textual da leitura, o investimento subjetivo exerce papel preponderante na leitura literária (ROUXEL, 2013), consolidando-se por meio de dispositivos pedagógicos tais como o diário de leitura e seu compartilhamento, capazes de promoverem aquilo que Guattari chama de autoalterificação, como mecanismo de produção de si. Em nossas análises, usamos a teoria polifônica da enunciação (DUCROT, 1987) como instrumental linguístico-discursivo para depreender o modo como esses leitores, em sua relação dialógica com o romance, se singularizam, por meio da gestão de diversas vozes que os atravessam. O diário de leitura mostra-se, assim, como uma ferramenta pedagógica relevante tanto na formação estética do aluno, quando na produção de subjetividade. Através dele, alterifica-se a si mesmo e se coloca em posição de alteridade em relação a algo que lhe é colocado a frente (o texto literário), mas que também o constitui.

PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLETINDO FELICIDADE CLANDESTINA DE CLARICE LISPECTOR

Geovâneo dos Santos Souza (UFAL)

Herlanne Nayara do Nascimento Santana (UFAL)

Este trabalho visa abordar a prática do letramento literário, sendo ela uma subárea advinda do termo letramento, destacando, antes de tudo, a importância da literatura no processo de leitura e produção de textos na escola. Assim, pretende-se apresentar a prática do letramento literário e como por meio dele podemos proporcionar ao estudante que está na educação básica, neste caso, alunos do 1º ano do ensino médio, a possibilidade de se tornar crítico e reflexivo no ambiente escolar e em meio a sua realidade, procurando participar não somente na formação dentro dos muros da escola, como também fora dela. O estudo realizado é proveniente de uma análise de textos, a partir de uma atividade aplicada em sala, no qual foi utilizado como recurso o conto Felicidade Clandestina de Clarice Lispector, além do curta-metragem de Beto Normal e Marcelo Gomes como adaptação do conto. Diante disso os alunos do 1º ano “A” e “B” do ensino médio da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva realizaram, em um momento de intervenção do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), reflexões sobre o conto e curta. Nessa trajetória, para auxiliar a discussão e fundamentar a análise, utilizamos textos de Antunes (2003), Soares (2012) e Cosson (2006), dentre outros que estudaram e estudam sobre o letramento, mais especificamente o letramento literário na educação. A concretização e justificativa do nosso trabalho diz respeito à valorização do ensino de literatura em sala de aula, ressaltando a importância de se estudar obras que permitem uma compreensão da realidade. Desse modo, refletindo sobre as produções dos alunos, observando suas opiniões por meio da escrita, podemos perceber traços sobre como o letramento literário pode ajudar os estudantes a refletirem sobre a realidade a sua volta, seja por semelhanças e/ou diferenças.

Palavras-chave: Leitura; Letramento Literário; Felicidade Clandestina; Clarice Lispector.

A COR NA LITERATURA: DOS PROCESSOS E ASSUNÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGADA E VILIPENDIADA EM VIVA O POVO BRASILEIRO

Adilton da Cruz Santana (Letras com habilitação em Língua Inglesa – UNEB)

Em *Viva o povo brasileiro* os quadros historiográficos de um país em busca de uma identidade nacional são remontados e recontados a partir de uma perspectiva inusitada. João Ubaldo Ribeiro em seu romance histórico contrasta a História oficial do Brasil, questiona as posições de sujeitos e objetos da história e propõe um fazer literário em que as minorias subalternizadas se apropriem das ferramentas do discurso para contrapor as condições que lhes aviltam. A proposta em questão objetiva analisar e discutir as construções discursivas e os processos de assunção, branqueamento e negação que constituem a identidade étnico-racial do personagem literário, Amleto Ferreira, este que nega sua identidade originária e passa a assumir modos e hábitos da cultura europeia para ascender socialmente. O projeto a ser desenvolvido terá como metodologia a revisão da crítica sobre a obra em questão de João Ubaldo Ribeiro, especificamente os discursos evocados do personagem, Amleto Ferreira, e as possíveis relações entre a representação, percepção, assunção e negação da identidade negra na produção do texto literário. A partir desta perspectiva pretendo utilizar a análise e percepção do corpus literário e os seus efeitos de produção na sociedade como instrumentos discursivos úteis para evocar e problematizar o estudo das relações étnico-raciais na literatura brasileira. Em consonância com as discussões abordadas por autores como HALL (2011), MUNANGA (1986; 2008), TELLES (2012), FRANÇA (1998), CÂNDIDO (2000), GODET (2014), dentre inúmeros outros autores que contribuíram e ainda contribuem para o debate e fomento das temáticas aqui citadas.

Palavras-chave: Identidade étnico-racial. Romance histórico. Texto literário.

DISFARCE DO POETA/EU LÍRICO COMO PRETEXTO POÉTICO

Ana Paula Alves Generoso – Escola Estadual Professor Morais - MG

Nesta proposta de leitura pretende-se analisar como *corpus* os poemas de um autor contemporâneo nordestino, Bruno Candéas, que cria seu material a partir da perspectiva de uma literatura marginal, ou seja, como fruto de produções e leituras de textos regionais nordestinos, modernistas, entre outros. O *corpus* integra textos retirados dos livros **Filé 1,99**, 2003, **A trégua dos ditadores**, 2004, **Férias do Gueto**, 2005, **Indigestual**, 2007, nesses textos poéticos pretendesse observar como o autor se constrói e forma a identidade enquanto autor. Os textos imagéticos, visuais, que compõe os poemas possibilitam e constituem um material importante para compreensão do texto literário, por isso, os poemas serão vistos dentro da conceituação para Eco (1993) de autor modelo - implícito e explícito - e concepção de sujeito para Hall (2003), Agustini e Grigolletto (2008) que leva a construção de uma identidade fragmentada em vários sujeitos, mas que permite através da alteridade a instauração do autor/ poeta/ eu lírico nos poemas, essa construção irá ocorrer pelo jogo poético que está presente nos signos linguísticos e nos jogos de linguagem marcados nos poemas, levando em consideração a poesia como um fazer poético e também uma estrutura que marca um não lugar, na visão de Marc Augé (1994), de afirmação do eu lírico como autor ou não da própria escrita, considerada como uma marca identitária marginal ou mesmo em uma tentativa de alta afirmação de si mesmo como signo do fazer poético, o qual possibilita um diálogo entre o eu lírico e o suposto leitor que é instaurado a cada poema e proposta de leitura.

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NO POEMA “VELHICE”, DE GILKA MACHADO

Deivide Almeida Ávila – IF Sudeste Campus São João del Rei MG

Proponho neste trabalho a investigação de uma das representações literárias da condição da velhice no Simbolismo brasileiro. O presente artigo tratará de explicar no poema “Velhice”, integrante do livro *Velha Poesia* (1965) de Gilka Machado (1893-1980), como o idoso é representado/visto pela sociedade. A poeta em questão foi pioneira da poesia erótica no Brasil e das únicas mulheres representantes do Simbolismo. Agraciada com algumas premiações com suas poesias desde os 17 anos de idade, Gilka Machado explorou temas além do erotismo, escrevendo sobre assuntos pertinentes a política humana social. No poema “Velhice” buscarei mostrar a maneira de a poeta elucidar circunstâncias para isso, a qual utiliza uma voz como delatora de uma situação degradante às pessoas de mais idade. Ainda, no poema a ser explicado, percebe-se a solidão e o sofrimento do eu - lírico enquanto uma voz que reclama os preconceitos sofridos em uma fase da vida, cujo sofrimento é mais intenso e maiores. Parece-me que essa escritora, em contraposição a convenções sociais, apresenta a pessoa idosa não como um estereótipo convencional, mas como um ser que vive além de uma condição figurativa literária, que expressa significado. Assim, ela agrega valor e legitimidade ao idoso. A escrita poética de Gilka Machado intenta realizar a transposição do social para a escrita literária, pois se ocupou de escrever uma poesia atemporal e universal que relata práticas desumanas com pessoas rejeitadas por questões de estética física. Dessa forma, a escrita da poeta desafia preceitos a conduta moral da sociedade vigente de uma época com falsos moralismos.

Palavras-chave: Velhice. Preconceito. Solidão.

A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”

Erika Santos, Bolsista CAPES e mestranda no PPGAC- UFSJ.
Cláudio Guillarduci (UFSJ)

O presente resumo anseia apresentar a investigação de elementos que compuseram (e ainda compõe) os movimentos de um corpo em arte, de memórias que dançam. A partir das imagens de pensamento descritas por Walter Benjamin no livro “Infância em Berlim por volta de 1900” é possível discorrer sobre os métodos que colocaram sua literatura na dramaturgia de “*Haveres da infância; Um poeta colecionador*”. Portanto, ao mergulhar na memória da infância é possível, segundo Benjamin, recuperar a sensibilidade do olhar infantil sobre o mundo estabelecendo entre a criança de outrora e o adulto de hoje uma percepção aguçada do cotidiano. Para este momento a discussão que o resumo expõe será “**Conversas de um Poeta Colecionador**” como fio condutor de um experimento cênico extraído do monólogo, evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. Os textos autobiográficos do autor berlinense que corroboram para a construção do monólogo, instigam os caminhos de construção cênica e foram escolhidos os seguintes fragmentos/peças *O Corcundinha* (p.141), *A escrivanhinha* (p.118-120), *O jogo de letras* (p.104-105), *Um anjo de natal* (p.120-122), *Esconderijos* (p.91) e *Armários* (p.122-125). As interações com os objetos cênicos e suas relações diretas com os fragmentos/peças benjaminianos dialogam na (re)elaboração de imagens para a narrativa cênica, o que contribuiu com o processo de rememoração.

Palavras-chave: Walter Benjamin, memória, movimento.

POÉTICAS INTERTERRITORIAIS NA SALA DE AULA

Guilherme Trielli Ribeiro (UFMG)
Poliana Moreira da Silva FALE UFMG

Neste trabalho examinamos algumas tendências da poesia contemporânea e possíveis inovações que elas trazem para o ensino de literatura. Consideramos especificamente as múltiplas figurações da palavra na rede. Os diversos sistemas semióticos que a constituem vêm contribuindo para a invenção de obras que tensionam as tradicionais fronteiras entre os campos do saber e convidam os leitores a uma radical reinvenção da experiência estética. A animação de textos, os mashups, as remixagens, a utilização de som, por exemplo, são alguns dos procedimentos empregados no universo da criação digital que inauguram novos meios de se fazer poesia. Não é possível ler as obras poéticas desse contexto apenas da perspectiva da palavra impressa, a não ser que se deixe de lado um de seus aspectos mais característicos: a interterritorialidade. Este conceito, que é o fio condutor do livro organizado por Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral, *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação* (2008), diz respeito, como aquela autora afirma, às “interconexões, interpenetrações e sincretismos gerados por valores culturais mais democráticos e pelas novas tecnologias” (BARBOSA, 2005). A fim de propormos uma reflexão teórica a partir de um exemplo concreto, buscamos compreender os modos como a interterritorialidade comparece na antologia digital ENTER, organizada por Heloisa Buarque de Holanda. Tanto na materialidade da plataforma quanto nos textos poéticos nela incluídos, circulam práticas de leitura que procuramos descrever e analisar, indicando também os seus possíveis diálogos com o ensino de literatura e comentando a potência dos contatos entre os vários gêneros poéticos, suportes, modos de ler, tempos, espaços, mediadores e obras que ela nos apresenta.

Palavras-chave: Poesia digital; Interterritorialidade; Ensino de literatura.

LITERATURA BRASILEIRA E MÚSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CRIAÇÃO DE UMA BANDA ESCOLAR NO INTERIOR DE MINAS GERAIS ATRAVÉS DO MÉTODO DA CAPO

Idalmo Jonatan Castro Santos – Conservatório Estadual de Música de São João del Rei MG

Usar a arte como uma ferramenta para a educação não é nenhuma novidade, Platão menciona tal estratégia já na Antiguidade Clássica. Porém, esta ideia tem recebido mais atenção recentemente. No entanto, o grande marco nos debates sobre o tema foi a publicação do livro “A educação pela arte”, em 1943, do pedagogo inglês Herbert Read (BRÉSCIA, 2003). Segundo Bréscia (2003), Read propunha a troca de uma pedagogia da lógica e do “intelecto” para uma pedagogia dos sentimentos e emoções, através da arte. Só a partir de então, a arte se tornou mais presente e constante no ambiente escolar. Mas, na prática, ela continuou como uma disciplina no currículo, sem o *status* das demais. Após a lei 11.769/2008, que tornou obrigatório o ensino de música nas escolas de educação básica, a Escola Estadual Pedro Luiz em Neolândia, um distrito de Itapeverica MG, recebeu uma doação de instrumentos musicais. Neste contexto, nasceu o projeto “Banda de Música Escolar”. Foi dado um prazo de um 1 ano ao professor contratado para a primeira apresentação. Foi necessário a adoção de um método que possibilitou o ensino da teoria musical, o ensino instrumental e a prática de conjunto ao mesmo tempo. O método Da Capo foi escolhido, por atender as demandas do projeto, como os alunos não possuíam nenhum conhecimento técnico musical, e usar canções e cantigas de roda da literatura infantil brasileira e do folclore nacional. A didática do método era mais acessível aos alunos por trabalhar com melodias conhecidas como “Marcha soldado”, “Banbalalão”, “Pastorzinho”, “Jingle Bell”, entre outras. Durante o projeto foi observado uma grande transformação no ambiente escolar, com o aumento da disciplina e melhor desempenho dos alunos nas demais atividades.

CINEMA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POESIA, INVENÇÃO E DELÍRIOS IMAGÉTICOS NO ENCONTRO INTERGERACIONAL

Jacqueline de Castro M. F. Silveira (UFSJ)

Fernanda Omelczuk Walter (UFSJ)

O objetivo geral deste trabalho é conhecer as contribuições do encontro do professor em formação com o público idoso em uma instituição de longa permanência em São João del-Rei, atravessados pela experiência do cinema, o que incluiu ver filmes e realizar pequenos exercícios de criação com este público, como histórias, pequenos planos e fotografias. O trabalho metodológico consiste em encontros semanais com a elaboração de diário de campo e registros fotográficos e filmados. Busca-se cartografar reflexões do encontro neste território dialogando com as ideias difundidas por Kastrup e com os pensamentos de Rancière, Bergala e Migliorin sobre o cinema como oportunidade para o encontro de igualdade e partilha intergeracional. Também nos amparamos nos estudos de Vigostki, mormente sobre as relações entre arte e imaginação como uma potência de vida e criação. As primeiras experiências dessa pesquisa em andamento apontam para algumas facetas poéticas do cotidiano do idoso que parecem contribuir para a formação docente: a vivência de um ritmo outro em contraste a velocidade acelerada da vida moderna; suas capacidades imaginativas e delirantes para (re) invenção e criação de histórias e acontecimentos, que provocam a supremacia da razão na construção do conhecimento, o que propicia que o idoso e futuro docente se encontrem numa relação intersubjetiva multifacetada - de alteridade. Tudo isso implica inquietudes, possibilidades de aprendizagens, desaprendizagens e de transformação para ambos, já que ao se relacionar com alguém, considera-se um sujeito povoado de "outros", de objetos, memórias e identificações do passado e do presente, as quais se atualizam nas relações e na criação, e no caso deste trabalho, particularmente potencializado com a sétima arte.

Palavras-chave: Cinema e educação; Encontro intergeracional; Atividade Criadora; Formação docente.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO *ACONTECIMENTO DA NOITE*, DE LÚCIO CARDOSO

Joice Pilar de Carvalho Souza – IF Sudeste Campus São João del Rei MG

O presente artigo trará em pauta o conto *Acontecimento da noite*, publicado em 1950, de Lúcio Cardoso (1912-1968). Além de romancista, poeta e contista, Lúcio Cardoso atuou em outros meios artísticos, como direção televisiva e teatral, além de pintor. Como representante do Modernismo literário, tem como obra prima “Crônica da Casa Assassinada”. Porém, poucos foram os estudos sobre sua obra, como os contos que pertencem a obra “Contos da Ilha e do Continente”. O conto *Acontecimento da Noite* é um deles, e pertence a obra citada. Esse conto traz uma abordagem distinta a respeito da visão do homem para a mulher. Nessa perspectiva, o enredo elucidado pelo autor desenvolve-se por meio de uma problematização durante a narrativa – a representação da mulher, a qual será mostrada em sua vivência física/psicológica enquanto um gênero na sociedade. No âmbito da tensão interiorizada, o autor propõe um enfoque subjetivo, e constrói uma narrativa a partir da experiência e das facetas atribuídas ao papel da mulher no cenário brasileiro. Nesse ínterim, ele tece a narrativa entorno do papel do feminino, um fato que tornou-se característica do autor. O conto aborda um paradigma pouco mencionado na arte literária da época. A valorização do ter em prol do ser, a solidão em diferentes aspectos e as marcas trazidas pela efemeridade da vida, são fatos abordados na obra pelo autor.

Palavras- chaves: Representação. Mulher. Solidão.

LITERATURA E CINEMA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DO ESTUDANTE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Juçara Moreira Teixeira (CP/FAE/UFMG)
Celia Abicalil Belmiro (CEALE/FAE/UFMG)

O cinema e a literatura sempre estiveram presentes na escola, mas ocupando espaços distintos e sendo abordados também distintamente. No Ensino Fundamental, o cinema costuma ser estudado por diferentes áreas do conhecimento, não se restringindo ao campo da disciplina de Arte, e é comumente utilizado como pretexto para tratar de determinadas temáticas ou conteúdos (NAPOLITANO, 2005); a literatura se situa na disciplina de Língua Portuguesa e seu estudo se realiza por meio de textos esparsos, enfatizando os aspectos composicionais do gênero literário, dos temas e enredos (no caso de narrativas) e, algumas vezes, a especificidade da linguagem literária. Apesar do aparente distanciamento disciplinar e também artístico, as duas artes mantêm uma estreita inter-relação que se torna mais evidente no caso das adaptações cinematográficas, conforme aponta Cosson (2014). Este texto, resultante de uma pesquisa de doutorado em andamento, pretende analisar a obra literária “O menino no espelho”, de Fernando Sabino, e sua adaptação para o cinema (“O menino no espelho”, de Guilherme Fiúza Zenha) para discutir possibilidades de ensino-aprendizagem da literatura e do cinema no Ensino Fundamental. Este trabalho considera os estudos de Belmiro & Maciel (2014) e Cosson (2014) sobre os diferentes espaços ocupados pela literatura na contemporaneidade e a formação de leitores; de Rouxel (2013) e Jouve (2012) sobre o ensino da literatura; os estudos sobre a adaptação cinematográfica, conforme McFarlane (1996), Diniz (2005), Stam (2006) e Hutcheon (2013). Pretende-se, assim, problematizar o ensino da literatura em diálogo com o cinema, buscando uma ampliação do conhecimento sobre a formação estética dos leitores e espectadores, a fim de contemplar os diferentes sistemas semióticos e suas inter-relações.

Palavras-chave: literatura; cinema; adaptação; formação estética.

O CORDEL NA SALA DE AULA E AS INTERFACES COM OS OUTROS CAMPOS DE CONHECIMENTO

Kely Cristina Nogueira Souto – Centro Pedagógico UFMG

Este trabalho evidencia uma experiência com crianças de 7 anos em uma escola pública federal localizada no município de Belo Horizonte. O objetivo central da proposta foi proporcionar aos alunos a prática da leitura de gêneros literários da cultura popular tendo como destaque, o cordel. O trabalho desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa possibilitou uma interlocução com as Artes e a Educação Física. Além da interlocução com esses campos de conhecimento foi priorizada a apreciação e a apropriação de gêneros discursivos distintos que ampliaram a visão das crianças proporcionando a valorização da literatura brasileira nordestina. O projeto intitulado, *Literatura, Cordel e Arte*, compreendeu uma metodologia que possibilitou às crianças conhecerem e estabelecerem relações entre os gêneros apresentados, o que contribuiu para a prática da elaboração de textos. A Arte e a Educação Física estavam intimamente relacionadas ao trabalho com os textos que tinham como referência o tema da Festa Junina que envolveu o lúdico e o movimento na infância. Os cordéis presentes na sala de aula foram incorporados no sentido de potencializar um modo próprio de expressar a ideia e a imaginação das crianças considerando-se o tema da dança da quadrilha, os animais. Foram confeccionados livros/folhetins na tentativa de mostrar a produção literária, artística e artesanal das crianças em sala de aula. A arte entrou como uma componente na produção das capas dos folhetins utilizando-se da técnica da isogravura. Este trabalho dialoga com os estudos desenvolvidos por Schneuwly B. & Dolz, Joaquim (2004); Marchuschi (1983, 2000, 2005); Chiappini (2003) e com outros autores dos campos da linguística textual, dos gêneros discursivos e da literatura.

Palavras-chave: Cordel, Literatura, Campos de conhecimentos

SAGAS JUVENIS DISTÓPICAS DA AMÉRICA LATINA: ESPAÇO LATINO-AMERICANO, PROTAGONISMO FEMININO E ESCRITORAS MULHERES

Lais Dias de Farias (UNILA)
Mariana Cortez (UNILA)

Esta comunicação apresenta o projeto de pesquisa de iniciação científica “Sagas Juvenis Distópicas da América Latina: espaço latino-americano, protagonismo feminino e escritoras mulheres”. A investigação tem o propósito de compreender a constituição dos imaginários presentes nas sagas juvenis distópicas, que possuem protagonistas femininas e que foram elaboradas por escritoras latino-americanas. Para tanto, o estudo analisa duas trilogias: “Rebelión”, de Anna K. Franco (Argentina) e “Anômalos”, de Bárbara Morais (Brasileira). Pela realização dessa pesquisa questionamos a desqualificação do gênero juvenil, da escrita latino-americana, do protagonismo feminino e discutimos sua implicação no ensino de literatura, para descobrir como essas questões são expostas ao público alvo. A pesquisa busca valorizar o campo da literatura juvenil, ou literatura para jovens adultos, a escrita de mulheres, visando identificar nas obras contribuições relacionadas à gênero, e o diálogo entre produções latino-americanas, considerando as particularidades culturais do território, sem descartar, no entanto, a influência do fenômeno global das sagas literárias juvenis, especificamente as distópicas. Estabelecer tal diálogo entre as obras pode trazer maior reconhecimento daquilo que se produz na literatura atual da América Latina, ressaltando suas semelhanças e diferenças de acordo com o âmbito cultural e artístico, além de dar visibilidade ao trabalho de autoras latino-americanas e ressaltar o potencial de obras para jovens adultos, sobretudo, ressalta-se a implicância deste estudo para ampliar os objetos utilizados para o ensino da literatura.

Palavras-chave: Distopia; Sagas; Literatura Juvenil; Protagonismo feminino; América Latina.

A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Leonardo Júnio Sobrinho Rosa (CAPES/UFSJ/PIBID FILOSOFIA)

Maria José Netto Andrade (DFIME/UFSJ)

Enquanto áreas do conhecimento, Filosofia e Literatura são compreendidas como autônomas e distintas, sendo que, cada uma carrega em si suas especificidades. As relações existentes entre os campos supracitados ocupam lugar de destaque ao longo da história. A história da Filosofia demonstra que diversos pensadores se apropriaram do texto literário com intuito de expressar suas ideias. Do mesmo modo, autores oriundos da Literatura produziram profundas reflexões filosóficas em seus textos. Deve-se destacar que as relações entre Filosofia e Literatura não se restringem as formas literárias do texto filosófico ou da influência filosófica nas obras literárias. Acreditando no potencial dessa interface, o presente trabalho tem por objetivo analisar as relações entre Filosofia e Literatura enfatizando a relevância do texto literário como um recurso didático-pedagógico que contribui de maneira efetiva para o ensino de filosofia e para o desenvolvimento do pensar crítico e reflexivo dos estudantes. Paralelamente a isso, buscamos destacar a importância da literatura como elemento que possibilita o desenvolvimento de práticas interdisciplinares no ambiente escolar. A interdisciplinaridade entre Filosofia e Literatura tem por finalidade desarticular a fragmentação das unidades curriculares, uma vez que, inicia um processo de ressignificação do saber que busca integrar as diferentes áreas do ensino. As práticas interdisciplinares promovem uma maior interação entre estudante, professor e o conhecimento, que passa a ser concebido de modo integral e sistêmico. Além disso, a interdisciplinaridade contesta o sistema escolar predominante no país e promove um ensino libertador e autônomo. Como aporte teórico para esta análise, utilizamos as contribuições de Fabbrini (2005), Gallo (2013), Magalhães (2009), Nunes (2009), Paviani (2009) e Silva (2016).

Palavras-Chave: Filosofia. Literatura. Ensino de filosofia. Recurso didático-pedagógico. Interdisciplinaridade.

LITERATURA E CINEMA DE ANIMAÇÃO: UM ESTUDO DO POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA” EM ANIMAÇÃO

Luciano de Barros Carneiro – UFSJ/PPEDU

Este trabalho consiste em um resumo de parte de meu processo de pesquisa de mestrado e tem como objetivo, compreender parâmetros e conceitos sonoro-musicais presentes na animação “Morte e vida severina” como possibilidades em educação musical. A animação é uma tradução adaptada do poema homônimo de João Cabral de Melo Neto, obra muito importante da literatura brasileira. Este conceito de tradução é explicitado por Júlio Plaza (1987) e efetiva-se na reestruturação ou reinvenção de uma narrativa em outras linguagens, onde um mesmo objeto é representado por outros signos, neste caso, a transposição da linguagem escrita para a linguagem audiovisual. Nesta caminhada retirante em que acompanhamos os passos de Severino por meio de estudos da animação, partimos do seguinte questionamento pra refletir: Como foram produzidas as músicas, os sons e as imagens nessas produções e o que elas podem nos ensinar? Pelo exercício de decupagem da animação, realizamos a descrição de alguns trechos da produção enfatizando as características sonoras presentes nela, relacionando-as com o conceito de “paisagem sonora” desenvolvido por Murray Schaefer (2001), a fim de estimular um refinamento da escuta e da atenção ao assistir produtos como esses. Alguns parâmetros melódicos, harmônicos, rítmicos, agógica e caráter das composições musicais também são contemplados com o propósito de compreender o ambiente sonoro da animação em suas potencialidades educativas. Tecemos reflexões entre sons e imagens em diálogo com conceitos abordados por Michel Chion (2011), que considera este assunto como um contrato audiovisual. Por conseguinte, estimulamos experiências com produtos audiovisuais, como este abordado na pesquisa, em práticas no ensino de música que contemplem a paisagem sonora de que dispomos no ambiente ao redor como possibilidade de formação, enfatizando a expressividade e criatividade.

MATERIALIDADE: FOTOGRAFIA E LITERATURA INFANTIL

Ludmila Magalhães Naves - UFLA,
Ilsa do Carmo Vieira Goulart -UFLA

A partir da concepção da linguagem como figura de expressão, interação e integração social, este trabalho, considera a fotografia um artifício para comunicar ideias e sensações. Sendo assim, busca-se apresentar a materialidade fotográfica que configura sua potencialidade. Compreende-se que a narração de uma história ilustrada com fotografias permite a ampliação dos seus limites interpretativos criando um espaço dialógico com o leitor. Nesta perspectiva, tem-se como objetivo estudar sobre os princípios da materialidade fotográfica e identificar quais as potencialidades do seu uso como ilustração literária em uma obra impressa. Para tanto, realiza-se a análise do livro *Os sonhos do meu bebê*, da autora e ilustradora Adele Enersen, onde sua obra é representada por fotografias e o cenário ilustrado é construído em diálogo com a narrativa. Para a investigação utiliza-se a metodologia de análise documental que nos permite observar os meios e instrumentos empregados na composição da obra. Como base teórica, apoia-se nos estudos de Alberto Manguel, Roger Chartier, Cyntia Giroto e Renata de Souza sobre materialidade, fotografia, literatura e infância, bem como outros autores que contemplam a materialidade fotográfica como discurso e produção de sentidos. Os resultados indicam que a fotografia materializada desempenha um papel dialógico, cujos sentidos são construídos pelas múltiplas leituras, permitindo aos sujeitos leitores uma ampliação de seus limites interpretativos. Assim, conclui-se que o uso de fotografias como ilustração literária em uma obra impressa contribui de forma significativa para o envolvimento do leitor, o que mostra a materialidade da imagem fotográfica e do livro como uma importante característica na literatura.

Palavras-chave: Fotografia. Materialidade do livro. Linguagem não-verbal

TEATRO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS: POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS

Luisa Bergo (UFJF)
Vânia Miranda (TAE - UFJF)
Carolina Alves Magaldi (UFJF)

O universo das línguas gesto-visuais vem ganhando merecido espaço nas discussões acadêmicas e educacionais brasileiras. Tal assertiva pode ser percebida, por exemplo, através da promulgação da lei Nº 10.436 de abril de 2012 – que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão –, do decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 – que impulsionou e exigiu a criação do curso de Letras-Libras em várias instituições de ensino superior brasileiras – e, mais recentemente, a realização do primeiro ENEM em libras, coincidindo com a temática da redação, voltada para a educação de surdos. Nesse contexto, a presente pesquisa, desenvolvida em âmbito de iniciação científica na UFJF, vem estudar uma tendência igualmente recente: a do teatro bilíngue em línguas orais e gesto-visuais. O estudo de caso conduzido versou sobre a peça *Spring Awakening*, originalmente escrita na Alemanha, entre 1890 e 1891, que trata de questões relacionadas a dificuldades de comunicação entre jovens e adultos. A reescrita em língua inglesa possibilitou a sobrevivência do texto da Alemanha nazista, mas ele não encontrou um público imediato nos Estados Unidos, uma vez que sua temática era considerada polêmica. Desde 1955, a peça ganhou diversas produções, incluindo dois musicais de grande sucesso, produzidos em 2006 e 2015. A versão mais recente foi produzida pela companhia *Deaf West*, especializada em produções com atores e público surdos. Um dos aspectos marcantes dessa peça está na sincronicidade das manifestações em ambas as línguas, considerando que o ritmo é ditado pela trilha sonora e alguns dos protagonistas são surdos. Dessa forma, almejamos compreender como se dá a construção de peças bilíngues, de forma a problematizar sua possível utilização em contextos educacionais, como estratégia de ensino bilíngue.

Palavras-chave: Línguas de Sinais. Teatro Bilíngue. *Spring Awakening*.

INTERDISCIPLINARIDADE EM FOCO: OLHARES DA LITERATURA E DA MATEMÁTICA SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Eliandra Moraes Pires - UFSC
Everaldo Silveira - UFSC
Marivane Pereira Klippel - UFSC
Nadir Peixer da Silva – UFSC

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir/discutir o processo de formação continuada de professores alfabetizadores no *eixo de formação docente – interdisciplinaridade*, nas áreas da Língua Portuguesa e Matemática, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com foco nas práticas de leitura e escrita. Além disso, esta pesquisa traz à luz a temática do *Planejamento Anual* para as duas áreas, via proposta metodológica defendida por Saviani (2012 [1983]), evidenciada pela *prática social*, que leva em consideração os conhecimentos e a experiência historicizada pela humanidade. Além disso, esta proposta coaduna-se com a análise dos encontros de formação continuada do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, ocorridos no segundo semestre de 2017, no polo do município de Laguna, no estado de Santa Catarina. A escolha do tema desta pesquisa deve-se ao fato do PNAIC trazer, em suas formações, reflexões e sugestões de atividades para alfabetização e letramento, bem como incentivo à formação de leitores possibilitando o contato com diferentes obras literárias. As formações priorizaram a aproximação entre a Matemática e também a Literatura, no âmbito da Língua Portuguesa, com vistas ao desenvolvimento do pensamento reflexivo, da argumentação e generalização. Deste feito, o envolvimento entre a Literatura e a Matemática pode apontar caminhos para uma formação que revele elementos essenciais ao preparo do sujeito para uma educação plena, cidadã e transformadora, prezando pela formação humana integral não somente dos docentes participantes das formações continuadas, como, também, dos alunos atendidos.

Palavras-chave: Literatura, Matemática, Formação Continuada de Professores, Formação Humana Integral.

MITOLOGIA E ENSINO RELIGIOSO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA OBRA DE RICK RIORDAN

Mauro Rocha Baptista (UEMG, E.E. Adelaide Bias Fortes)
Damodara Krishna Devi DasiVargas (PAPq/UEMG)
Breno de Oliveira Dutra Baêta (PAEx/UEMG)
Talita Ariane da Silva Ferreira (PAEx/UEMG)
Antônio Victor Bissulle Maciel (BIC Júnior/FAPEMIG-CNPq)
Luna Damázio Bernardo de Assis (BIC Júnior/FAPEMIG-CNPq)

Neste trabalho apresentamos alguns dos resultados obtidos com a aplicação de atividades de ensino, pesquisa e extensão em desenvolvimento desde 2016 junto ao Núcleo de Pesquisa “Educação: Subjetividade e Sociedade” da UEMG-Barbacena envolvendo alunos da Escola Estadual Adelaide Bias Fortes. Visando uma modificação do *status* da disciplina de Ensino Religioso, geralmente tratada como uma complementação de carga horária destinada a criar uma forma de tempo livre para os alunos, a equipe do NPES organizou uma série de atividades envolvendo a relação entre um método de ensino lúdico, porque entendemos que para modificar esse *status* não é necessário se perder em meras formalizações conteudistas, e um objeto de estudos que estivesse próximo à realidade dos alunos envolvidos. Neste sentido a Mitologia se apresentou como um tema capaz de manter a proposta de uma discussão sobre religião; abrir essa discussão para uma abordagem arquetípica das ações e reações humanas, em toda a sua fragilidade humana; aproximar os envolvidos com jogos eletrônicos como *God of War*, ou os leitores das sagas místicas como *Percy Jackson*; ou ainda os que conheciam a temática de filmes como *Fúria de Titãs*, a trilogia *Thor* da Marvel e mesmo o desenho *Hercules* da Disney. De alguma forma os alunos reconheciam a temática, ao mesmo tempo que eram retirados do conforto de colorir os símbolos da páscoa. De todas estas aproximações, a obra de Rick Riordan é a que tem oferecido uma maior possibilidade de trabalho, especialmente porque usa como elemento fundamental

de seu desenvolvimento o universo da mitologia lançado no contexto dos dias atuais e apresenta como personagens jovens que passam pelos mesmos dramas dos alunos envolvidos, como a tensa relação com os pais, os amores não correspondidos e a dificuldade de manter a atenção na escola.

TECENDO AFRICANIDADES NO CEARÁ A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA ADJOKÈ E AS PALAVRAS QUE ATRAVESSARAM O MAR

Patrícia Pereira de Matos – (IF SUDESTE)

Gostar de ler, de ouvir e de narrar histórias faz parte do cotidiano individual e coletivo das sociedades. Sentar ao redor de uma fogueira, ou embaixo de uma grande e frondosa árvore, nas casas de farinha, à beira mar, nas calçadas, no pátio das escolas, sempre há pessoas contando narrativas envolventes que suscitam o desejo de saber mais, principalmente quando as histórias falam de nós mesmos. Há um grande interesse e envolvimento em ouvir e narrar histórias que revelem heróis e heroínas, que pareçam conosco, que nos representem de forma positiva. Esse relato de experiência objetiva revelar ações que trazem o ensino e a pesquisa sobre a história da África e Afro-brasileira para o debate no currículo escolar. A literatura toca a alma com contos que contam histórias sobre nós. Narrativas literárias que encantam a todos e todas, fortalecem autoestimas efetivando aprendizagens, perpassando valores humanos, o respeito à diversidade, valorização de cada indivíduo a partir de suas histórias e suas culturas. Buscamos na arte da literatura e na musicalidade efetivar no currículo escolar o estudo e o debate das culturas africanas, afrobrasileira, percebendo a tessitura das africanidades no cotidiano do Ceará, de Fortaleza, de nossas salas de aulas organizando com jovens grupos de estudo e debate, coletivos de contadoras de histórias e produção de material didático a partir da obra literária Adjokè e as Palavras que Atravessaram o Mar.

Palavras – chaves: currículo; formação; literatura, aprendizagem; diversidade

LITERATURA INFANTIL E O ENSINO DE CIÊNCIAS

Priscila Nádia Santos de Oliveira - UFMG

Eliane Ferreira de Sá - UFMG

Até poucos anos atrás era prática nas escolas adiar o ensino de ciências para os anos finais do ensino fundamental, com o argumento de que aprender ciências só era possível com as crianças alfabetizadas. Atualmente, é crescente o número de pesquisadores que defendem a ideia de que é possível que a criança aprenda a ler e escrever, lendo e escrevendo conteúdos de ciências (LIMA; LOUREIRO, 2013; VON LINSINGEN, 2008). Esta concepção é reforçada por ações do Ministério da Educação, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, consubstanciada na MP Nº586/2012. Nessa prática, a educação em ciências é entendida como conteúdo da própria escrita, leitura e interpretação. Neste contexto, torna-se importante conhecer as possíveis temáticas de ciências nos livros destinados às crianças para estabelecer o potencial literário e valor pedagógico destes livros para o ensino de ciências. O objetivo desse trabalho é investigar temáticas de ciências, presentes nos livros de literatura infantil da biblioteca de uma escola pública federal. Realizou-se um mapeamento no acervo e foram catalogados 321 títulos, que apresentaram potencialidades para trabalhar temáticas de ciências, de um total de 3718 títulos de literatura infantil presentes na biblioteca. Esses títulos foram organizados nas categorias: Água, ar e pressão (23); Animais (150); Astronomia (25); Cores, Luz e Sombras (13); Corpo Humano e Saúde (17); Força, Energia e Transformação (15); Materiais (8); Meio Ambiente e Educação Ambiental (60); Som (6) e Calor e Temperatura (4), categorias que emergiram da leitura dos títulos. Acreditamos que a ciência e a literatura, apesar de suas linguagens específicas e métodos próprios, quando são postas em interação podem trazer grandes contribuições para a compreensão do mundo. Nesse sentido, há um ganho para a comunidade escolar ao explorar as diferentes leituras e ao introduzir um outro repertório no processo de leitura e escrita da criança.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Ensino de Ciências. Anos iniciais do ensino fundamental. Educação Infantil. Educação Básica.

A LITERATURA DE RICARDO LÍSIAS: UMA VISTA PARTICULAR SOBRE A ARTE E SUA RELAÇÃO COM O ETHOS NA CONTEMPORANEIDADE

Reinaldo Ziviani da Silva (UFSJ)

O presente trabalho destaca os modos singulares de produzir literatura do escritor Ricardo Lísias no contexto da arte contemporânea. A relevância deste estudo no que concerne à educação é a compreensão da relação entre arte e política, num sentido amplo, e seu impacto cultural. O escritor em questão se notabilizou por polêmicas, dentre elas a do livro *Divórcio* (Alfaguara, 2013). Lísias se queixa em algumas entrevistas da recepção de “má-fé” de parte da imprensa que enfatizou apenas o caráter autoficcional da obra, criando boatos sobre sua intencionalidade. Segundo ele, esse episódio o ensinou a se utilizar de boatos em sua criação artística. O que ocorre, de fato, é que Lísias produz literatura nos moldes de elaboração da arte contemporânea, isto é, joga com os significados, inclusive extraliterariamente, fazendo emergir a consciência de que tudo pode assumir o estatuto de arte, como ressalta Cauquelin. A teórica francesa também nos atenta para a mistura das funções dos elementos componentes da produção de uma obra na atualidade, sendo que divulgação – ou boato – passa a fazer parte da obra, como o público espectador passa a ser o seu autor. A literatura, assim como as artes, seria, segundo Rancière, uma forma de visibilizar as possibilidades de participação social de cada sujeito ou grupo dentro de uma coletividade, atualmente sob um regime estético ou antimimético. Esse sistema afeta não apenas as artes, mas também efeito de real em outras áreas da expressão humana. E é essa temática que Lísias apresenta no seu último livro *A vista particular* (Alfaguara, 2016), onde não apenas discute esse jogo performático, como também a fabricação de verdades e mitos e a relação simbólica e política assumida por eles.

A POTÊNCIA DA LITERATURA NA METODOLOGIA DE “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”

Cristiane Fatima Silveira - UFSJ

Nos anos de 1960, o filósofo Matthew Lipman elaborou um programa de ensino que buscava relacionar os conceitos de educação, filosofia e criança, o qual ficou conhecido como “Filosofia para Crianças”. Atualmente, o filósofo brasileiro Walter Kohan propõe uma metodologia que tem como base os trabalhos de Lipman, porém, se diferenciando em alguns aspectos, como, por exemplo, na passagem da nomenclatura inicial para “Filosofia com Crianças”, o que, segundo ele, aproxima filosofia e criança, visto que a metodologia é desenvolvida com as crianças, e não para elas. Nessa proposta, o educador deve permitir que as crianças participem ativamente de seu processo de aprendizagem, construindo um pensamento mais crítico e criativo. Com base na metodologia de Kohan, em sua releitura do método de Lipman, elenco seis momentos essenciais para o desenvolvimento de verdadeiras aulas filosóficas nas escolas, onde a Literatura pode ter um papel muito especial. São eles: “disposição inicial”, “leitura de um texto”, “problematização do texto”, “escolha de temas”, “diálogo” e “para continuar pensando”. O segundo momento, “leitura de um texto” dá início ao exercício do pensamento, momento este em que a Literatura pode estar presente nesta metodologia, enriquecendo-a. A Literatura deve ser cautelosamente selecionada, pois, dela serão retiradas as reflexões, problematizações, escolha de temas e diálogos, que culminarão em conhecimentos construídos individual e coletivamente, sobre os mais diferentes temas. A Literatura abre as portas da construção de saberes significativos para os educandos, uma vez que, eles dialogarão sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção no texto, havendo ainda a possibilidade de debaterem sobre temas inter-relacionados ao inicial. É a partir da leitura/vivência do texto, que se iniciam os questionamentos e o pensamento do educando é aguçado, levando-o a construir um pensamento crítico, criativo e autotransformador.

PROJETO LITERATURA INFANTIL/ARTES VISUAIS CONFEÇÃO ARTESANAL DE UM LIVRO DE HISTÓRIA

Eliette Aparecida Aleixo - Centro Pedagógico- UFMG

O Projeto “Vamos fazer um livro?” se apresenta com o objetivo de integrar Artes Visuais e literatura, com a culminância na confecção de um livro de história artesanal criado coletivamente por estudantes do 1º ciclo (seis a oito anos) do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Nesse projeto os alunos são incentivados a refletirem sobre a condição do objeto livro, especificamente de literatura infantil, e seus elementos constitutivos como texto visual e verbal, capa, título, formato, tipo de encadernação, diagramação, design gráfico. Tem por objetivo principal conhecer e refletir sobre a estética do conteúdo dessa composição e o porquê de sua existência. Para isto, o processo metodológico desta proposta de trabalho inclui algumas discussões prévias com os estudantes, relacionados com o livro de literatura infantil, para posterior criação coletiva de uma história, onde cada estudante será responsável por uma página do livro. Apesar disso, as etapas de elaboração da história e do livro são realizadas de forma bastante colaborativa, uma vez que a produção final é um único livro e este deve representar e apresentar alguns “acordos” plásticos e verbais de cada um. A avaliação dos resultados permite constatar que as crianças participantes desse projeto possuem um estímulo a mais para a leitura de livros literários infantis, onde são capazes de identificar todos os elementos constitutivos do livro, além das narrativas verbais e visuais, ou seja, título, contracapa, folha de guarda, orelha, autor (a), ilustrador (a), diagramação, tipografia. Verifica-se que isto propicia um olhar mais criterioso na leitura deste gênero, sem desconsiderar o desfrute do fantástico e do imaginário, elementos indispensáveis do universo infantil. Os estudantes apontam suas curiosidades e aprendizados diversos nesta experiência de vivência cultural e artística.

A TECELÃ DAS NOITES CONTADAS

Cibele Aparecida de Moraes - UFSJ
Sonia Moraes Haddad - Grupo Artear Histórias de Vida

Este trabalho tem por objetivo interpretar a performance da narradora de *A contadora de filmes*, de Hernán Rivera Letelier, publicado no Brasil em 2012 pela Cosac Naify. Maria Margarita, ao recontar em público os filmes a que assistia num povoado isolado nas profundezas das minas de sal chilenas, se apresenta como uma Scherazade latino-americana, adiando, noite a noite dos domingos, a desesperança impregnada na alma de seus conterrâneos, corroídos de aridez. Na obra em questão, podemos perceber a Literatura sendo vivida em íntima relação com a Psicanálise e o Cinema, ao transcender realidades com base na encarnação do poder da palavra, oferecendo aos leitores uma fecunda tessitura artesanal, capaz de unificar, sob o signo da Arte, a própria mimese que a define como tal. Com apoio teórico de Antoine Compagnon, Tzvetan Todorov, Walter Benjamin, Roland Barthes, Adélia Bezerra de Meneses, Maria da Graça Paulino e Ivete Walty, pretendemos também chegar a indicativos que ampliem respostas à questão do papel da Literatura na escola, onde aquela deve ser vivida em toda a sua integridade, de modo a garantir vias diversificadas de acesso ao poder das significações. Se ela corre perigo, Literatura na escola para quê? Estaremos preparados para ultrapassar os dogmas disciplinares que a cerceiam? Será mesmo a Literatura — como reflexão sobre a premência do discurso artístico na formação do homem do século XXI — insubstituível na sala de aula? Há realmente possibilidades que somente a Literatura pode nos oferecer? Ela é ainda capaz de criar e transmitir valores na contemporaneidade?

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Cinema, Escola.

ACESSO AO TEXTO LITERÁRIO ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Sarah Satsuki Oliveira Nakano (Profletras UFMG)

O trabalho a ser apresentado constitui parte da pesquisa que realizo no Profletras (UFMG) que se fundamenta por meio de um projeto de ensino com foco no processo de mediação para o acesso ao texto literário, mais especificamente à literatura afro-brasileira. A pesquisa parte da necessidade de propor um novo olhar para lidar com as diversidades socioculturais, de maneira a incluir as vivências, práticas e saberes que fazem parte da vida de nossos alunos, a fim de incentivá-los no processo de se reconhecerem como protagonistas do processo educacional e também da apropriação literária, fazendo com que os muros entre a escola e a comunidade sejam diminuídos. Assim, o projeto de ensino tem como ponto de partida o diálogo e o envolvimento dos alunos com o Reinado, um festejo popular da cidade de Cláudio - MG, com seus cantos e contos que revelam um lugar de resistência e permanência da memória, uma vez que os rituais, histórias, músicas e dramatizações são transmitidos através da tradição oral, desde a fundação dos Ternos. Busca-se, com essa experiência, criar novas práticas de ensino, objetivando o desenvolvimento da autonomia do aluno por estreitar os laços entre a experiência vivida e a aprendizagem em sala de aula, tornando o saber um meio de ler o mundo, promovendo valores de cidadania, memória e identidade, por meio de atividades que visam estimular a pesquisa, a interação, o compartilhamento de saberes e, acima de tudo, a inserção do aluno no universo da literatura afro-brasileira e toda a riqueza de elementos que a constituem.

A LITERATURA E A MÚSICA NO IFMS CAMPUS JARDIM

Sirley da Silva Rojas Oliveira- IFMS

O presente trabalho tem como intuito levar os estudantes do campus Jardim do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul a apreciar mais a literatura e a música. No ano de 2016, juntamente com dois estudantes dos cursos Técnicos Integrados, iniciei um trabalho de Iniciação científica intitulado *Interdisciplinaridade: a presença e a contribuição da música para o ensino na cidade de Jardim*, no qual pesquisamos a utilização da música por professores da área de linguagens da cidade. Para atingir tal intuito analisamos canções que foram produzidas por meio de processos distintos de composição de melodia e letra, como *A Fábrica do Poema*, de Waly Salomão e Adriana Calcanhoto, na qual o poema foi escrito primeiro e depois ganhou melodia e *Carinhoso*, de Pixinguinha e João de Barro, em que a música foi composta antes da letra ser incorporada à canção. Para o embasamento teórico lemos um pouco da teoria de José Miguel Wisnik presente em *O Som e o Sentido*. Para entender um pouco mais a relação entre letra e melodia usamos *Literatura e Música* de Solange Ribeiro de Oliveira. A pesquisa foi feita em escolas estaduais e no Instituto Federal do Mato Grosso do Sul da cidade de Jardim MS, meus orientandos criaram questionários que ao serem aplicados mostraram que a música é pouco ou quase não utilizada por professores de Literatura, mas os resultados apontaram para o fato de os estudantes se interessam muito pelas aulas que aliam as duas artes. Baseados nesses resultados criamos alguns projetos para levar a música e a literatura para os estudantes do campus Jardim. Após algumas apresentações mostrando como professores, principalmente de literatura, poderiam usar a música em suas aulas e ao notar um grande interesse por parte dos estudantes em nossas apresentações, montamos dois grupos de pesquisa para levar um pouco mais sobre literatura e música aos nossos jovens.

LITERATURA INFORMATIVA OU INFORMAÇÃO LITERÁRIA? OS LIMITES ENTRE A COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA E A LITERATURA NO DIÁRIO DE PILAR

Thais Cabral Leocádio - UFMG

O presente trabalho tem como objetivo discutir as inter-relações entre comunicação, ciência e educação na obra *Diário de Pilar em Machu Picchu*, escrita por Flávia Lins e Silva, ilustrada por Joana Penna e publicada pela

editora Zahar. É interesse da pesquisa estabelecer limites e tensões entre a ficção literária e a informação científica apresentadas no livro, tanto nos textos verbais, quanto nos textos imagéticos. Um livro ilustrado infantil pode ser considerado informativo e literário ao mesmo tempo? Em que medida essas duas classificações podem – ou não – coexistir? A relevância desta pesquisa se deve ao fato de a dimensão de comunicação da ciência para crianças no livro ilustrado ser tão importante para a sociedade tecnológica em que vivemos, embora ainda tão pouco explorada. O caráter multimodal de o *Diário de Pilar em Machu Picchu* é outro elemento de destaque na análise, que também buscará uma reflexão sobre as aproximações entre transmidialidade, ciência e literatura. É atribuída à personagem a autoria de um *blog* e de um canal no *YouTube*. Desse modo, Pilar se descola do impresso, tem uma existência própria, conversa diretamente com os leitores que escrevem para ela nas páginas *on-line*. As discussões serão embasadas por ponderações de Ana Garralón (2015), que se dedica aos livros informativos; Peter Hunt (2010), no que tange às contribuições políticas e comerciais da literatura infantil; Celia Belmiro (2012), sobre o conceito de livro ilustrado, além de Gunther Kress (2010), com a multimodalidade e Claus Clüver (2006), pesquisador dedicado à intermedialidade.

Palavras-chave: comunicação; ciência; educação.

HETERONORMATIVIDADE NA PUBLICAÇÃO DE NARRATIVAS INDÍGENAS PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Joaquim (bolsista IC - UFJF)
Vera Fernandes (bolsista IC UFJF)
Carolina Alves Magaldi (orientadora - UFJF)

A contemporaneidade tem visto um aumento exponencial das possibilidades de definições identitárias nos campos do gênero e da sexualidade. Na rede social Facebook, por exemplo, já existem mais de 50 possibilidades de definições de gênero, e pelo menos uma delas é advinda de culturas indígenas: a noção de “dois espíritos”. Na realidade, “dois espíritos” é um termo guarda-chuva, que engloba uma profusão de conceitos não heteronormativos em culturas indígenas. Os indígenas “dois espíritos”, sobretudo os norte-americanos, acreditavam ser seres abençoados pela natureza por serem dotados de espírito masculino e feminino e por, ainda, poderem desempenhar funções destinadas a ambos os gêneros. Dessa forma, o nativo que nascesse homem poderia naturalmente vestir-se como mulher e executar funções como cozinhar e cuidar das crianças, ao mesmo tempo em que ele também poderia sair para caçar com os outros homens da tribo. E caso desejasse, o indígena *two spirit* poderia, ainda, escolher o gênero com o qual mais se identifica a fim de adequar-se a suas vestimentas e tarefas diárias. Um caso marcante é do guerreiro Osh-Tisch, da tribo Lakota, que nasceu homem, casou-se com uma mulher e, ao longo de sua vida, vestiu-se com roupas femininas e desempenhou funções também femininas. No entanto, no campo da literatura infanto-juvenil, as narrativas de origem indígena não refletem essa riqueza de construções identitárias, priorizando somente os modelos heteronormativos. Na presente comunicação, parte integrante de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na UFJF, buscaremos analisar dois exemplos de narrativas infanto-juvenis de origem indígena para problematizar a construção de gênero e sexualidade, contrapondo a recentes estudos que buscam elucidar a diversidade sexual e de gênero que permeia as culturas indígenas nas Américas do Norte e Sul, bem como comunidades aborígenes na África, Europa e Oceania.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Identidades de gênero. *Two spirit*. Heteronormatividade.

PERCEPÇÕES INTELIGÍVEIS SOBRE A CANÇÃO E A LITERATURA PARA O ENSINO MÉDIO

Vitor Ferreira (UFRJ)

Diante de uma educação que não se preocupa apenas com o que ensinar, mas também, como ensinar e diante de alunos inseridos num ambiente tecnológico e novo, a procura por formas para resgatar o interesse do jovem certamente se faz necessária a fim de que o ensino se torne proficiente. Pensando nessa questão, urge um trabalho sobre a literatura e a canção (letra e música) contemporânea num contexto que envolva a realidade do aluno, assim como o ambiente tecnológico em que ele está inserido. A literatura e a canção podem ter sim uma função lúdica, de entreter indivíduos. Todavia, ambas não se resumem/reduzem somente a isso, pois são também um recurso de crescimento e desenvolvimento humano. Podemos dizer que as palavras são capazes de narrar e reproduzir coisas que a música (refere-se à harmonia e à melodia) não pode, por outro lado esta tem a capacidade diferenciada de exprimir certas emoções e climas. Contudo, não nos interessa discutir canção/música e literatura e nem quais elementos de cada área possuem prioridade sobre outros, mas refletir como essas linguagens podem operar em conjunto. Temos como objetivo tentar alcançar tanto uma percepção sociocultural quanto um incentivo à leitura literária, buscando apresentar formas possíveis para que a literatura adentre o ambiente escolar com mais facilidade, dialogando com a canção presente na mídia atual. Para isso, buscaremos operacionalizar os conceitos do Círculo de Bakhtin a uma proposta metodológica de leitura de vídeos, pensando numa atividade que possa ser utilizada com alunos do Ensino Médio. Partiremos dos conceitos de interação discursiva, dialogismo, ideologia do cotidiano, ideologia formada e responsividade para um olhar sobre o vídeo da canção – Um homem que não tinha nada – do artista Projota. Com isso, esperamos alcançar uma proposta de trabalho que possa gerar inteligibilidade desses alunos acerca do mundo que os cerca.

Palavras-chave: Literatura; canção; Círculo de Bakhtin.

MÚSICA E LITERATURA EM DUAS EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO MUSICAL COLETIVA EM SALA DE AULA

Sofia Leandro - UFSJ

Este trabalho apresenta o resultado de duas experiências de criação coletiva de canções, com duas turmas de uma escola do ensino artístico de música em Portugal. A primeira experiência foi desenvolvida com uma turma de crianças e a segunda com uma turma de adolescentes. Ambos os projetos decorreram durante o segundo trimestre letivo, o primeiro no ano de 2014 e o segundo no ano de 2015. Enquanto que com a turma de crianças o diálogo entre a música e a literatura se deu no âmbito de uma proposta que envolvia tanto a criação coletiva das letras como das músicas das canções, com a turma de adolescentes partiu-se de um produto literário preexistente – quatro poemas de Luís de Camões –, sobre o qual foram compostas as canções. Os objetivos de ambos os projetos criativos passavam pela promoção de uma experiência de criação musical; pelo estímulo ao trabalho em grupo; por dar aos alunos a oportunidade de interpretar a sua própria música, e também de tocar o acompanhamento nos seus próprios instrumentos. As atividades diretamente relacionadas com a literatura surgiram por motivos diferentes nos dois grupos. No primeiro grupo, a produção literária serviu como atividade facilitadora para o alcance dos objetivos no processo de composição musical. No segundo grupo, procurou-se estabelecer uma comunicação multidisciplinar entre os conteúdos das aulas de música com os de outra disciplina do currículo, Português. A discussão acerca da primeira experiência, que resultou na composição e performance de *Três histórias infantis*, está enfocada na poesia enquanto produto literário que pode auxiliar e favorecer a criação musical. Já no caso da segunda experiência, que culminou na composição e performance de *Quatro canções sobre poemas de Luís de Camões*, procurase demonstrar como as imagens e significados dos poemas selecionados se traduziram na música criada pela turma.

Palavras-chave: literatura e música, poesia e canção, educação musical, composição coletiva